



## ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

# GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**  
N.2 - Segundo Levantamento – Intenção de Plantio  
Novembro/2014

### Boletim de Monitoramento Agrícola

Cultivos de Inverno – **SAFRA 2014**  
Cultivos de Verão – **SAFRA 2014/15**  
2ª quinzena de outubro de 2014



**Presidenta da República**

Dilma Rousseff

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)**

Neri Geller

**Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

Rubens Rodrigues dos Santos

**Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

João Marcelo Intini

**Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)**

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

Francisco Olavo Batista de Sousa

**Equipe Técnica da Geasa**

Alessandro Lúcio Marques

Bernardo Nogueira Schlemper

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Eledon Pereira de Oliveira

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

**Superintendências Regionais**

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



## ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

# GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**  
N.2 - Segundo Levantamento – Intenção de Plantio  
Novembro/2014

**Boletim de Monitoramento Agrícola**  
Cultivos de Inverno – **SAFRA 2014**  
Cultivos de Verão – **SAFRA 2014/15**  
2ª quinzena de outubro de 2014

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v.2 - Safra 2014/15, n.2 - Segundo Levantamento, Brasília, p. 1-98, nov. 2014.



Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>  
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro  
Publicação integrante do Observatório Agrícola  
ISSN: 2318-6852

Tiragem: 1.000

Impresso no Brasil

Colaboradores

Társis Rodrigo de Oliveira Piffer (Geote)	Luciene de Souza Ribeiro (Geint)
Fernando Arthur Santos Lima (Geote)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Francielle do Monte Lima (Estagiária - Geote)	Rogério Dias Coimbra (Geint)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)	Asdrúbal de Carvalho Jacobina (Gecup)
Patricia Maurico Campos (Geote)	Djalma Fernandes de Aquino (Gefip – Algodão)
Divino Cristino de Figueiredo (Geote)	Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
Lucas Barbosa Fernandes (Geote)	João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Mozar de Araújo Salvador (INMET)	Paulo Magno Rabelo (Gerab – Trigo)
Edna Matsunaga de Menezes (Geint)	Sérgio Roberto dos Santos (Gerab – Arroz)
Elza Mary de Oliveira (Geint)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)
Iure Rabassa Martins (Geint)	

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem (AC); Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca (AL); Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva (BA); Eliberton Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luiz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos (GO); Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo (MA); Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes (MS); Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho (MT); Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto (PR); Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva (PI); Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva (PE); Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Anderson Gomes (RO); Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida (RR); Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); Fausto Almeida (SE); Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha (TO).

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)  
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafra/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)  
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013- ) – Brasília : Conab, 2013-  
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007- ).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

## Sumário

1. Introdução.....	4
2. Estimativa da área plantada .....	5
3. Estimativa de produtividade.....	6
3.1. Método estatístico.....	7
3.1.1. Dados.....	7
3.1.2. Séries temporais.....	7
3.1.2.1. Modelos de Box-Jenkins para séries estacionárias.....	7
4. Estimativa da produção .....	9
5. Vazio sanitário.....	12
6. Insumos agrícolas.....	17
6.1. Agrotóxicos.....	17
6.2. Adubos.....	17
6.3. Mercados de insumos.....	19
6.3.1. Fertilizantes.....	19
6.3.2. Máquinas agrícolas.....	20
7. Crédito rural.....	21
8. Monitoramento agrícola.....	26
8.1. Condições meteorológicas recentes.....	27
8.2. Prognóstico para o trimestre nov-dez/2014 e jan/2015.....	28
8.3. Monitoramento agrometeorológico.....	28
8.4. Monitoramento espectral.....	31
8.4.1. Noroeste rio-grandense.....	32
8.4.2. Oeste catarinense.....	33
8.4.3. Norte mato-grossense.....	34
8.4.4. Sudeste mato-grossense.....	35
8.4.5. Sul goiano.....	36
8.4.6. Sudoeste do Mato Grosso do Sul.....	38
8.4.7. Oeste paranaense.....	39
9. Análise das culturas.....	41
9.1. Culturas de verão.....	41
9.1.1. Algodão.....	41
9.1.1.1. Oferta e demanda.....	45
9.1.2. Amendoim.....	46
9.1.2.1. Amendoim primeira safra.....	46
9.1.2.2. Amendoim segunda safra.....	48
9.1.2.3. Amendoim total.....	49
9.1.3. Arroz.....	50
9.1.4. Feijão.....	54
9.1.4.1. Feijão primeira safra.....	54
9.1.4.2. Feijão segunda safra.....	57

9.1.4.3. Feijão terceira safra.....	59
9.1.4.4. Feijão total.....	60
9.1.5. Girassol.....	61
9.1.6. Mamona.....	63
9.1.7. Milho.....	64
9.1.7.1. Milho primeira safra.....	64
9.1.7.2. Milho segunda safra.....	67
9.1.7.3. Milho total.....	70
9.1.8. Soja.....	71
9.1.9. Sorgo.....	76
9.2. Culturas de inverno.....	78
9.2.1. Aveia.....	78
9.2.2. Canola.....	80
9.2.3. Centeio.....	81
9.2.4. Cevada.....	82
9.2.5. Trigo.....	83
9.2.5.1. Oferta e demanda.....	88
9.2.6. Triticale.....	89
10. Balanço de oferta e demanda.....	90
11. Anexos.....	91

## 1. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos e de outras lavouras. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês a Companhia divulga o segundo levantamento da safra 2014/15, onde se indica a intenção de plantio das culturas de primeira safra (algodão, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja) e atualização das informações das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) que se encontram na fase de colheita.

Neste levantamento foram coletadas informações de área plantada e/ou a ser plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas para as culturas de primeira safra, além de evolução da colheita das culturas de inverno. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, Secretarias de Agricultura, órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros, de mercado e de insumos, que subsidiam os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

A tomada de decisão dos agentes econômicos para o plantio da safra 2014/15 se baseia, principalmente, nos preços dos produtos. Nos gráficos em anexo encontram-se os preços recebidos pelos produtores no período entre outubro/2013 e outubro/2014, pesquisados pela Conab e disponibilizados na sua página eletrônica ([www.conab.gov.br](http://www.conab.gov.br) – destaque no portal principal). A intenção é oferecer ao usuário deste documento, uma visão de como se comportou os preços dos principais produtos agropecuários.

O trabalho de avaliação de safras da Conab se enquadra nas recomendações de diversas Instituições internacionais no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos em campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Na busca constante da melhoria da qualidade das informações da safra agrícola, a Companhia utiliza-se, desde o levantamento anterior, de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de verão (primeira, segunda e terceira safras). Esse procedimento será adotado até o momento em que as informações de produtividade forem apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas.

Vale destacar também que, o presente Boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

## 2. Estimativa da área plantada (56,67 a 58,16 milhões de hectares)

A estimativa é que o país plante, nesta safra, entre 56,67 e 58,16 milhões de hectares. Isso equivale a uma redução de 0,5 em relação à safra anterior, a um aumento de 2,1%. A média das últimas dez safras é um aumento de área de 1,9%, o que nos leva a crer que a expectativa está dentro do que tem ocorrido nos últimos anos.

A possibilidade de redução ocorre em função da menor expectativa de área plantada do milho primeira safra, sobretudo, na Região Centro-Sul do país, responsável por 62,6% da área plantada do país. Isso é uma tendência das últimas safras, sendo que o cereal tem perdido espaço para o cultivo da soja.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	13/14 (a)	14/15		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	1.121,6	962,0	1.049,0	(14,2)	(6,5)	(159,6)	(72,6)
AMENDOIM TOTAL	105,3	99,1	104,4	(5,9)	(0,9)	(6,2)	(0,9)
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	88,0	93,3	(6,6)	(1,0)	(6,2)	(0,9)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	11,1	11,1	-	-	-	-
ARROZ	2.386,9	2.262,1	2.483,4	(5,2)	4,0	(124,8)	96,5
FEIJÃO TOTAL	3.333,4	3.187,6	3.233,1	(4,4)	(3,0)	(145,8)	(100,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.163,6	1.017,8	1.063,3	(12,5)	(8,6)	(145,8)	(100,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.491,2	1.491,2	1.491,2	-	-	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	678,6	678,6	678,6	-	-	-	-
GIRASSOL	145,7	145,7	145,7	-	-	-	-
MAMONA	101,3	116,3	141,0	14,8	39,2	15,0	39,7
MILHO TOTAL	15.800,7	15.223,7	15.513,7	(3,7)	(1,8)	(577,0)	(287,0)
MILHO 1ª SAFRA	6.618,0	6.041,0	6.331,0	(8,7)	(4,3)	(577,0)	(287,0)
MILHO 2ª SAFRA	9.182,7	9.182,7	9.182,7	-	-	-	-
SOJA	30.173,1	30.878,2	31.698,1	2,3	5,1	705,1	1.525,0
SORGO	731,0	731,0	731,0	-	-	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>53.899,0</b>	<b>53.605,7</b>	<b>55.099,4</b>	<b>(0,5)</b>	<b>2,2</b>	<b>(293,3)</b>	<b>1.200,4</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2014 (a)	2015		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	144,0	144,0	144,0	-	-	-	-
CANOLA	44,9	44,9	44,9	-	-	-	-
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-	-	-
CEVADA	117,1	117,1	117,1	-	-	-	-
TRIGO	2.716,1	2.716,1	2.716,1	-	-	-	-
TRITICALE	39,5	39,5	39,5	-	-	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>3.063,4</b>	<b>3.063,4</b>	<b>3.063,4</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>56.962,4</b>	<b>56.669,1</b>	<b>58.162,8</b>	<b>(0,5)</b>	<b>2,1</b>	<b>(293,3)</b>	<b>1.200,4</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Vale destacar também a redução na área a ser cultivada com algodão e feijão primeira safra, visto que os preços pagos ao produtor estão aquém das expectativas dos produtores. Já a expectativa de aumento se deve especialmente pela previsão de aumento de área de soja de 2,3 a 5,1%. Com exceção de Roraima, onde o plantio se inicia em abril, e o Pará e Distrito Federal que deve manter a área da safra passada, há expectativa de aumento de área para todos os outros estados produtores.

### 3. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

PRODUTO	SAFRAS		VARIACÃO	
	13/14	14/15	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
<b>ALGODÃO - CAROÇO <sup>(1)</sup></b>	<b>2.381</b>	<b>2.462</b>	<b>3,4</b>	<b>81,0</b>
<b>ALGODÃO EM PLUMA</b>	<b>1.546</b>	<b>1.598</b>	<b>3,4</b>	<b>52,0</b>
<b>AMENDOIM TOTAL</b>	<b>2.998</b>	<b>3.491</b>	<b>16,4</b>	<b>492,6</b>
<b>AMENDOIM 1ª SAFRA</b>	<b>3.095</b>	<b>3.663</b>	<b>18,4</b>	<b>568,2</b>
<b>AMENDOIM 2ª SAFRA</b>	<b>2.179</b>	<b>2.085</b>	<b>(4,3)</b>	<b>(93,7)</b>
<b>ARROZ</b>	<b>5.095</b>	<b>5.271</b>	<b>3,4</b>	<b>175,3</b>
<b>FEIJÃO TOTAL</b>	<b>1.033</b>	<b>989</b>	<b>(4,3)</b>	<b>(43,9)</b>
<b>FEIJÃO 1ª SAFRA</b>	<b>1.076</b>	<b>960</b>	<b>(10,8)</b>	<b>(116,5)</b>
<b>FEIJÃO 2ª SAFRA</b>	<b>878</b>	<b>876</b>	<b>(0,3)</b>	<b>(2,6)</b>
<b>FEIJÃO 3ª SAFRA</b>	<b>1.300</b>	<b>1.284</b>	<b>(1,2)</b>	<b>(15,6)</b>
<b>GIRASSOL</b>	<b>1.597</b>	<b>1.429</b>	<b>(10,5)</b>	<b>(167,3)</b>
<b>MAMONA</b>	<b>441</b>	<b>174</b>	<b>(60,6)</b>	<b>(267,5)</b>
<b>MILHO TOTAL</b>	<b>5.057</b>	<b>5.083</b>	<b>0,5</b>	<b>26,3</b>
<b>MILHO 1ª SAFRA</b>	<b>4.783</b>	<b>4.642</b>	<b>(2,9)</b>	<b>(140,9)</b>
<b>MILHO 2ª SAFRA</b>	<b>5.255</b>	<b>5.381</b>	<b>2,4</b>	<b>126,1</b>
<b>SOJA</b>	<b>2.854</b>	<b>2.894</b>	<b>1,4</b>	<b>39,6</b>
<b>SORGO</b>	<b>2.587</b>	<b>2.537</b>	<b>(2,0)</b>	<b>(50,5)</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIACÃO	
	2014	2015	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
<b>AVEIA</b>	<b>2.249</b>	<b>2.249</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>CANOLA</b>	<b>1.530</b>	<b>1.530</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>CENTEIO</b>	<b>1.944</b>	<b>1.944</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>CEVADA</b>	<b>3.160</b>	<b>3.160</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>TRIGO</b>	<b>2.579</b>	<b>2.579</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>TRITICALE</b>	<b>2.484</b>	<b>2.484</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL <sup>(2)</sup></b>	<b>3.417</b>	<b>3.434</b>	<b>0,5</b>	<b>17,2</b>

Legenda: <sup>(1)</sup> Produtividade de caroço de algodão; <sup>(2)</sup> Exclui a produtividade de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 3.1. Método estatístico

#### 3.1.1. Dados

Os dados utilizados nesse estudo são baseados na série histórica da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação (UF). Para algumas culturas e unidades da federação há dados desde a safra 1976/77, o que já é uma quantidade de observações significativa para uma boa realização do trabalho. No entanto, alguns produtos e UFs possuem poucas observações, o que dificulta o ajuste do modelo.

#### 3.1.2. Séries temporais

Uma série de tempo é uma sequência de observações coletadas em intervalos regulares durante um período de tempo e as observações vizinhas são dependentes entre si.

O conjunto de observações é  $\{Y(t), t \in T\}$ , sendo que:

- Y: variável de interesse;
- T: conjunto de índices.

Os principais objetivos do estudo de uma série temporal são: compreender o mecanismo gerador da série e prever o comportamento futuro da série. Este último possibilita o usuário da informação a fazer estimativas a curto, médio e longo prazo.

Destacam-se as incertezas das previsões, principalmente quanto as produtividades de culturas anuais, visto que elas são totalmente dependentes das condições climáticas ao longo do desenvolvimento das mesmas. Sendo assim, a Companhia promoverá ajustes nas mesmas de acordo com o impacto mensurado nas visitas in loco. Nesse estudo, estipulou-se 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Modelos de produtividade da cultura são apresentações abstratas da interação da cultura com o seu ambiente e pode variar de simples correlação de rendimento com um número finito de variáveis para os modelos estatísticos complexos, com final previsto. As previsões podem ser formadas de muitas maneiras. O método escolhido depende da finalidade e importância das previsões, bem como o custo e a eficiência dos métodos de previsão alternativos.

Devido à quantidade de culturas e unidades da federação, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Neste contexto então, foi encontrado um modelo para cada cultura em cada unidade da federação.

Em alguns casos as observações podem ser perfeitamente correlacionadas, mas isso não é uma regra. As previsões não são independentes das observações, mesmo quando as mesmas são, porque as previsões em geral possuem parâmetros iguais.

##### 3.1.2.1. Modelos de Box-Jenkins para séries estacionárias

Esses modelos são utilizados para analisar os modelos não estacionários, transformando-os em estacionários, com média e variância constantes ao longo do tempo, utilizando a ordem de integração (d). Como os dados são estacionários, qualquer modelo inferido a partir desses dados é considerado como estável, fornecendo uma base válida para previsão.

Os modelos são gerados a partir da combinação de três componentes: Autoregressão (AR), Integração (I) e Médias móveis (MA). É definido por ARIMA (p,d,q),

onde  $p$  é o número de termos auto-regressivos,  $d$  é a ordem de diferenças tomadas para que o modelo torne estacionário e  $q$  é o número de termos da média móvel. Sendo assim:

1) O componente autoregressivo (AR) é relacionado ao fato de  $Z_t$  no instante  $t$  ser função dos  $p$   $Y$ 's anteriores a  $t$ .

2) O componente de Médias Móveis (MA) é relacionado ao fato de que cada observação de  $Z_t$  é gerada a partir da média ponderada do valor presente e de  $q$  valores passados de um processo de ruído aleatório;

3) O componente de integração ( $I$ ) é relacionado ao fato de que a  $d$ -ésima diferença da série  $Z_t$  pode ser representada por um modelo auto-regressivo – Médias móveis (ARMA), estacionário e inversível.

### **Modelos Auto Regressivos, Integrados e de Médias Móveis (ARIMA(p,d,q))**

Os modelos AR, MA e ARMA são apropriados para descrever séries temporais estacionárias, isto é, séries que se desenvolvem no tempo ao redor de uma média constante. Muitas séries encontradas na prática não são estacionárias, mas quando tomamos a série diferenciada, esta se torna estacionária.

Modelos auto regressivos, integrados e de médias móveis (ARIMA) trata-se de representar série diferenciada por um modelo ARMA.

Portanto, podemos descrever todos os modelos vistos anteriormente utilizando a nomenclatura ARIMA, isto é:

i)  $ARIMA(p,0,0) = AR(p)$ ;

ii)  $ARIMA(0,0,q) = MA(q)$ ;

iii)  $ARIMA(p,0,q) = ARMA(p,q)$ .

No caso de uma série não estacionária, utilizamos o modelo completo,  $ARIMA(p,d,q)$  com  $d$  diferenças na série original.

### **Auto ARIMA**

Para a escolha do melhor modelo em cada situação, foi utilizada inicialmente a função “auto arima” do pacote “Forecast”, que devolve o melhor modelo ARIMA de acordo com os critérios AIC, AICc ou valor BIC. A função realiza uma pesquisa sobre o modelo possível dentro das limitações de ordem fornecidas.

### **Referências**

– Brasil. Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento (2014). Projeções do Agronegócio: Brasil 2013/2014 a 2023/2024.

– Conab. [Site oficial] Disponível em <<http://www.conab.gov.br>> . Acesso em: setembro e outubro de 2014.

– Morettin, Pedro A.; Toloi, Clelia M. C. Análise de Séries Temporais. ABE – Projeto Fisher e Ed. Blucher, 2004.

#### 4. Estimativa de produção (194,39 a 199,97 milhões de toneladas)

Neste início de safra a previsão é de que a produção fique entre 194,39 e 199,97 milhões de toneladas, situando-se entre uma redução de 0,1% até um acréscimo de 2,7% para a safra 2014/15 (Tabela 3). Esse resultado representa uma redução de 266,5 a um aumento de 5.311,6 mil toneladas.

O crescimento ou redução observado nas culturas de segunda e terceira safras se deve à metodologia utilizada, ou seja, manutenção da área plantada na safra anterior e a estimativa da produtividade utilizando modelo estatístico, haja vista que o plantio desta cultura ocorre a partir de janeiro de 2015.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

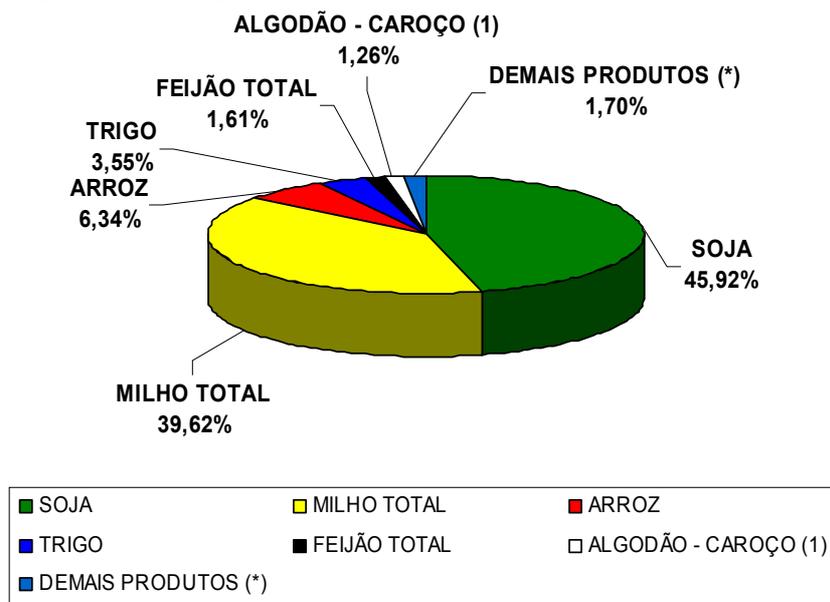
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO			
	13/14 (a)	14/15		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO <sup>(1)</sup>	2.670,7	2.369,0	2.583,2	(11,3)	(3,3)	(301,7)	(87,5)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.537,5	1.676,6	(11,3)	(3,3)	(196,5)	(57,4)
AMENDOIM TOTAL	315,8	345,4	365,2	9,4	15,6	29,6	49,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	322,2	342,0	10,5	17,3	30,6	50,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	23,2	23,2	(4,1)	(4,1)	(1,0)	(1,0)
ARROZ	12.161,7	11.857,3	13.154,1	(2,5)	8,2	(304,4)	992,4
FEIJÃO TOTAL	3.444,1	3.149,3	3.202,3	(8,6)	(7,0)	(294,8)	(241,8)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.252,5	972,3	1.025,3	(22,4)	(18,1)	(280,2)	(227,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.309,7	1.305,6	1.305,6	(0,3)	(0,3)	(4,1)	(4,1)
FEIJÃO 3ª SAFRA	882,0	871,4	871,4	(1,2)	(1,2)	(10,6)	(10,6)
GIRASSOL	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(10,5)	(24,5)	(24,5)
MAMONA	44,7	59,2	71,8	32,4	60,6	14,5	27,1
MILHO TOTAL	79.905,5	77.335,8	78.915,5	(3,2)	(1,2)	(2.569,7)	(990,0)
MILHO 1ª SAFRA	31.652,9	27.925,0	29.504,7	(11,8)	(6,8)	(3.727,9)	(2.148,2)
MILHO 2ª SAFRA	48.252,6	49.410,8	49.410,8	2,4	2,4	1.158,2	1.158,2
SOJA	86.120,8	89.342,5	91.744,5	3,7	6,5	3.221,7	5.623,7
SORGO	1.891,2	1.854,1	1.854,1	(2,0)	(2,0)	(37,1)	(37,1)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>186.787,3</b>	<b>186.520,8</b>	<b>192.098,9</b>	<b>(0,1)</b>	<b>2,8</b>	<b>(266,5)</b>	<b>5.311,6</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2014 (a)	2015		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	323,9	323,9	323,9	-	-	-	-
CANOLA	68,7	68,7	68,7	-	-	-	-
CENTEIO	3,5	3,5	3,5	-	-	-	-
CEVADA	370,1	370,1	370,1	-	-	-	-
TRIGO	7.006,0	7.006,0	7.006,0	-	-	-	-
TRITICALE	98,1	98,1	98,1	-	-	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>7.870,3</b>	<b>7.870,3</b>	<b>7.870,3</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL <sup>(2)</sup></b>	<b>194.657,6</b>	<b>194.391,1</b>	<b>199.969,2</b>	<b>(0,1)</b>	<b>2,7</b>	<b>(266,5)</b>	<b>5.311,6</b>

Legenda: <sup>(1)</sup> Produção de caroço de algodão; <sup>(2)</sup> Exclui a produção de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

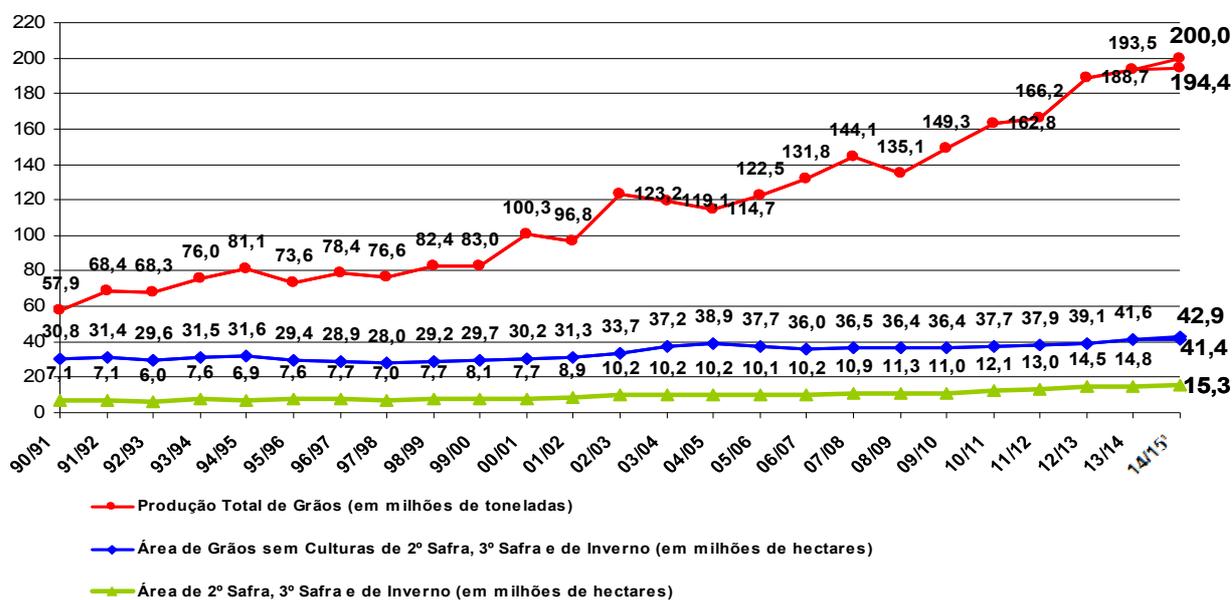


Legenda: (\*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio e cevada e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (\*)

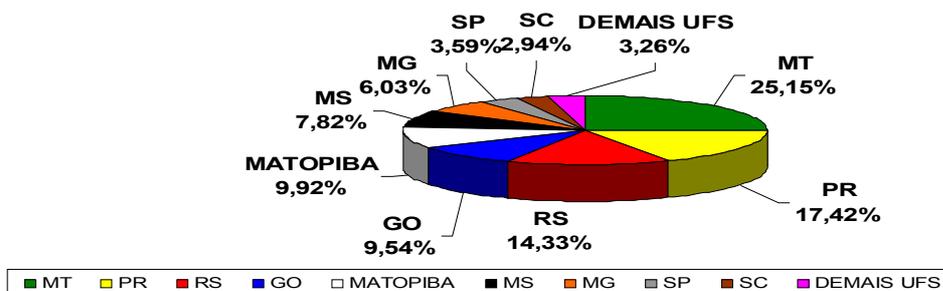
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
<b>NORTE</b>	<b>2.126,6</b>	<b>2.154,3</b>	<b>2.252,1</b>	<b>1,3</b>	<b>5,9</b>	<b>2.967</b>	<b>3.055</b>	<b>3,0</b>	<b>6.309,8</b>	<b>6.559,4</b>	<b>6.903,4</b>	<b>4,0</b>	<b>9,4</b>
RR	39,5	39,5	45,5	-	15,2	3.600	3.782	5,1	142,2	140,6	180,9	(1,1)	27,2
RO	421,9	425,0	441,5	0,7	4,6	2.900	3.056	5,4	1.223,7	1.299,1	1.348,8	6,2	10,2
AC	64,3	59,9	62,9	(6,8)	(2,2)	1.926	1.970	2,3	123,8	117,7	124,2	(4,9)	0,3
AM	19,7	19,7	19,7	-	-	2.132	2.173	1,9	42,0	42,8	42,8	1,9	1,9
AP	5,5	5,5	5,5	-	-	1.018	1.073	5,4	5,6	5,9	5,9	5,4	5,4
PA	515,1	515,1	515,1	-	-	2.750	2.834	3,1	1.416,5	1.460,0	1.460,0	3,1	3,1
TO	1.060,6	1.089,6	1.161,9	2,7	9,6	3.164	3.213	1,5	3.356,0	3.493,3	3.740,8	4,1	11,5
<b>NORDESTE</b>	<b>8.271,0</b>	<b>8.235,6</b>	<b>8.520,3</b>	<b>(0,4)</b>	<b>3,0</b>	<b>2.031</b>	<b>2.153</b>	<b>6,0</b>	<b>16.794,6</b>	<b>17.681,4</b>	<b>18.392,5</b>	<b>5,3</b>	<b>9,5</b>
MA	1.769,1	1.734,5	1.840,2	(2,0)	4,0	2.431	2.460	1,2	4.300,6	4.272,3	4.522,0	(0,7)	5,1
PI	1.388,1	1.439,9	1.488,4	3,7	7,2	2.001	2.019	0,9	2.777,3	2.901,2	3.011,4	4,5	8,4
CE	921,5	921,5	921,5	-	-	621	665	7,0	572,6	612,4	612,4	7,0	7,0
RN	69,0	69,0	69,0	-	-	555	491	(11,5)	38,3	33,9	33,9	(11,5)	(11,5)
PB	155,3	155,3	155,3	-	-	375	395	5,3	58,2	61,3	61,3	5,3	5,3
PE	482,0	482,0	482,0	-	-	392	386	(1,5)	188,9	186,2	186,2	(1,4)	(1,4)
AL	81,2	81,2	81,2	-	-	828	847	2,3	67,2	68,8	68,8	2,4	2,4
SE	266,5	266,5	266,5	-	-	4.216	4.221	0,1	1.123,5	1.125,0	1.125,0	0,1	0,1
BA	3.138,3	3.085,7	3.216,2	(1,7)	2,5	2.443	2.728	11,7	7.668,0	8.420,3	8.771,5	9,8	14,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>22.055,2</b>	<b>22.128,1</b>	<b>22.662,0</b>	<b>0,3</b>	<b>2,8</b>	<b>3.701</b>	<b>3.794</b>	<b>2,5</b>	<b>81.635,6</b>	<b>84.065,8</b>	<b>85.861,0</b>	<b>3,0</b>	<b>5,2</b>
MT	13.323,0	13.386,0	13.732,2	0,5	3,1	3.580	3.657	2,1	47.702,6	49.054,7	50.115,3	2,8	5,1
MS	3.768,5	3.877,0	3.927,0	2,9	4,2	3.840	3.954	3,0	14.470,5	15.343,1	15.514,0	6,0	7,2
GO	4.777,0	4.678,4	4.816,1	(2,1)	0,8	3.838	3.962	3,2	18.333,4	18.525,0	19.088,7	1,0	4,1
DF	186,7	186,7	186,7	-	-	6.048	6.122	1,2	1.129,1	1.143,0	1.143,0	1,2	1,2
<b>SUDESTE</b>	<b>5.080,3</b>	<b>4.919,6</b>	<b>5.106,0</b>	<b>(3,2)</b>	<b>0,5</b>	<b>3.527</b>	<b>3.801</b>	<b>7,8</b>	<b>17.920,0</b>	<b>18.673,5</b>	<b>19.434,4</b>	<b>4,2</b>	<b>8,5</b>
MG	3.233,9	3.141,7	3.228,3	(2,9)	(0,2)	3.604	3.734	3,6	11.655,5	11.728,9	12.054,0	0,6	3,4
ES	38,1	36,9	37,7	(3,1)	(1,0)	1.945	1.799	(7,5)	74,1	66,3	67,9	(10,5)	(8,4)
RJ	8,0	8,0	8,0	-	-	1.988	1.988	-	15,9	15,9	15,9	-	-
SP	1.800,3	1.733,0	1.832,0	(3,7)	1,8	3.430	3.972	15,8	6.174,5	6.862,4	7.296,6	11,1	18,2
<b>SUL</b>	<b>19.429,3</b>	<b>19.231,5</b>	<b>19.622,4</b>	<b>(1,0)</b>	<b>1,0</b>	<b>3.706</b>	<b>3.521</b>	<b>(5,0)</b>	<b>71.997,6</b>	<b>67.411,1</b>	<b>69.378,0</b>	<b>(6,4)</b>	<b>(3,6)</b>
PR	9.612,5	9.454,9	9.550,7	(1,6)	(0,6)	3.715	3.614	(2,7)	35.706,5	34.096,1	34.583,3	(4,5)	(3,1)
SC	1.326,4	1.254,8	1.305,1	(5,4)	(1,6)	4.955	4.532	(8,5)	6.572,2	5.670,0	5.932,7	(13,7)	(9,7)
RS	8.490,4	8.521,8	8.766,6	0,4	3,3	3.500	3.268	(6,6)	29.718,9	27.645,0	28.862,0	(7,0)	(2,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>10.397,6</b>	<b>10.389,9</b>	<b>10.772,4</b>	<b>(0,1)</b>	<b>3,6</b>	<b>2.222</b>	<b>2.341</b>	<b>5,3</b>	<b>23.104,4</b>	<b>24.240,8</b>	<b>25.295,9</b>	<b>4,9</b>	<b>9,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>46.564,8</b>	<b>46.279,2</b>	<b>47.390,4</b>	<b>(0,6)</b>	<b>1,8</b>	<b>3.684</b>	<b>3.681</b>	<b>(0,1)</b>	<b>171.553,2</b>	<b>170.150,4</b>	<b>174.673,4</b>	<b>(0,8)</b>	<b>1,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>56.962,4</b>	<b>56.669,1</b>	<b>58.162,8</b>	<b>(0,5)</b>	<b>2,1</b>	<b>3.417</b>	<b>3.434</b>	<b>0,5</b>	<b>194.657,6</b>	<b>194.391,2</b>	<b>199.969,3</b>	<b>(0,1)</b>	<b>2,7</b>

Legenda: (\*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

## 5. Vazio sanitário

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Neste período, apenas áreas de pesquisa científica e de produção de semente genética, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura.

Na soja, ele visa reduzir a quantidade de uredósporos (esporos que aparecem na fase epidêmica da doença) no ambiente durante a entressafra e, dessa forma, diminuir a possibilidade de incidência precoce da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, que já provocou um prejuízo de bilhões de reais à sojicultura brasileira, seja pela perda de produtividade, seja pelo aumento do custo de produção. A pesquisa identificou que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa<sup>1</sup>) é de 55 dias, por isso, o período mínimo de vazio sanitário da soja é de 60 dias, podendo alcançar 90 dias em alguns estados. Atualmente, 12 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Piauí, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema ([www.cnpso.embrapa.br/alerta](http://www.cnpso.embrapa.br/alerta)), a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido a sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (abril a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro), por isso não se adota o vazio sanitário. No Piauí, a região produtora sofre escassez de chuvas e temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (MEYER, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o Consórcio Antiferrugem, não houve relato de foco da doença nas últimas cinco safras no estado. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina, as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então optou-se pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Um ponto preocupante, quanto ao manejo da doença, é a situação da Bolívia, onde não ocorre o vazio sanitário e as frequentes correntes de vento, que sopram do Pacífico e do sul da América do Sul, trazem esporos para as lavouras no Brasil (FAEP, 2008), sendo fonte de inóculo para os cultivos de verão, especialmente no Mato Grosso. Na Bolívia são feitas, pelo menos, duas safras por ano (verão e inverno) com ocorrência de fortes epidemias de ferrugem asiática que encontra hospedeiro o ano todo (FAEP, 2008).

A importância do vazio sanitário para a soja no Mato Grosso é maior ainda nesta safra, especialmente após a incidência do cultivo de soja safrinha que induziu a uma forte presença de doenças e culminou com a aplicação acima do normal de fungicidas. Isso ocorreu porque houve migração da doença da soja primeira safra para a soja segunda safra, uma vez que a maturação fisiológica da planta impede que a doença sobreviva, então ela emite esporos e é transportada para outras plantas em pleno vigor. Além disso, o excesso de chuva impediu a aplicação de fungicidas na época ideal. Esse fator coloca em risco o desempenho da safra de verão, com suas implicações na receita de exportações do país, onde o agronegócio, a cada ano, aparece de forma destacada,

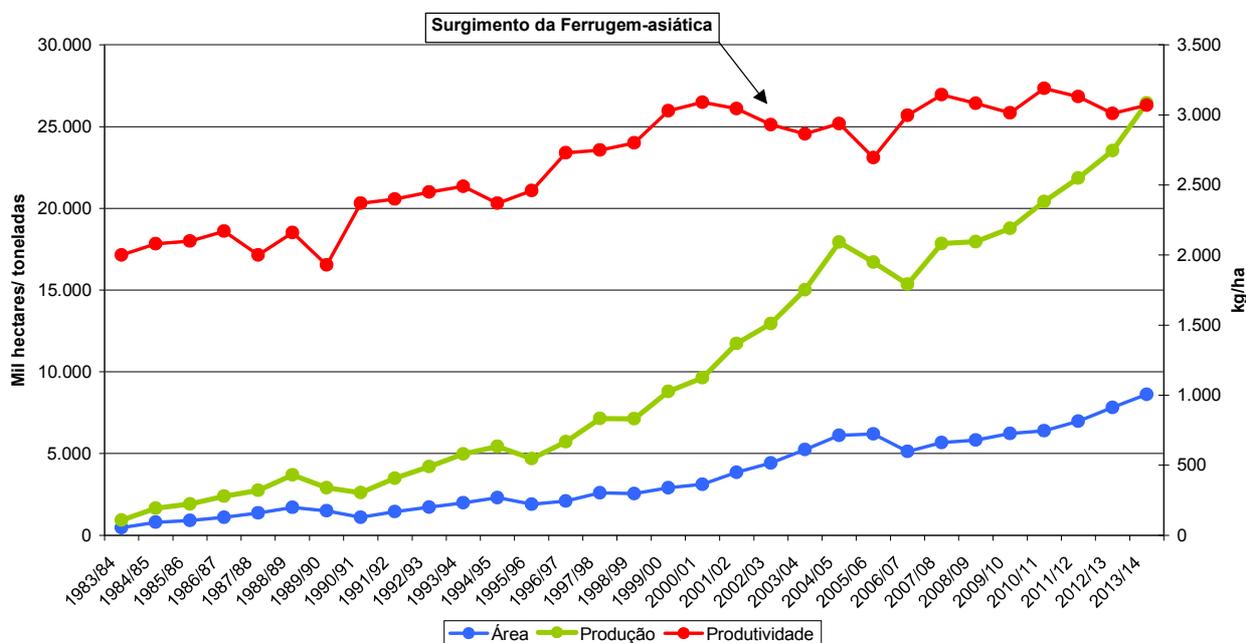
---

1 As plantas voluntárias e/ou plantas daninhas que germinam por si só na lavoura, a partir de grãos perdidos na colheita e assim tornam-se hospedeiras de doenças.

sobretudo, o complexo soja (grão, farelo e óleo).

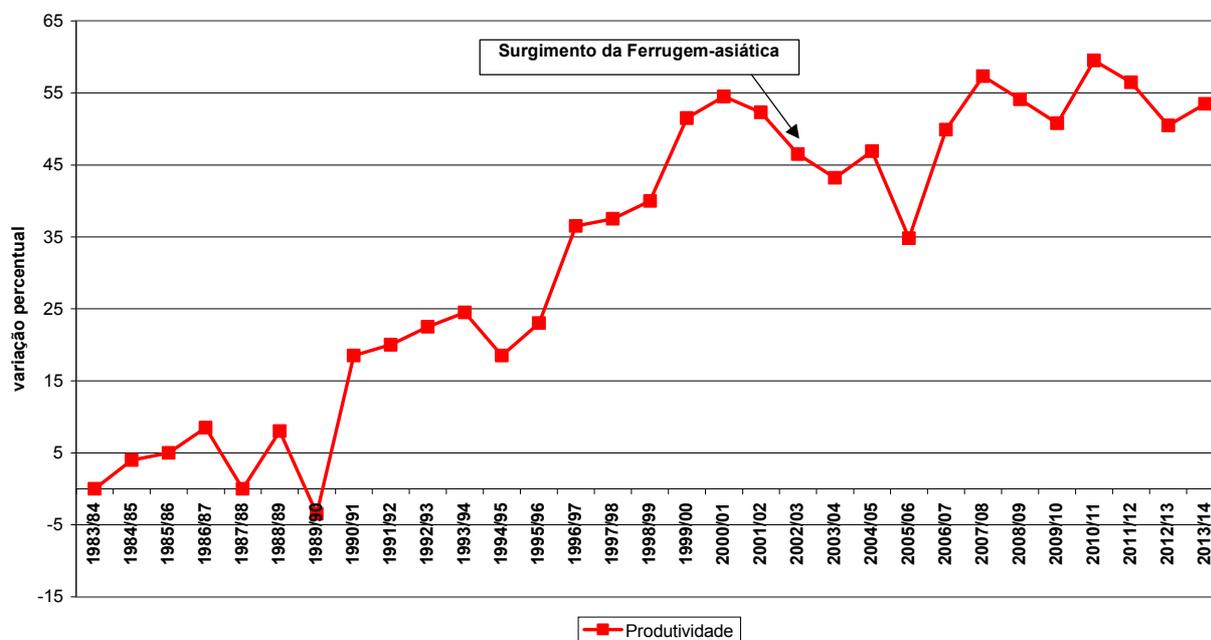
Outros fatores contribuem para isso, mas é importante ressaltar que após a safra 2002/03, quando ocorreu surgimento da ferrugem-asiática no Mato Grosso, a produtividade do estado tem permanecido estagnada, com média de 3.005 kg/ha nas últimas 12 safras. Isso pode ser visualizado nos Gráficos 4 e 5.

Gráfico 4 – Evolução da área, produtividade e produção de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

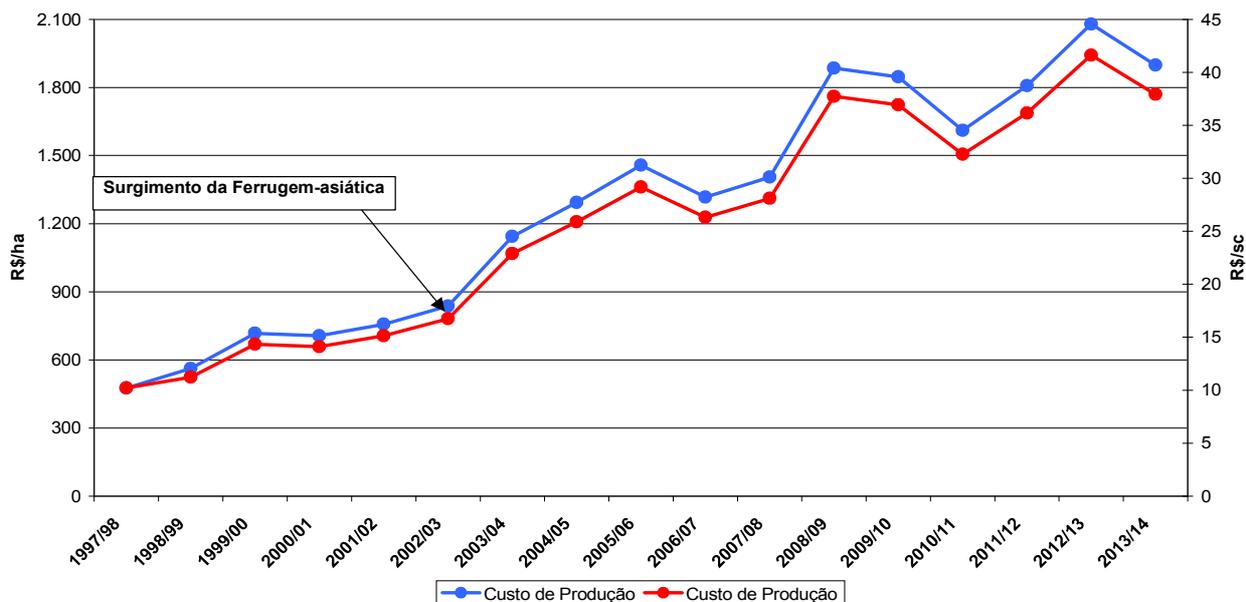
Gráfico 5 – Variação percentual da produtividade de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

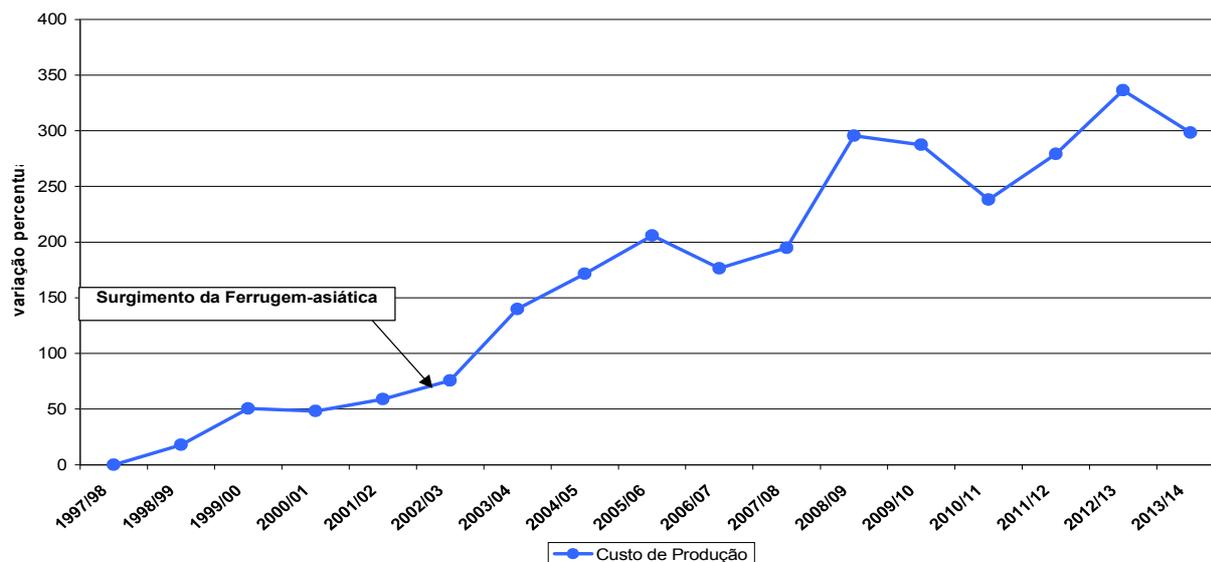
É importante ressaltar que, para a manutenção desse nível de produtividade, o maior uso de fungicidas acabou por elevar os custos de produção que dispararam após o surgimento da doença no estado. É fato que são muitas as variáveis que compõem o custo, como os fertilizantes, mas o controle da doença foi um fator que pesou muito para este aumento. O Gráfico 6 demonstra o aumento do custo de produção da oleaginosa no estado e o Gráfico 7, a sua variação percentual em relação à safra 1997/98, quando iniciou-se a série histórica.

Gráfico 6 – Evolução do custo de produção de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

Gráfico 7 – Variação percentual do custo de produção de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

Tabela 5 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Quinz.	2ª Quinz.												
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Norte													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste														
BA <sup>1</sup>													15/08	15/10
MT														
MS													15/06	15/09
GO														
DF													01/07	30/09
MG														
SP														
PR													15/06	15/09
<b>PARAGUAI</b>													01/06	30/08

Legenda: <sup>1</sup> Para cultivos sob irrigação, o vazio sanitário vai até dia 30/09

PA/Sul: Conceição do Araguaia, Redenção, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão), Marabá e Altamira (distrito de Castelo dos Sonhos).

PA/Norte: Santarém, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), Paragominas, Bragantina, Guamá, Altamira (com exceção Distrito Castelo dos Sonhos).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab/Embrapa.

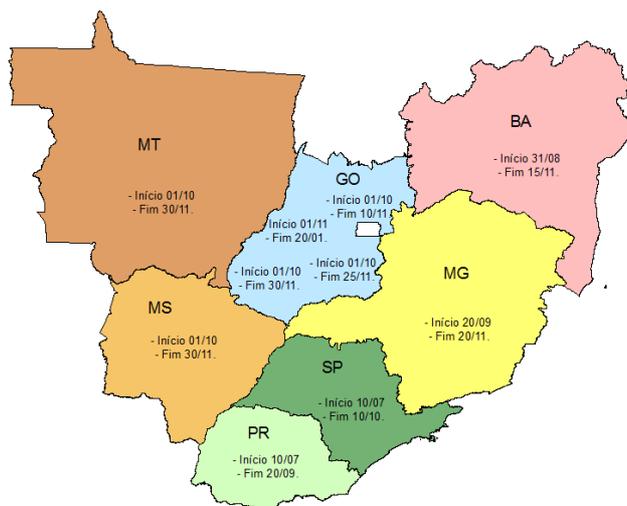
Nota: Levantamento em outubro/2014.

Para o algodão, o vazio sanitário é uma das medidas fitossanitárias para a prevenção e controle do Bicudo do Algodoeiro (*Anthonomus grandis*), visando proteger a produção do estado de prejuízos ocasionados pela praga. Considerado a principal praga da cultura, além de grande capacidade destrutiva, possui habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90, este estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto no Mato Grosso, por exemplo, se plantava cerca de 30 mil hectares. Na safra 2013/14, o Mato Grosso, maior produtor do país, plantou 643,1 mil hectares, enquanto a área do Paraná não chega a 1.000 hectares. Dos estados que adotam o vazio sanitário, a Bahia é o único onde ele é opcional. Os outros que também adotam o período de vazio sanitário são: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Para facilitar os trabalhos dos cotonicultores e colaborar para a eficiência no combate ao bicudo, o Mato Grosso do Sul e Goiás (em quatro das cinco regiões produtoras) adotaram 30 de setembro como início do período do vazio sanitário, permitindo que uma grande região produtora que engloba os dois estados fiquem no mesmo prazo para destruição de soqueiras, segundo a Instrução Normativa nº 06/2014 emitida pela Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa). Esta Instrução Normativa terá vigência somente no período da safra 2013/14, expirando a sua validade com o final desta. No Mato Grosso do Sul ainda não há Instrução Normativa para tal finalidade, mas deve se repetir o que ocorreu na safra 2012/13, com o vazio sanitário iniciando-se dia 30 de setembro, visto que a colheita está finalizada.

Para efeito do calendário do vazio sanitário de Goiás, o estado foi dividido em cinco regiões. Na Figura 1 é possível ter uma visão global de como fica distribuído o período de vazio sanitário no estado e no país. Os municípios que fazem parte do mesmo período do vazio encontram-se na Instrução Normativa nº 04/2014, emitida pela Agrodefesa. Para facilitar a disposição dos períodos, a região 1 compreende, basicamente, a região sul e sudeste de Goiás, a região 2 compreende a região sudoeste goiano, a região 3 compreende o extremo sudoeste goiano, a região 4 compreende o entorno do Distrito Federal e a região 5 compreende o oeste goiano.

Figura 1 – Período de vazio sanitário para o algodão – Safra 2013/14



Fonte: Conab.

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas neste período evita que o inseto se mantenha ativo e provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão, conforme Tabela 6.

Tabela 6 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim	
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez			
GO <sup>(1)</sup>														05/09	05/10
GO <sup>(2)</sup>															
DF														20/09	20/10
MG <sup>(3)</sup>															
MG <sup>(4)</sup>														15/09	25/10

Legenda: (1) sudoeste, sul e sudeste; (2) Entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiânia; (3) noroeste; (4) demais regiões.

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento em outubro/2014.

O descumprimento de qualquer vazio sanitário acarreta em multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das propriedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazio sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.

## Referências

– MEYER, M. C. Relato da ferrugem asiática da soja nos Estados do Maranhão e Piauí, na safra 2006/07. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FERRUGEM ASIÁTICA DA SOJA, X., 2007, Londrina. Anais... Londrina: EMBRAPA Soja.

– FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Paraná implanta vazio sanitário da soja pela primeira vez. Boletim Informativo, n. 1008., Curitiba: junho de 2008.

## 6. Insumos agrícolas

### 6.1. Agrotóxicos:

O processo de produção agrícola sofreu mudanças com a inserção de novas tecnologias, visando a produção extensiva de commodities agrícolas. Estas tecnologias envolvem, quase em sua maioria, o uso extensivo de agrotóxicos, com a finalidade de controlar doenças e aumentar a produtividade.

Os defensivos químicos são desenvolvidos de acordo com sua finalidade no controle das diferentes pragas: inseticidas, fungicidas, herbicidas, acaricidas, formicidas, nematicidas e moluscicidas.

Conforme definido na Lei nº 7.802/1989, agrotóxicos “são produtos e agentes de processos químicos ou biológicos destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos”.

Os agrotóxicos podem ser divididos em duas categorias:

– Agrícolas: destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens e nas florestas plantadas - cujos registros são concedidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, atendidas as diretrizes e exigências dos Ministérios da Saúde e do Meio Ambiente.

– Não-agrícolas: destinados ao uso na proteção de florestas nativas, outros ecossistemas ou de ambientes hídricos, cujos registros são concedidos pelo Ministério do Meio Ambiente/Ibama, atendidas as diretrizes e exigências dos Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Saúde.

### 6.2. Adubos:

Os adubos químicos ou fertilizantes são compostos que visam atender as deficiências por minerais de elementos vitais para o desenvolvimento das plantas. Na agricultura moderna a adubação feita com fertilizantes é realizada com o objetivo de incrementar a produtividade das culturas.

Dos elementos químicos que as plantas absorvem, 17 são considerados essenciais, ou seja, a falta de um desses interfere diretamente no desenvolvimento da planta. Os elementos essenciais são carbono (C), oxigênio (O), hidrogênio (H), nitrogênio (N), fósforo (P), potássio (K), cálcio (Ca), magnésio (Mg), enxofre (S), boro (B), cloro (Cl), cobre (Cu), ferro (Fe), manganês (Mn), molibdênio (Mo), níquel (Ni) e zinco (Zn).

Esses elementos essenciais são classificados em dois grupos: macronutrientes e micronutrientes. Essa divisão é dada a quantidade requerida pela planta e não pela sua importância. Compõem os macronutrientes o carbono, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio e enxofre, não sendo necessária a adubação com fertilizantes contendo os três primeiros elementos, visto que eles se encontram em abundância na atmosfera e a planta os absorve através do ar (CO<sub>2</sub> - gás carbônico – e O<sub>2</sub> – oxigênio) no processo de fotossíntese e através da água (H<sub>2</sub>O). Os micronutrientes compreendem o boro, cloro, cobre, ferro, manganês, molibdênio, níquel, e zinco.

Os adubos podem ser aplicados a partir de fórmulas simples ou compostos. Podem ser sólidos ou líquidos. Podem ser de baixa ou alta solubilidade.

Os fertilizantes podem ser classificados em nitrogenados, fosfatados, potássios, assim por diante. Existem diversos adubos químicos que podem liberar nitrogênio para as

plantas, entre eles uréia e sulfatos de amônio. Os que liberam fósforo, por exemplo, superfosfatos simples ou triplo. Entre os que liberam potássio, cloreto de potássio e sulfato de potássio. Alguns adubos liberam mais de um elemento essencial como sulfato de amônio, que libera enxofre e nitrogênio, e sulfato de magnésio, que libera enxofre e magnésio.

A maioria dos solos brasileiros, principalmente os de fronteiras agrícolas (cerrados), apresentam-se ácidos. Possuem ainda toxidez de alumínio e/ou manganês e baixos índices de cálcio e magnésio. Assim, a prática da calagem se torna imprescindível para a melhoria do processo produtivo.

Os principais corretivos de acidez de solo encontrados no mercado brasileiros são os calcários ( $\text{CaMg}(\text{CO}_3)_2$ ), a cal virgem agrícola ( $\text{CaO}$  e  $\text{MgO}$ ), a cal hidratada agrícola ( $[\text{Ca}(\text{OH})_2]$  e  $[\text{Mg}(\text{OH})_2]$ ), escórias de siderurgias ( $\text{CaSiO}_3$  e  $\text{MgSiO}_3$ ), calcário calcinado agrícola ( $\text{CaCO}_3$ ,  $\text{MgCO}_3$ ,  $\text{CaO}$ ,  $\text{MgO}$ ,  $\text{Ca}(\text{OH})_2$  e  $\text{Mg}(\text{OH})_2$ ), entre outros. O calcário pode ser calcítico, com teor de  $\text{MgCO}_3$  menor do que 10%, dolomítico, com teor de  $\text{MgCO}_3$  entre 10 e 25%, e magnesiano, com teor de  $\text{MgCO}_3$  acima de 25%. A aplicação de calcário tem como principal função a correção do pH do solo, mas também pode fornecer nutrientes para a planta, como Ca e Mg.

Dentre as principais formas de adubação utilizadas em função dos tipos de adubos mais usados, pode-se citar:

– Adubação mineral: A adubação mineral é aquela realizada com adubos extraídos de rochas, que são recursos naturais não renováveis, ou produzidos em indústrias químicas, e por isso deve-se ter cautela para não usá-los em excesso.

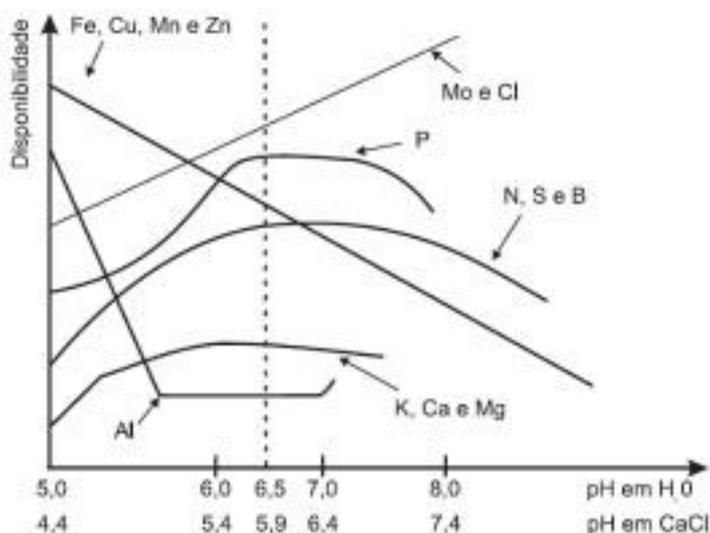
Seguindo as orientações da análise de solo, existem inúmeros tipos de adubos químicos que podem corrigir as deficiências do solo e suprir as necessidades nutricionais das plantas, incluindo fertilizantes separados e formulações.

O pH do solo é de fundamental importância para que as plantas consigam extrair os nutrientes. Os níveis de acidez variam de 0 a 14, onde quanto mais próximo de 0, mais ácido, e quanto mais próximo de 14, mais alcalino. Solos com pH ácido, como ocorre na grande maioria dos solos brasileiros, afetam a disponibilidade de nutrientes, influenciando a assimilação pelas plantas.

Os solos com pH ácido podem ser corrigidos pela operação de calagem. O volume e o tipo de calcários (calcítico, dolomítico ou magnesiano) necessários para esta correção também são calculados em função da análise de solo. A disponibilidade de macronutrientes (N, P, K, Ca, Mg e S) e do micronutriente B é baixa quando o pH do solo encontra-se próximo ou abaixo de 5, atingindo o máximo quando o pH encontra-se ao redor de 7. Para os micronutrientes (Fe, Cu, Mn e Zn), a disponibilidade é maior em condições de solos ácidos. Essas análises podem ser vistas no Gráfico 8.

Uma adubação correta aumenta a produtividade agrícola e não é somente feita de forma mineral, também existem os adubos orgânicos, que são obtidos a partir da decomposição de restos de plantas ou de fezes de animais (esterco), pela ação dos microrganismos e também das minhocas.

Gráfico 8 – Disponibilidade de nutrientes x pH do solo



### Referências:

- ANDA – Associação Nacional para Difusão de Adubos. O adubo e as eficiências das adubações. Boletim Técnico, n.3. São Paulo. 1998.
- Carvalho, J. C. R.; Sousa, C.S.; Souza, C.S. Fertilizantes e Fertilização. Universidade Federal da Bahia. Cruz das Almas - BA. 2008
- Godoy, R.C.B.; Oliveira, M.I. Agrotóxicos no Brasil. Processo de Registro, Riscos à Saúde e Programas de Monitoramento. Boletim Técnico. Embrapa Cruz das Almas-BA, 2004.
- Gomes, M.A. F.; Souza, M.D.; Boeira, R.C.; Toledo, L.G. Nutrientes vegetais no meio ambiente: Ciclos bioquímicos, fertilizantes e corretivos. Boletim Técnico. Embrapa Meio Ambiente. Jaguariúna-SP, 2008.

### Sites consultados:

- <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/>
- <http://www.cnpms.embrapa.br>

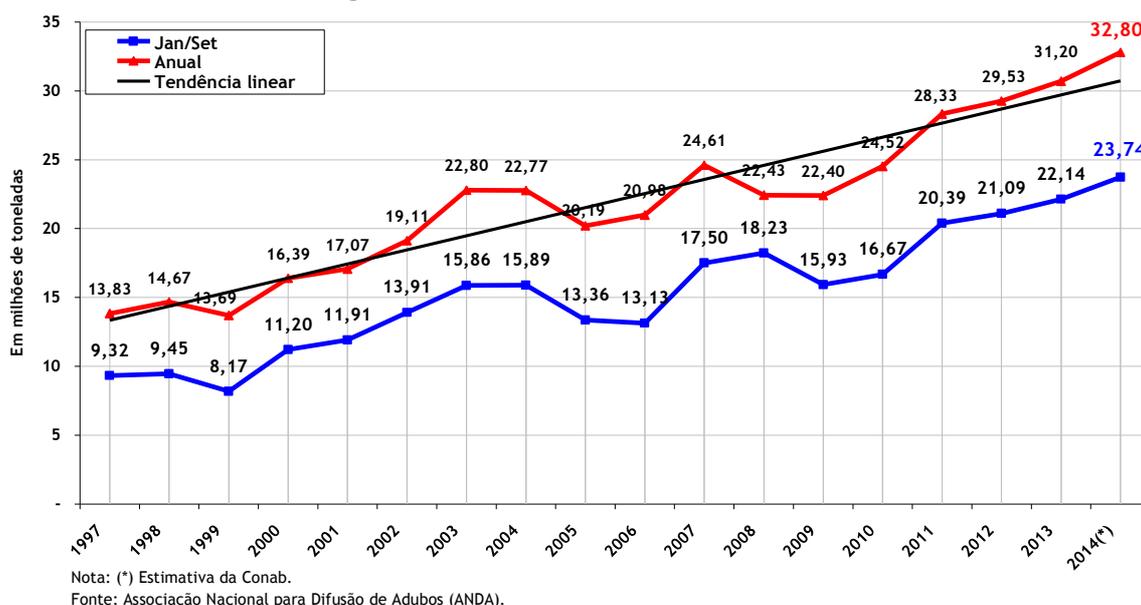
## 6.3. Mercado de insumos

### 6.3.1 Fertilizantes

Em setembro de 2014, as entregas de fertilizantes ao consumidor final totalizaram 3,9 milhões de toneladas, ou seja, elas foram 8,6% superiores aos 3,61 milhões de toneladas registradas em agosto e representando um crescimento de 9,4% em relação ao volume de 3,58 mil toneladas de setembro do ano passado.

No período de janeiro a setembro de 2014, as entregas somaram 23,74 milhões de toneladas, superior em 7,3% do volume de igual período de 2013, quando foram comercializados 22,14 milhões de toneladas. Essa evolução sinaliza, segundo estimativa da Conab, que as entregas totais deste ano alcançarão o volume recorde de 32,8 milhões de toneladas, ou 6,8% acima dos 30,7 milhões de toneladas entregues em 2013, número esse que até então era considerado recorde.

Gráfico 9 – Fertilizantes entregues ao consumidor – 1997 a 2014



De acordo com a Associação Nacional para a Difusão de Adubos (Anda), “Em termos de nutrientes, as entregas de fertilizantes nitrogenados (N) apresentaram evolução de 6,2%, em função do aumento de demanda para as culturas do milho safrinha, algodão, café e trigo. Os fertilizantes fostados (P2O5) registraram aumento de 3%, com ênfase para a cultura da soja e nos fertilizantes potássicos (K2O), foi registrado crescimento de 9,1%, observando-se desde o início do ano, aumentos tanto nas entregas dos produtos formulados como nas coberturas como elementos simples, sobretudo, para o milho safrinha, algodão, trigo e soja”.

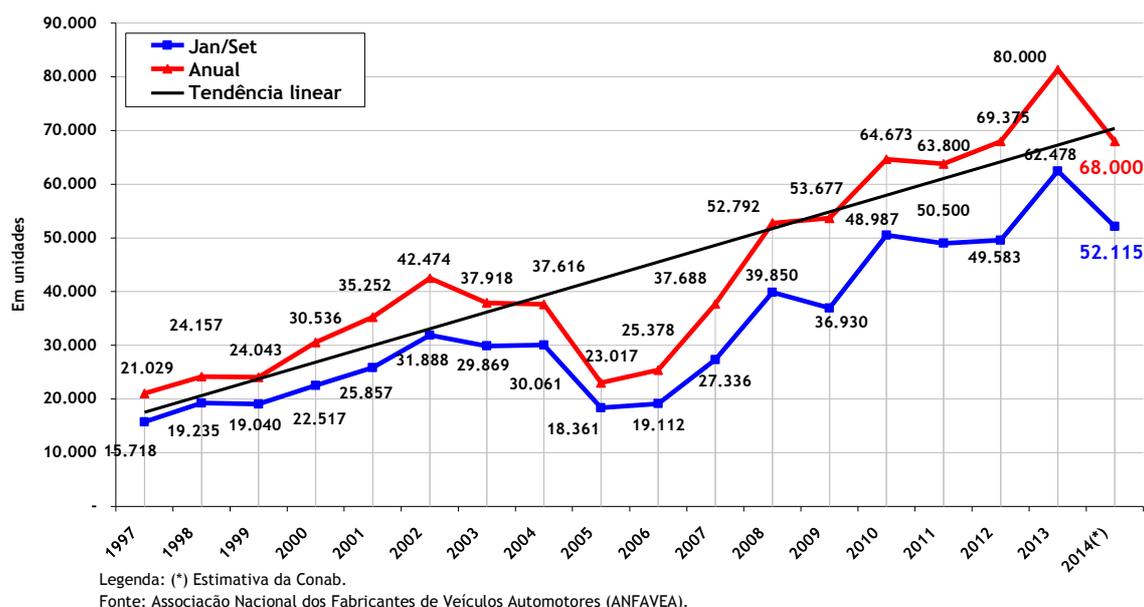
O aumento na quantidade de fertilizantes se deve, também, à incorporação de novas áreas agricultáveis para o plantio na região de fronteira agrícola, principalmente no MATOPIBA e também devido à boa capitalização dos produtores rurais nas vendas de suas commodities na última safra que tiveram preços remuneradores. Entretanto, espera-se que no próximo ano as entregas de fertilizantes sejam menores devido à tendência de baixa nas cotações dos produtos agrícolas, notadamente no mercado internacional e que reflete no mercado doméstico.

### 6.3.2 Máquinas agrícolas

Em setembro de 2013 as vendas internas no atacado de máquinas agrícola (tratores de rodas e de esteiras, colheitadeiras, cultivadores motorizados e retroescavadeiras) foram de 6,4 mil unidades. O acumulado do ano (janeiro a setembro), registra que as vendas foram de 52,1 mil máquinas, representando um decréscimo de 20% relativamente ao quantitativo comercializado em igual período do ano anterior, que foi de 62,5 mil unidades.

A expectativa da Conab é de que se ocorra significativa queda no mercado doméstico para o ano de 2014, podendo as vendas chegar a 68 mil máquinas, número esse, inferior em 19,6%, se comparado com o total comercializado de 81,4 mil unidades em 2013, considerando o recorde histórico.

Gráfico 10 – Tratores e colheitadeiras entregues ao consumidor – 1997 a 2014



Segundo o setor, no ano passado as vendas foram ótimas e o produtor, obviamente, não adquire máquinas novas todos os anos, como se faz com na aquisição de fertilizantes e outros insumos para melhorar a produtividade de suas lavouras. A comercialização de máquinas agrícola voltou aos patamares normais, apurados nos anos entre 2010 e 2012, com números superiores a 60 mil unidades, números esses que não são considerados ruins. Há de se salientar, ainda, que houve atraso no início do ano para a liberação de recursos do tesouro Nacional para o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para os financiamentos ao setor e isso também pode ser um indicativo para a diminuição nas vendas.

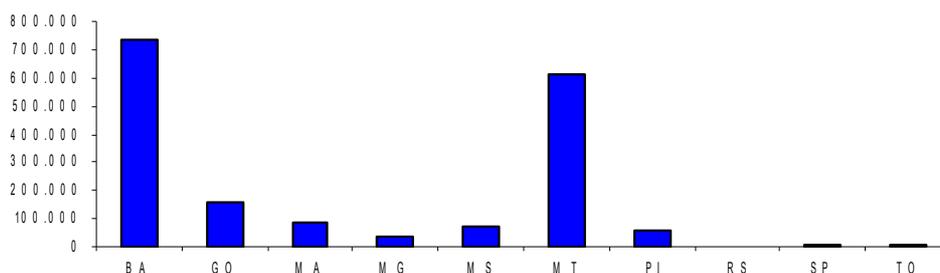
Finalmente, em decorrência da incorporação de novas áreas na região de fronteira agrícola, espera-se que se expanda a demanda por mais tratores, colheitadeiras e outras máquinas agrícolas para a próxima safra, mas isso também está condicionado a manutenção de bons preços recebidos pelos produtores para suas culturas.

## 7. Crédito rural

O crédito é uma variável fundamental no processo produtivo e a sua origem pode, em parte, explicar a conjuntura agrícola e os seus reflexos na comercialização agropecuária, no abastecimento e na segurança alimentar e nutricional. Os financiamentos de custeio concedidos aos produtores e cooperativas, no período entre janeiro e outubro de 2014, podem ser observados nos quadros e gráficos abaixo.

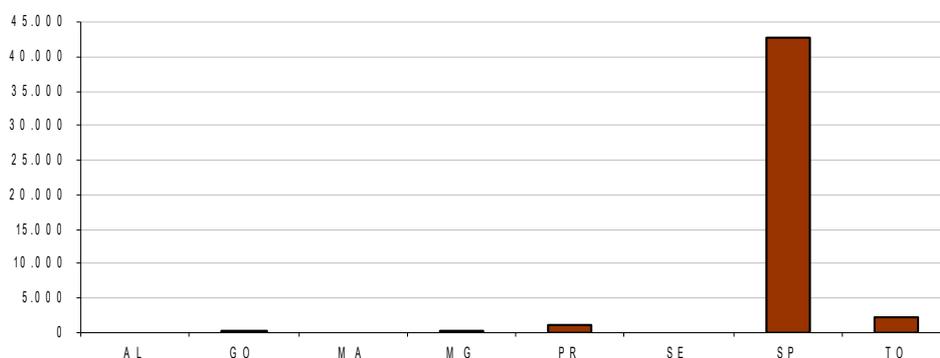
Pode-se observar que a soja, o milho, o trigo, o algodão e o arroz se destacam como culturas que absorveram a maior parte dos créditos disponibilizados pelas instituições financeiras. Outro ponto de observação é a relação entre os principais estados produtores e o volume de crédito disponibilizado.

Gráfico 11 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura - Algodão



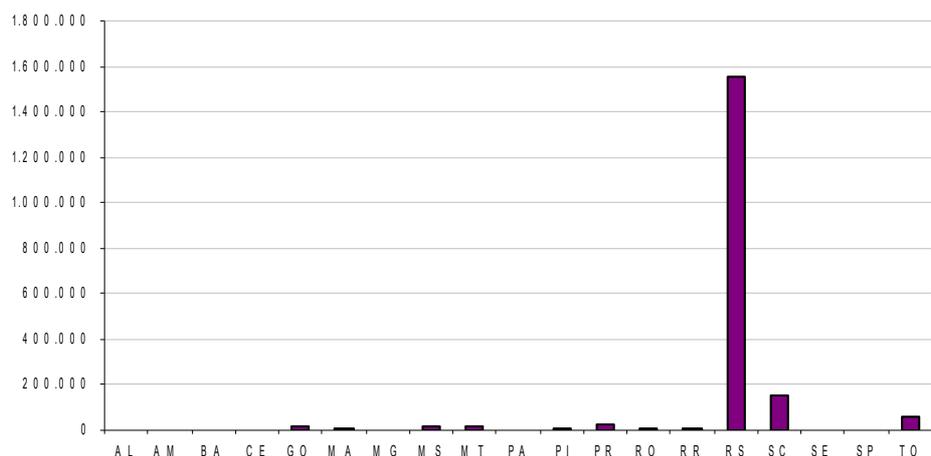
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

Gráfico 12 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Amendoim



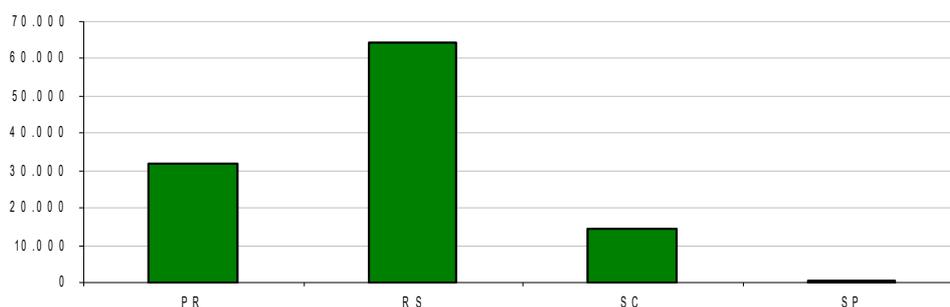
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

Gráfico 13 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Arroz



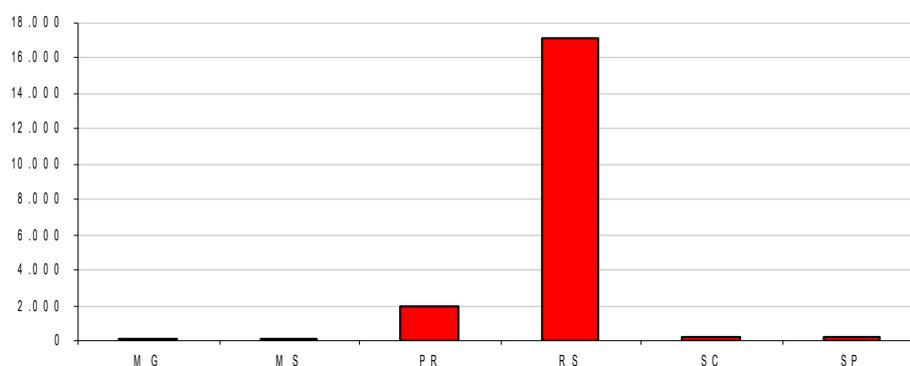
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

**Gráfico 14 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Aveia**



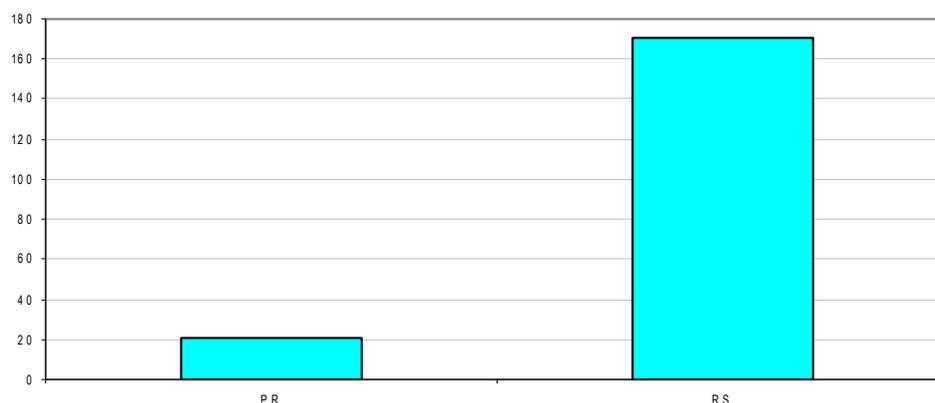
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

**Gráfico 15 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Canola**



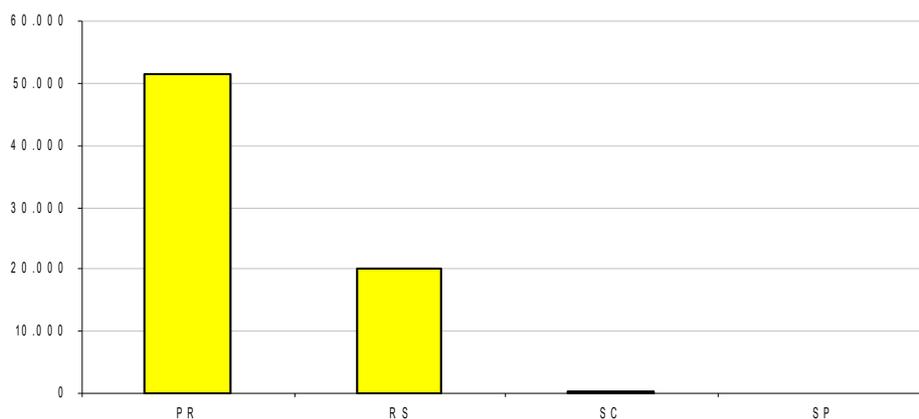
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

**Gráfico 16 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Centeio**



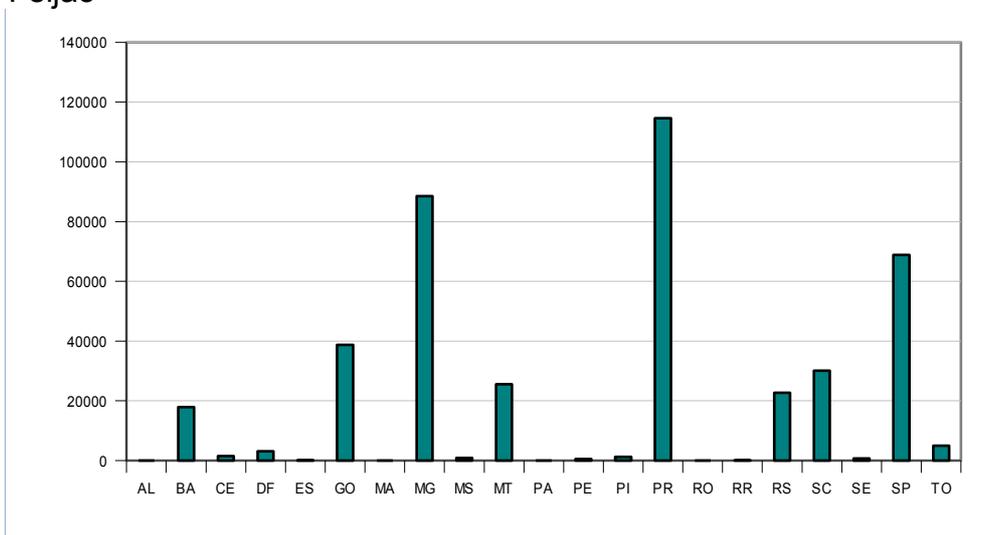
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

**Gráfico 17 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Cevada**



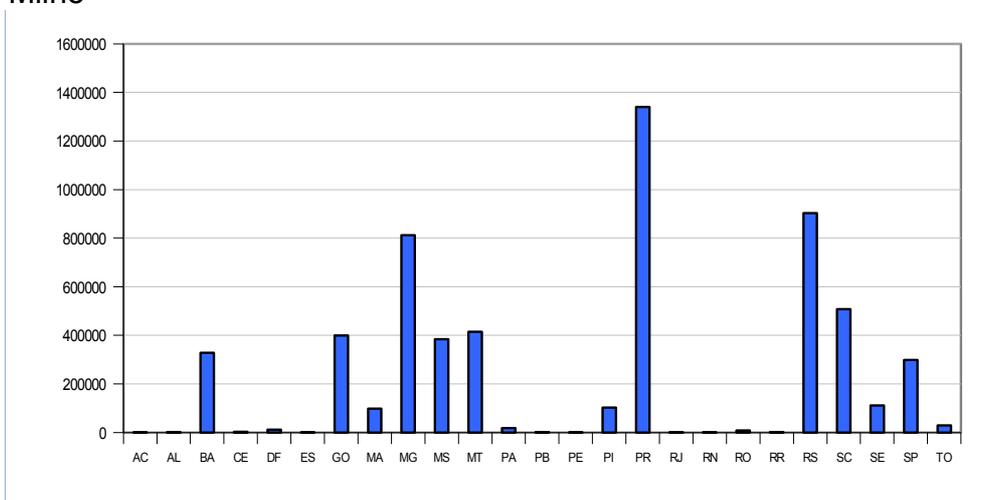
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

**Gráfico 18 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Feijão**



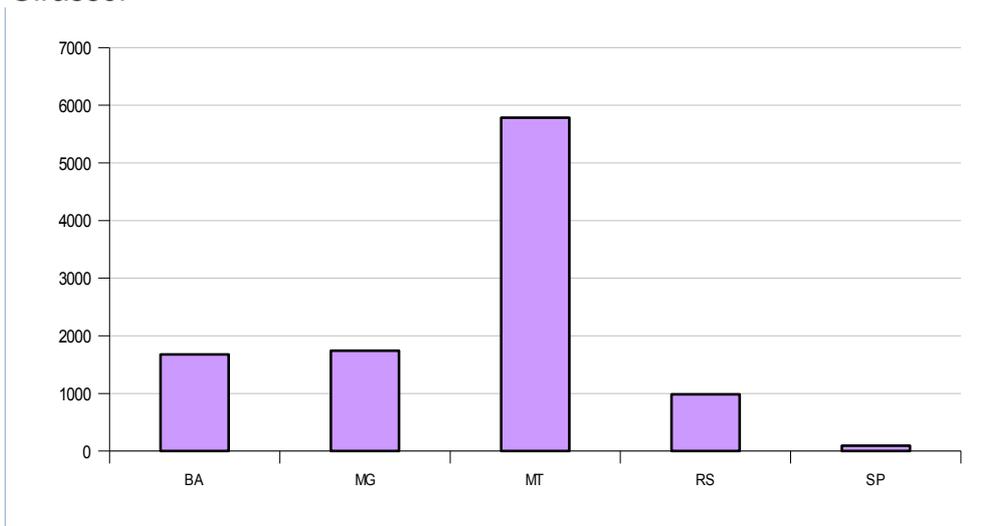
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

**Gráfico 19 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Milho**



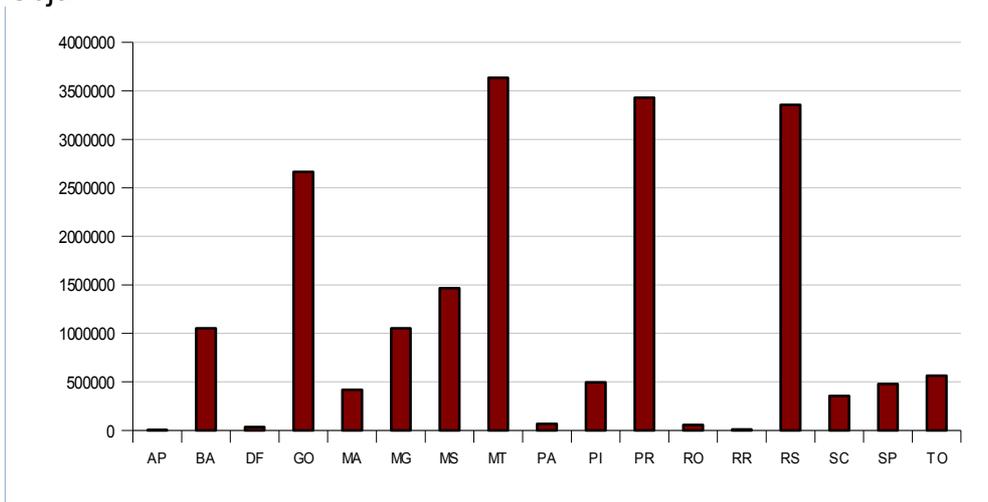
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

**Gráfico 20 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Girassol**



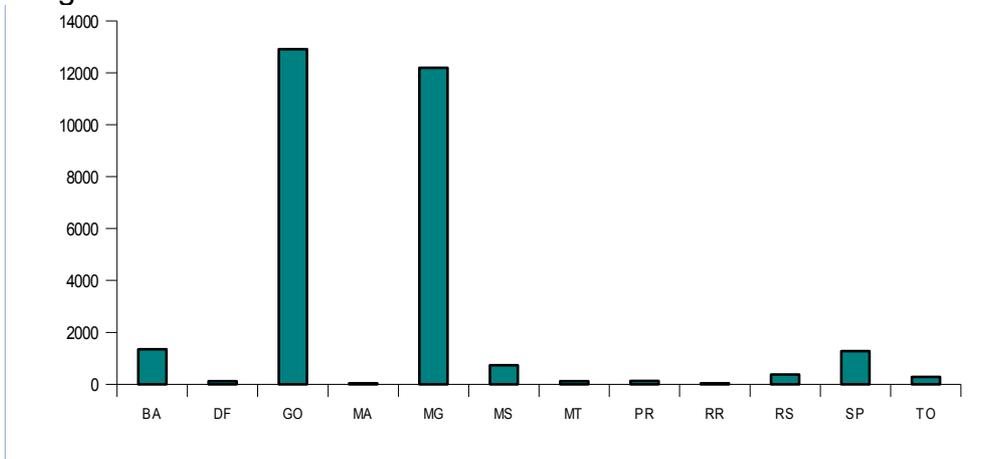
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

**Gráfico 21 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Soja**



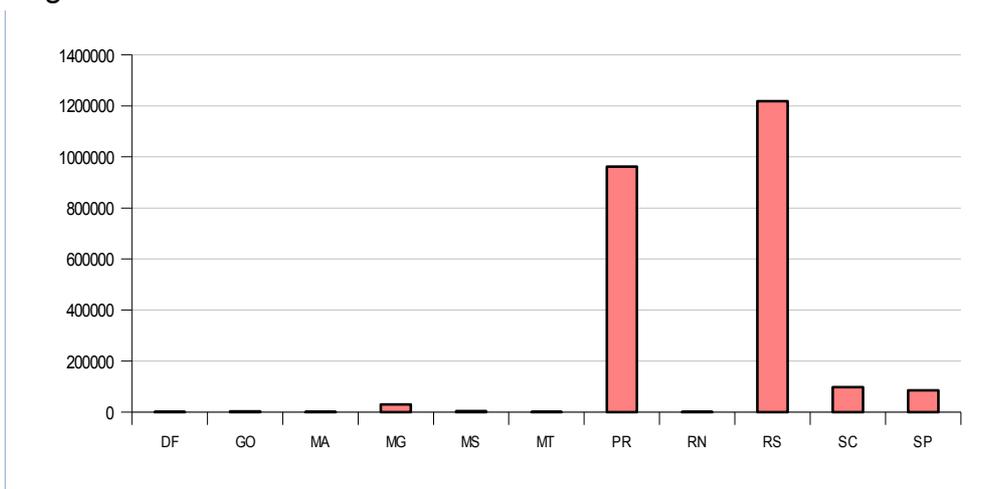
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

**Gráfico 22 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Sorgo**



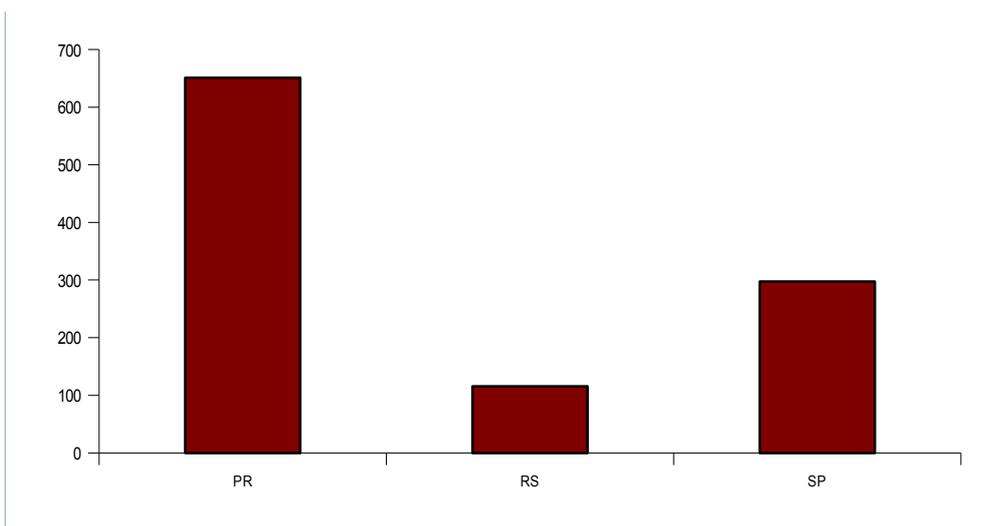
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

Gráfico 23 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Trigo



Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

Gráfico 24 – Distribuição dos financiamentos de custeio de lavoura – Triticale



Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

## 8. Monitoramento agrícola: culturas de inverno (safra 2014) e de verão (safra 2014/15) - segunda quinzena de outubro de 2014

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado no Boletins de acompanhamento de Safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola (BMA) ([http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/14\\_10\\_30\\_17\\_26\\_47\\_boletim\\_a14\\_v3\\_n18.pdf](http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/14_10_30_17_26_47_boletim_a14_v3_n18.pdf)), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas através de monitoramentos complementares: agrometeorológico e espectral, e os resultados são apresentados nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, dos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e às condições hídricas gerais (BMA). Os recursos técnicos utilizados têm origem em três fontes de dados: a) imagens

de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)<sup>2</sup> das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; e c) dados de campo.

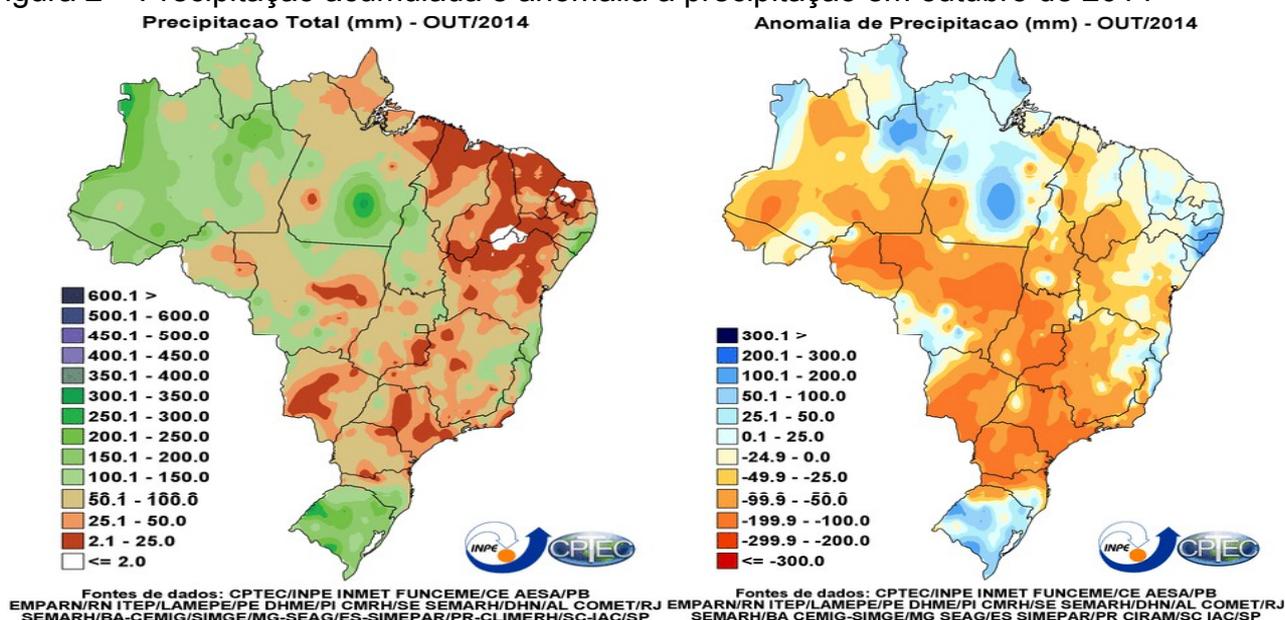
O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: culturas de inverno – safra 2014 (aveia, cevada e trigo) e culturas de verão – safra 2014/15 (amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja).

### 8.1. Condições meteorológicas recentes<sup>3</sup>

Outubro marca o início do período chuvoso nas principais regiões produtoras do Brasil. Neste ano, contudo, as chuvas só ocorreram com regularidade nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste durante a segunda quinzena, quando as condições atmosféricas foram mais favoráveis ao avanço de sistemas frontais e ao transporte de umidade da Região Norte para o centro-sul do país. Porém, mesmo com as chuvas mais regulares, o volume acumulado ficou muito abaixo da média do mês na maioria das localidades em todos os estados do Centro-Oeste e do Sudeste, com desvios negativos entre 50 e 100 mm.

Na Região Sul, a chuva acumulada ficou próxima ou acima da média nos últimos dois meses em todo o Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. Durante outubro, em todo o estado do Paraná, as chuvas foram muito irregulares e os totais acumulados ficaram muito abaixo da média, com desvios negativos entre 50 e 100 mm.

Figura 2 – Precipitação acumulada e anomalia a precipitação em outubro de 2014



2 Índice que retrata as condições atuais da vegetação, integrando os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica ao final do BMA).

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.

## 8.2. Prognóstico para o trimestre nov-dez/2014 e jan/2015<sup>3</sup>

De forma geral, os prognósticos climáticos indicam que há uma maior probabilidade de que o acumulado de chuvas no trimestre novembro/dezembro/janeiro fique acima ou dentro da faixa normal na maior parte da Região Sul e entre normal e abaixo no norte das regiões Norte e Nordeste.

No Centro-Oeste e Sudeste, alguns modelos indicam que o volume deve ficar dentro da faixa normal, podendo ultrapassar a média em algumas áreas do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo.

Na Região do MATOPIBA e parte do semiárido, há uma maior probabilidade de que o volume total de chuvas fique abaixo ou dentro da faixa normal do período, com possibilidade de apresentar volumes em torno da média em localidade no Tocantins.

## 8.3. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

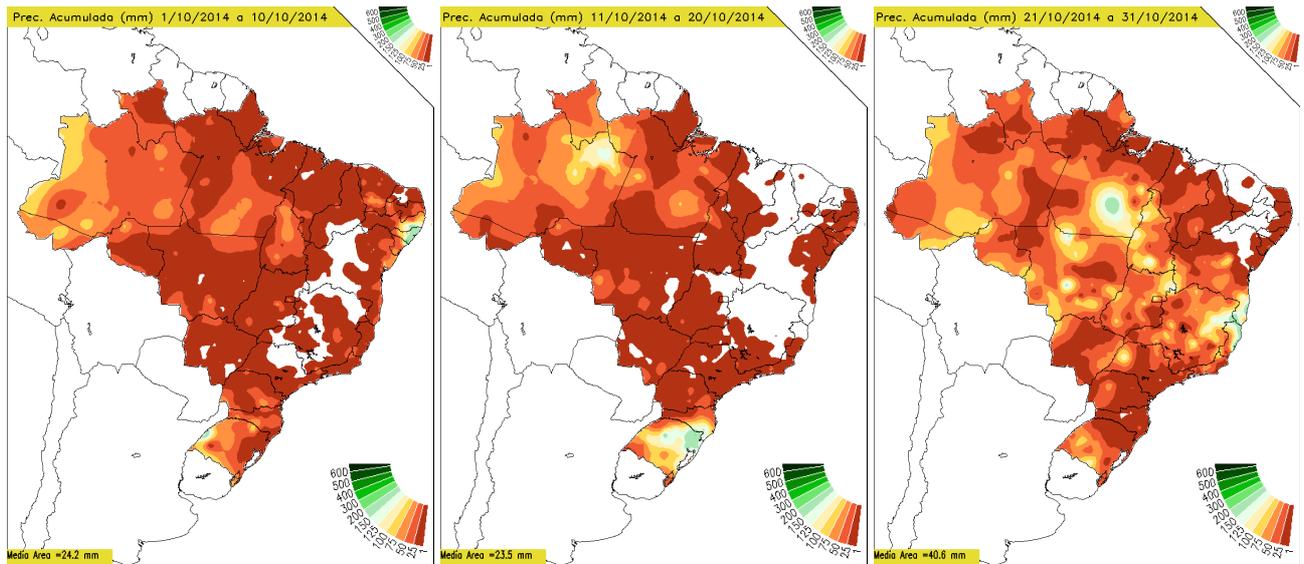
Nas tabelas desses mapas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. O resultado desse monitoramento é apresentado no capítulo referente à análise das culturas.

As precipitações irregulares em outubro nas regiões brasileiras do Centro-Oeste e do Sudeste implicaram em atraso no plantio da soja, devido às baixas condições de umidade do solo em diversos locais. No entanto, as chuvas que ocorreram em maiores volumes a partir da segunda quinzena desse mês possibilitaram uma mudança nesse cenário. Em algumas localidades, já houve condições suficientes para a retomada ou o início do plantio. O prognóstico de 7 dias (Figura 7), que se iniciou a partir de 5 novembro, demonstra chuvas favoráveis em boa parte das regiões produtoras.

---

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Figura 3 – Precipitação acumulada decenal



Fonte: INPE/CPTEC

Figura 4 – Temperaturas mínima e máxima e anomalias de temperaturas mínimas e máximas

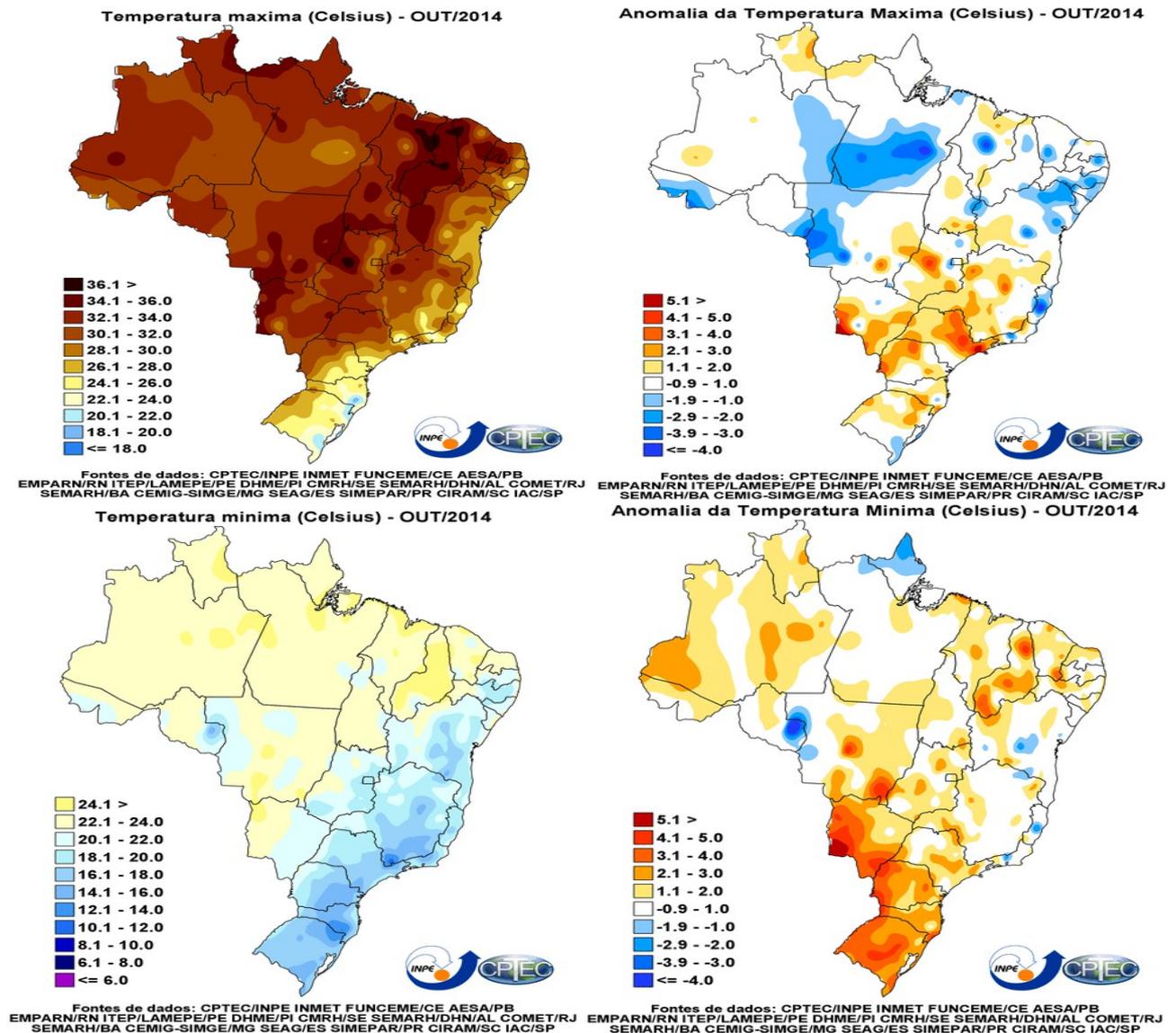
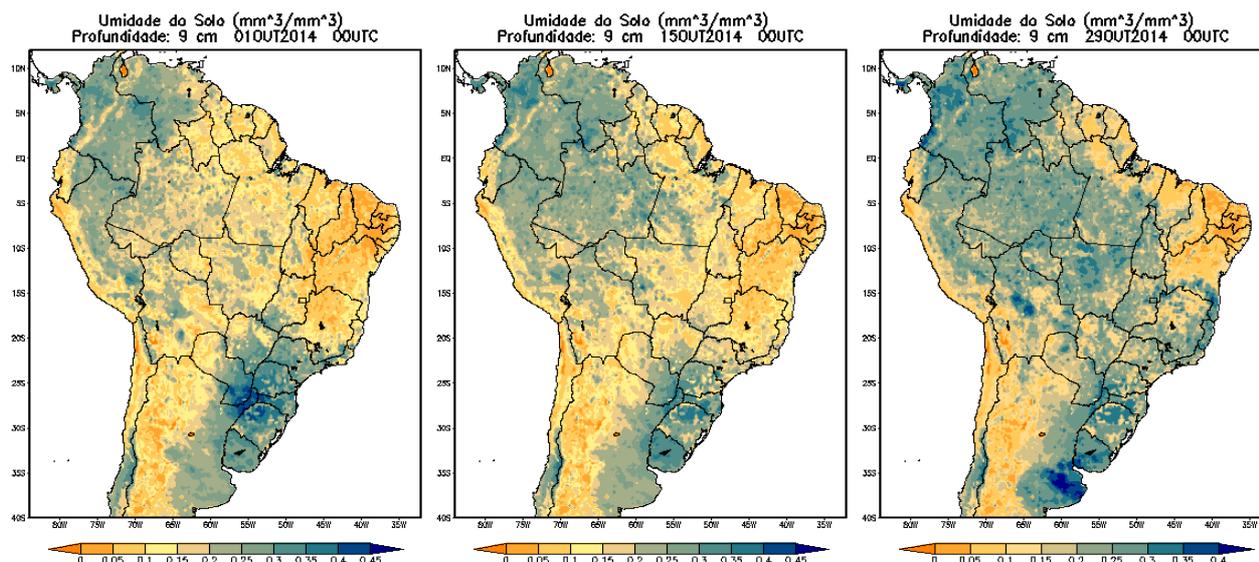
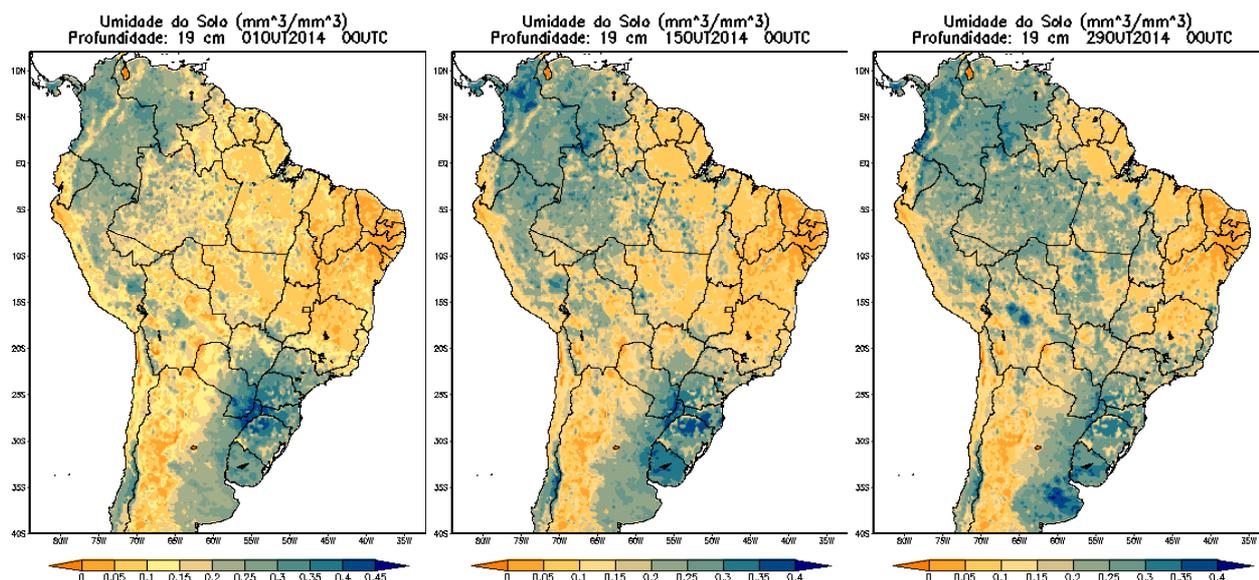


Figura 5 – Umidade do solo (mm<sup>3</sup>/mm<sup>3</sup>) na profundidade de 9 cm



Fonte: INPE/CPTEC

Figura 6 – Umidade do solo (mm<sup>3</sup>/mm<sup>3</sup>) na profundidade de 19 cm



Fonte: INPE/CPTEC

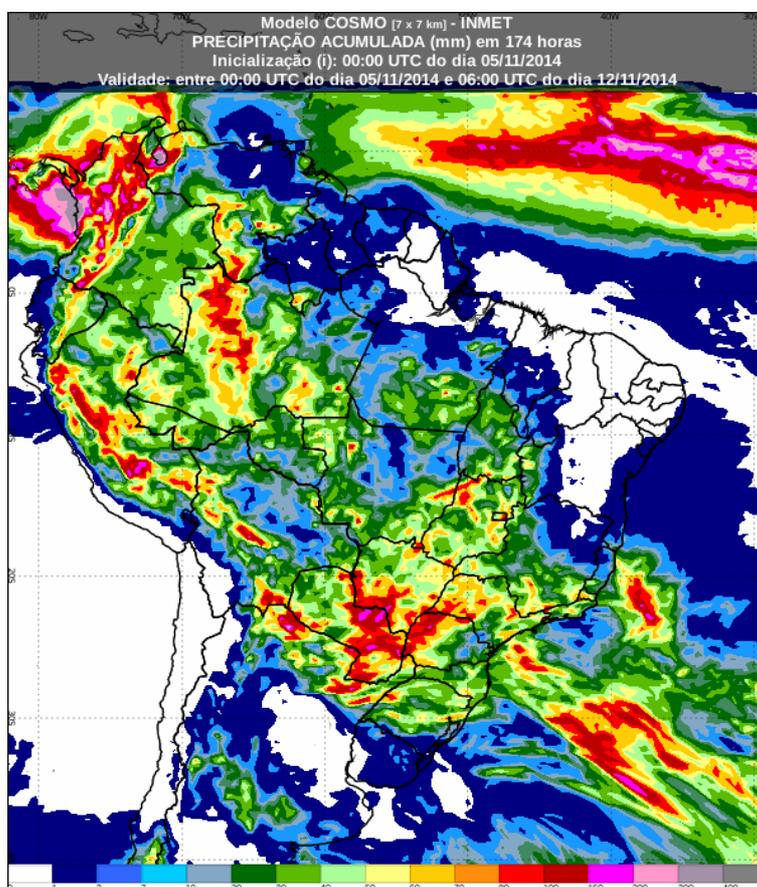
Na região do MATOPIBA (sul do Maranhão, leste do Tocantins, sul do Piauí e oeste da Bahia), onde o plantio da soja costuma ser tardio em relação às Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, analisou-se a condição para o início de plantio (pré-plantio). Assim como observado nessas regiões, as chuvas ocorreram abaixo da média. No mês de outubro, foram mais favoráveis em Tocantins. O prognóstico de 7 dias indicou maiores volumes de chuva para Tocantins e Oeste da Bahia.

No Rio Grande do Sul, houve chuvas acima da média na maior parte do estado, que provocaram perda de qualidade e produtividade do trigo. Em relação às culturas de verão, as condições de umidade retardaram o plantio do arroz em partes do sudoeste, principalmente na região da Campanha. No entanto, o plantio foi recuperado com a redução do volume de chuvas no final do mês. No geral, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento dessa cultura, do milho e da soja.

No Paraná e em Santa Catarina, chuvas abaixo da média favoreceram as lavouras de trigo em maturação e colheita. Já, em relação às culturas de verão, em diversas

regiões do Paraná, a condição de baixas precipitações começou a gerar atrasos no plantio das culturas de verão e até preocupação com relação aos cultivos que estão em desenvolvimento. No entanto, o prognóstico de chuvas (Figura 7) indica chuvas para boa parte dessas regiões. As precipitações mais intensas devem ocorrer na região oeste do Paraná.

Figura 7 – Prognóstico de chuva do dia 06 a 12/11/2014



#### 8.4. Monitoramento espectral

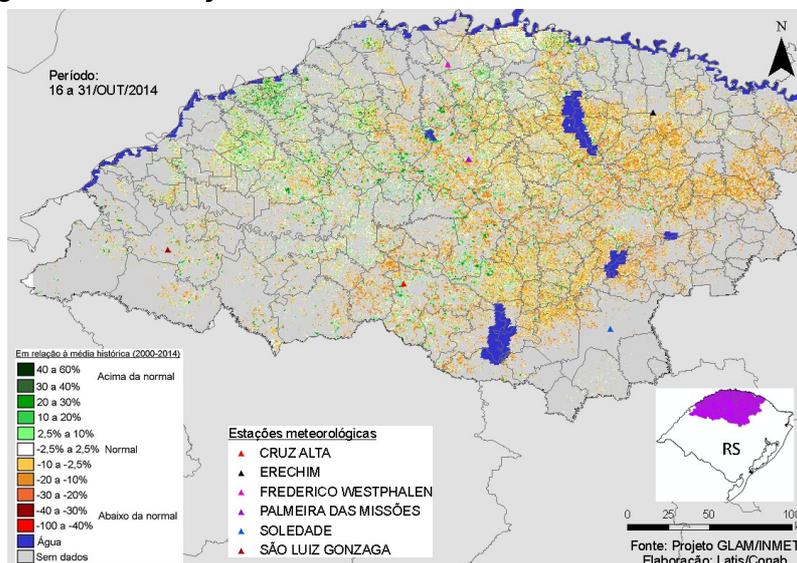
O monitoramento espectral é feito a partir do acompanhamento do Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Os mapas de anomalia mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à média histórica. Os gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice. Já os gráficos de evolução temporal possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras e a comparação entre diferentes anos safra.

O presente monitoramento foi feito em 7 mesorregiões produtoras que cobrem juntas aproximadamente 50% das culturas de verão, entre elas o Noroeste Rio-Grandense e o Oeste Catarinense, que representam mais de 42% da área plantada com trigo no país e que no momento encontra-se, predominantemente, nas fases de maturação e colheita. Os resultados de todas as principais mesorregiões produtoras, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão sendo divulgados mensalmente no Boletim de Monitoramento Agrícola (BMA) pela Conab, cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal. A seguir são

apresentadas as informações e análises mais recentes dessas 7 mesorregiões.

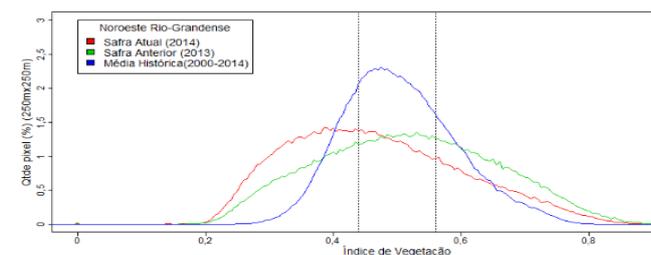
### 8.4.1. Noroeste rio-grandense

Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



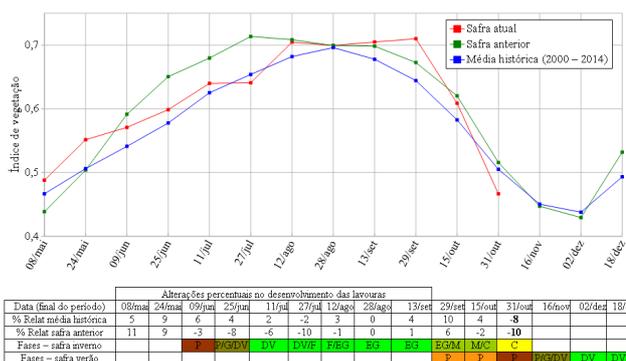
No mapa acima, as cores em verde são principalmente cultivos de verão já com alguma cobertura vegetal e boa resposta do IV. Áreas agrícolas já colhidas e/ou dessecadas para o plantio da safra de verão se mostram em cores amarelo e laranja no mapa. Uma parcela expressiva das lavouras de trigo, que eventualmente tenham sido afetadas por doenças em decorrência de condições climáticas adversas, também respondem com baixos valores de IV, e, nessas condições, elas também se apresentam em amarelo e laranja no mapa. Expectativa de quebra do potencial de produtividade e qualidade do grão das lavouras de inverno.

Gráfico 25 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,4394	0,4394 - 0,5591	0,5591 - 1
Safra Atual (2014)	46,99%	28,56%	24,45%
Safra Anterior (2013)	31,68%	30,64%	37,67%
Média Histórica	25%	50%	25%
Diferença(Safra Atual-Média)	21,99%	-21,44%	-0,55%

Gráfico 26 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



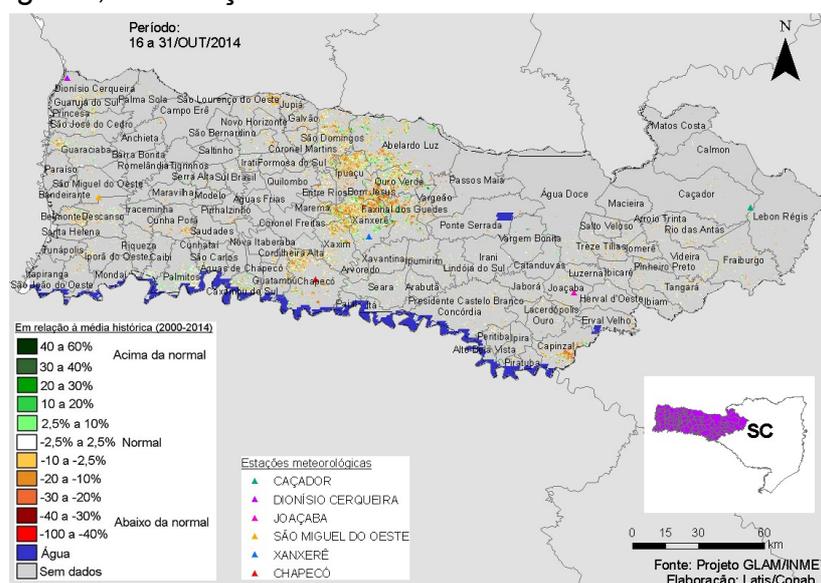
A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 21,99% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em laranja no mapa anterior. Tem 21,44% a menos que a média histórica de lavouras com padrão médio de desenvolvimento e 0,55% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde no mapa. A safra atual tem 24,45% das lavouras com alta resposta de IV contra 37,67% da safra passada, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 8% abaixo da média histórica e 10%

abaixo da safra passada.

No gráfico de evolução temporal, a linha vermelha mostra que os atuais cultivos de inverno responderam, nos meses de junho e julho, com atividade fotossintética bem abaixo da safra passada, indicando o atraso no plantio, principalmente do trigo. Os três monitoramentos seguintes mostraram boa recuperação superando as safras anteriores. Porém, no momento as lavouras respondem com padrão abaixo das safras passadas. A queda já vinha sendo assinalada desde o monitoramento anterior, na primeira quinzena de outubro. Expectativa de redução do potencial de rendimento dos cultivos de inverno nesta região do Rio Grande do Sul.

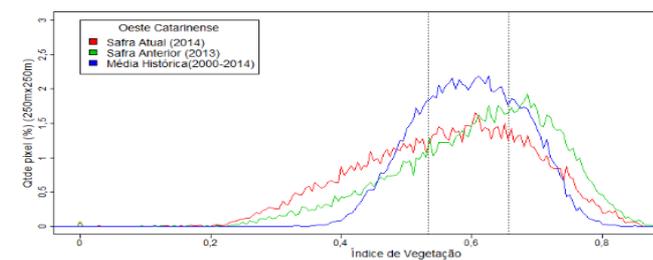
#### 8.4.2. Oeste catarinense

Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



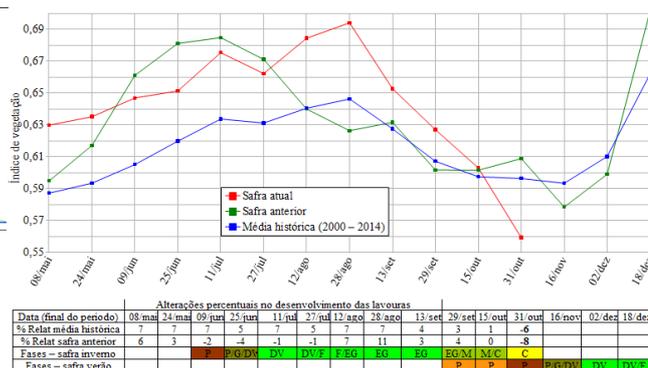
No mapa acima, as poucas áreas em verde são principalmente cultivos de verão já com alguma cobertura vegetal e boa resposta do IV. Áreas agrícolas já colhidas e/ou dessecadas para a semeadura da safra de verão e com plantio atrasado se mostram em cores amarelo e laranja no mapa. Uma parcela das lavouras de trigo, que eventualmente tenham sido afetadas por doenças em decorrência de condições climáticas adversas, principalmente no final de setembro, também responde com baixos valores de IV, e, nessas condições, elas também se apresentam em amarelo e laranja no mapa. A região deve ter redução do potencial de rendimento dos cultivos de inverno, principalmente do trigo.

Gráfico 27 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,5333	0,5333 - 0,6568	0,6568 - 1
Safra Atual (2014)	40,87%	34,46%	24,67%
Safra Anterior (2013)	25,85%	35,21%	38,93%
Média Histórica	25%	50%	25%
Diferença(Safra Atual-Média)	15,87%	-15,54%	-0,33%

Gráfico 28 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras														
	08 mai	24 mai	09 jun	25 jun	11 jul	27 jul	12 ago	28 ago	13 set	29 set	15 out	31 out	16 nov	02 dez	18 dez
% Relat média histórica	7	7	7	5	7	5	7	7	4	3	1	-6			
% Relat safra anterior	6	3	-2	-4	-1	+1	7	11	3	4	0	-8			
Fases – safra inverno			P	P/G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C			
Fases – safra verão										P	P	P	P/G/DV	DV	DV/F

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 15,87% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 15,54% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 0,33% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 24,67% de suas lavouras com altos valores de IV contra 38,93% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 6% abaixo da média histórica e 8% abaixo da safra passada.

No gráfico de evolução, a linha vermelha mostra que em junho e julho as áreas destinadas aos cultivos de inverno apresentaram comportamento com padrão abaixo da safra passada. Chuvas em excesso atrasaram o plantio e chegaram a prejudicar as lavouras que já tinham sido semeadas. Em agosto houve forte ascensão, mostrando que houve recuperação. A forte queda a partir de setembro se deve em parte pela dessecação de áreas de cobertura vegetal para o início do plantio da safra de verão e também em parte pelos efeitos negativos do clima, que ocorreram no final de setembro pelo excesso de chuvas, sobre as lavouras de inverno.

### 8.4.3. Norte mato-grossense

O mapa a seguir mostra os municípios maiores produtores da safra de verão em cores amarelo e laranja indicando que as lavouras ainda não apresentam cobertura foliar suficiente para respostas de IV relativamente altos. Esta situação decorre do retardo do plantio da soja em função do atraso das chuvas na região. As poucas áreas em verde indicam locais onde o clima permitiu o plantio mais cedo. Nesta última semana de outubro já foram registrados bons índices pluviométricos e, por isso, os produtores devem intensificar o plantio e desta forma normalizar o andamento da safra 2014/15.

Figura 10 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica

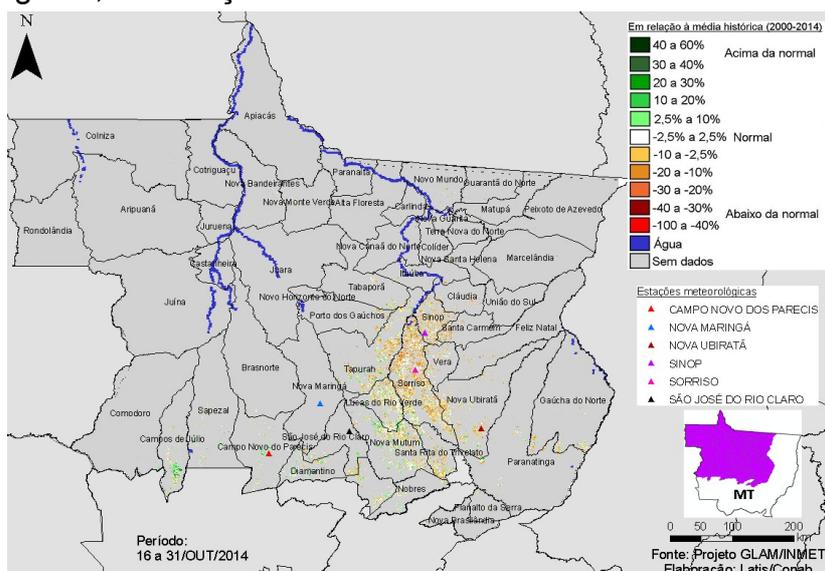


Gráfico 29 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

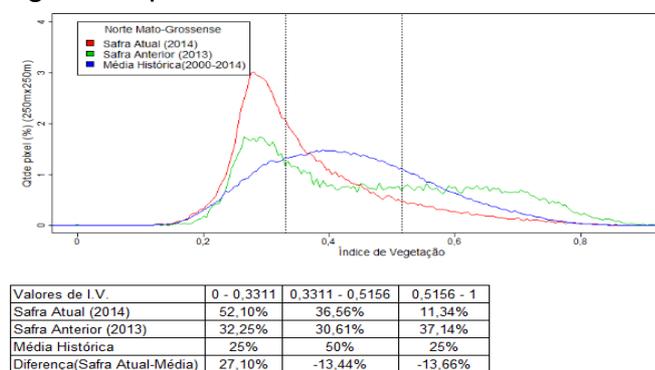
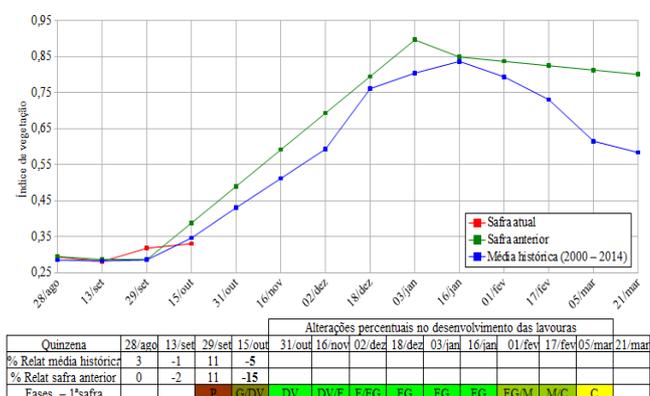


Gráfico 30 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

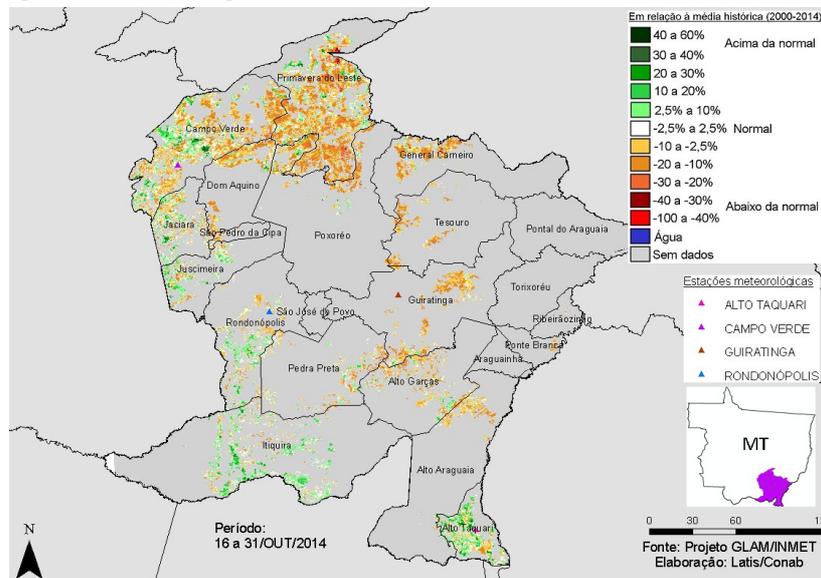


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 27,10% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 13,44% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 13,66% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 11,34% de suas lavouras com altos valores de IV contra 37,14% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 21% abaixo da média histórica e 16% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no momento ideal da semeadura.

### 8.4.4. Sudeste mato-grossense

Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra as áreas agrícolas em dois padrões: ao norte e centro da região, o predomínio das cores amarelo e laranja indica lavouras com padrão inferior, possivelmente devido ao retardo do plantio pela falta de chuvas. Ao sul e oeste da região o predomínio da cor verde caracteriza cultivos já com alguma cobertura foliar e boa resposta de IV. As chuvas dos últimos dias devem levar os produtores a intensificar o plantio e assim normalizar o andamento da atual safra de verão.

Gráfico 31 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

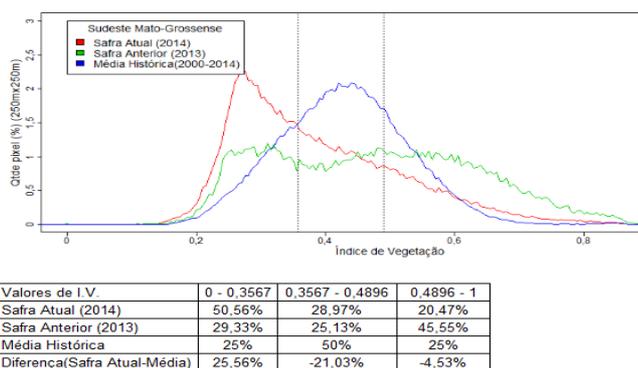
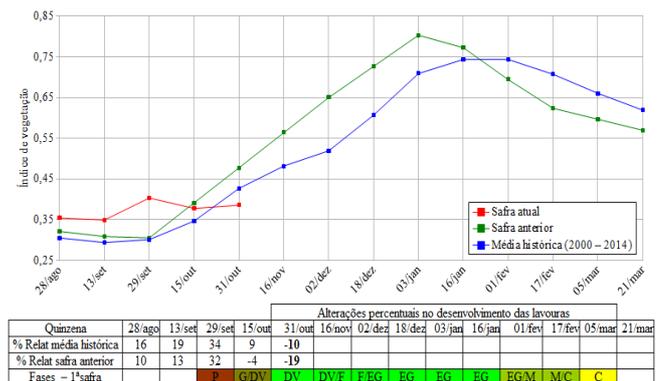


Gráfico 32 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 25,56% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 21,03% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 4,53% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 20,47% de suas lavouras com altos valores de IV contra 45,55% da safra do ano passado, no mesmo

período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 10% abaixo da média histórica e 19% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no momento ideal da semeadura. O declínio nos dois monitoramentos mais recentes mostra que durante todo o mês de outubro as áreas agrícolas ainda estiveram desprovidas de cobertura vegetal.

#### 8.4.5. Sul goiano

O mapa a seguir mostra as áreas agrícolas em dois padrões: as áreas em cores amarelo e laranja correspondem às lavouras com padrão inferior, possivelmente devido ao retardo do plantio pela falta de chuvas na época da semeadura. Em verde são cultivos já com alguma cobertura foliar. As chuvas dos últimos dias devem levar os produtores a intensificar o plantio e assim normalizar o andamento da atual safra de verão no estado.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 23,54% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 13,59% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 9,95% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 15,05% de suas lavouras com altos valores de IV contra 42,14% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 11% abaixo da média histórica e 17% abaixo da safra passada.

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica

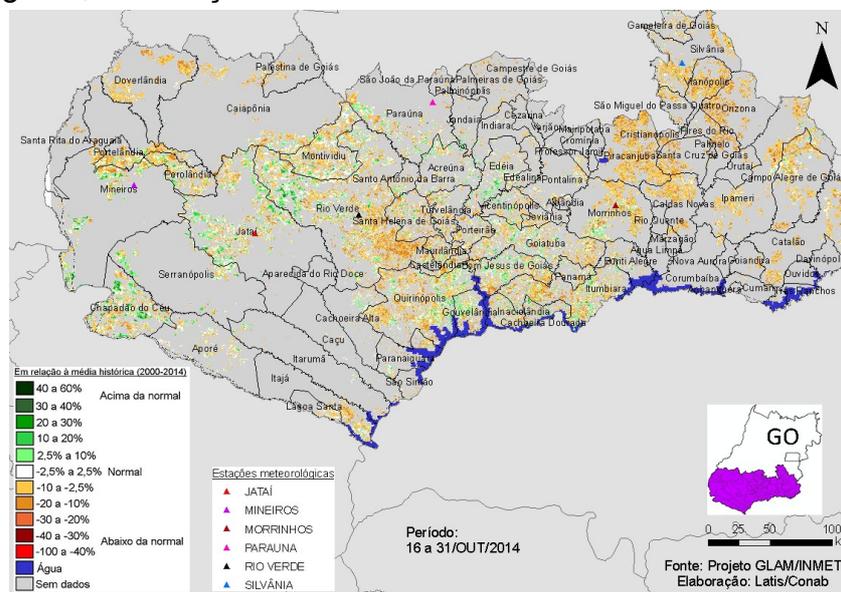


Gráfico 33 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

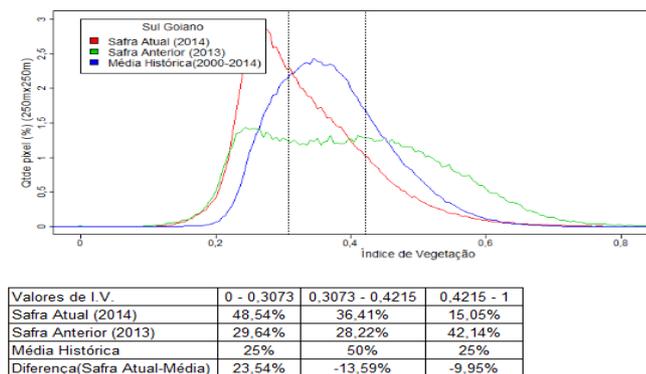
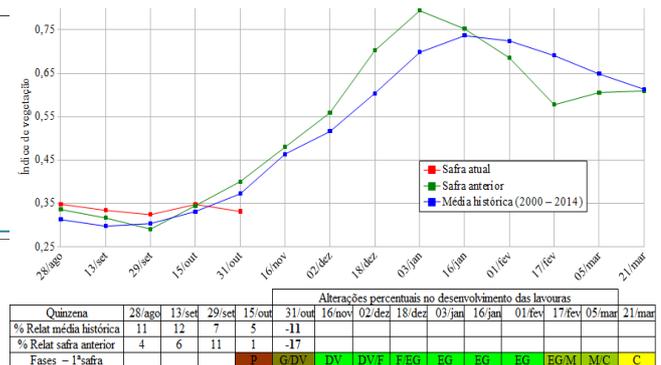


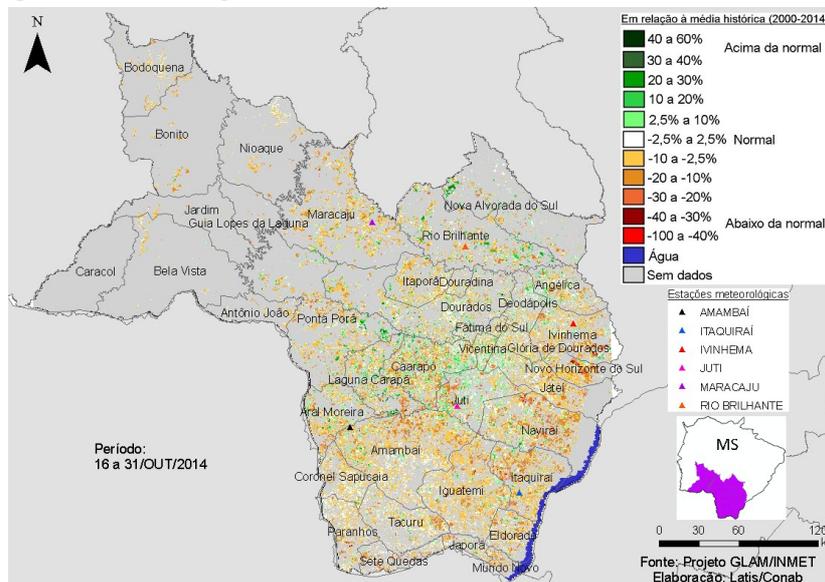
Gráfico 34 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no momento ideal da semeadura. O declínio no último monitoramento mostra que na 2ª quinzena de outubro as áreas agrícolas, em média, ainda estavam desprovidas de cobertura vegetal.

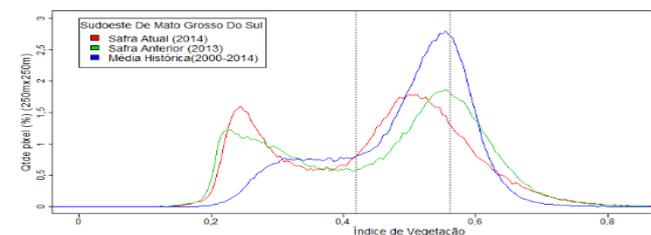
#### 8.4.6. Sudoeste do Mato Grosso do Sul

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



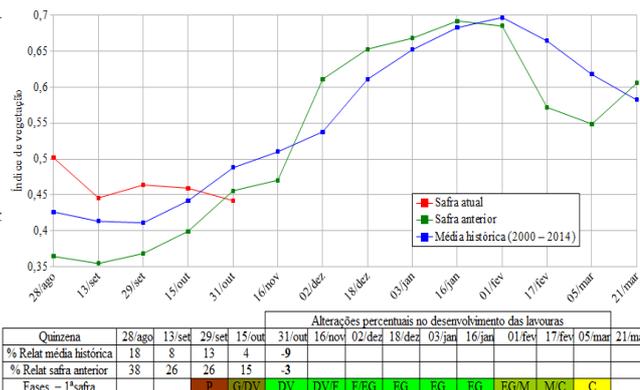
O mapa acima mostra as áreas agrícolas em dois padrões: Em cores amarelo e laranja são áreas com que ainda não mostram cobertura vegetal, possivelmente devido ao retardo do plantio pela falta de chuvas na época da semeadura. As poucas áreas em verde são cultivos já com alguma cobertura foliar. As chuvas dos últimos dias devem levar os produtores a intensificar o plantio e assim normalizar o andamento da atual safra de verão.

Gráfico 35 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,4191	0,4191 - 0,5606	0,5606 - 1
Safra Atual (2014)	39,18%	41,91%	18,92%
Safra Anterior (2013)	38,34%	34,21%	27,45%
Média Histórica	25%	50%	25%
Diferença(Safra Atual-Média)	14,18%	-8,09%	-6,08%

Gráfico 36 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

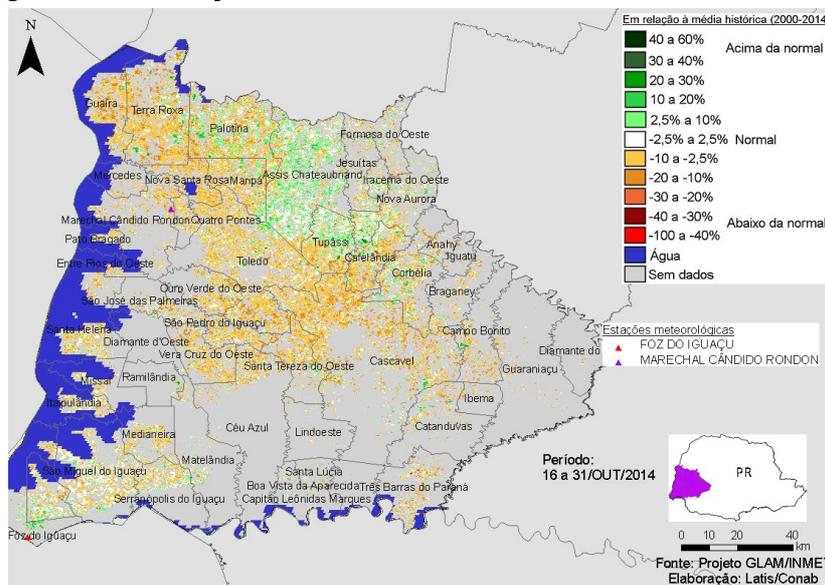


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 14,18% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 8,09% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 6,08% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 18,92% de suas lavouras com altos valores de IV contra 27,45% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 9% abaixo da média histórica e 3% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no momento ideal da semeadura. O declínio no último monitoramento mostra que na segunda quinzena de outubro as áreas agrícolas, em média, ainda apresentavam pouca cobertura vegetal.

8.4.7. Oeste paranaense

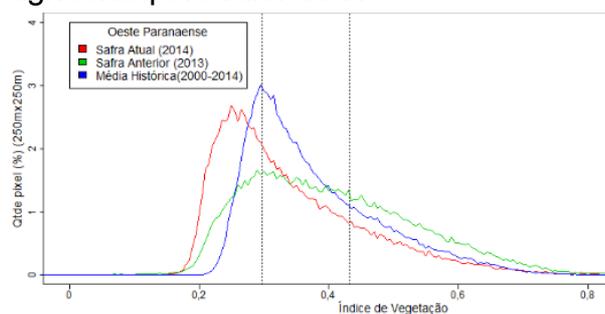
Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em amarelo, laranja e marrom são áreas preparadas para a semeadura da safra de verão, que, pela deficiência de água no solo em parte da região, podem estar com o plantio atrasado. Em verde, principalmente na parte norte da região, são áreas que apresentam cobertura foliar com relativamente alto IV. Essas duas aparentes anomalias (positiva e negativa) decorrem, também, da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes e os da média histórica e, desta forma, não implicam, até o momento, em quebra ou aumento de produtividade.

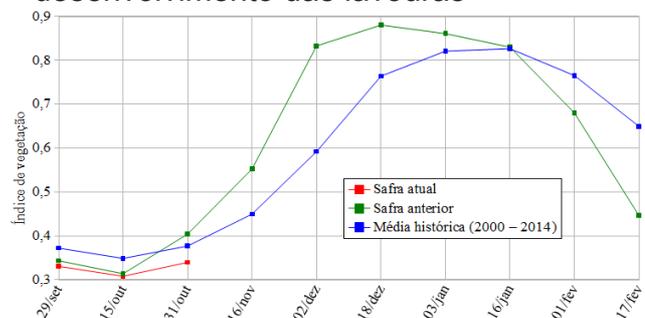
A tabela do gráfico de quantificação de áreas, mostra que a safra atual tem 21,27% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 15,25% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 6,02% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 18,98% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 37,45% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 10% abaixo da média histórica e 16% abaixo da safra passada.

Gráfico 37 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,2975	0,2975 - 0,4314	0,4314 - 1
Safra Atual (2014)	46,27%	34,75%	18,98%
Safra Anterior (2013)	24,01%	38,54%	37,45%
Média Histórica	25%	50%	25%
Diferença(Safra Atual-Média)	21,27%	-15,25%	-6,02%

Gráfico 38 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									
	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	-11	-12	-10							
% Relat safra anterior	-4	-2	-16							
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no momento ideal da semeadura. A baixa resposta do IV no último monitoramento mostra que na segunda quinzena de outubro as áreas agrícolas, em média, ainda apresentavam pouca cobertura vegetal.

– Fonte: USDA / NASA / UMD - Projeto GLAM – <http://pekko.geog.umd.edu/usda/test>.

## 9. Análise das culturas

### 9.1. Culturas de verão

#### 9.1.1. Algodão

O Brasil já foi um grande importador de algodão em fibra. Na safra 1999/00, por exemplo, o país chegou a importar 300 mil toneladas de fibra. Desde então, as importações ultrapassaram a casa das 100 mil toneladas apenas na safra 2010/11, sendo que a média de importação das últimas dez safras foi de 49,9 mil toneladas. Na safra 2003/04 a produção de pluma ultrapassou, pela primeira vez, 1 milhão de toneladas e tem se mantido acima deste valor até a última safra. A baixa produção brasileira antes da safra 2002/03 ocorria em virtude da ausência de variedades adaptadas às diversas condições climáticas existentes no país. Com o salto de tecnologia das variedades disponíveis no mercado com o ciclo mais definido, rendimento de pluma mais alto, alta produtividade, resistência ao ataque de pragas e tolerância às principais doenças, e com o aumento da demanda mundial, a safra de algodão em pluma foi de 1,46 milhão de toneladas na média das últimas 11 safras.

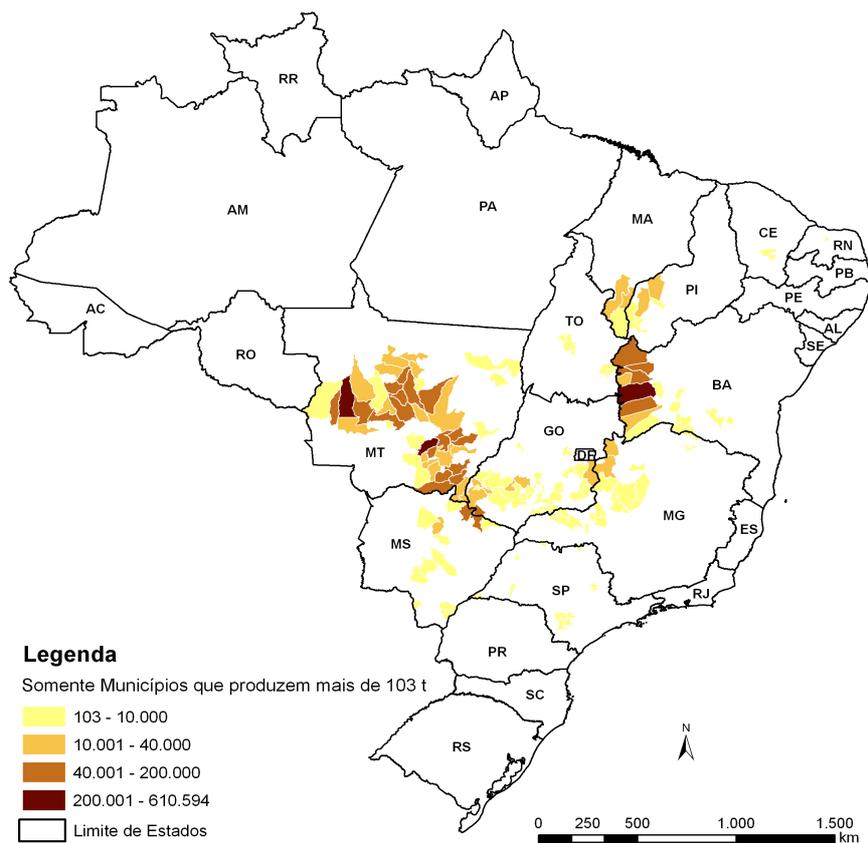
A cotonicultura é um segmento agrícola que requer alto investimento e, conseqüentemente, são os produtores mais tecnicizados responsáveis pela maior parte da produção brasileira. Como o consumo interno não tem muita variação ao longo dos anos (média de 922,8 mil toneladas nas últimas 15 safras), o produtor é, de certa forma, refém da demanda externa, o que requer um cuidadoso planejamento na área a ser plantada. Neste contexto, as cotações agrícolas são fatores determinantes para a tomada de decisão da área a ser plantada.

Por outro lado, um fator determinante para se firmar como um produtor de algodão, é ter controle de várias etapas da produção, desde o plantio até a separação da fibra e do caroço. Isso faz com que o produtor agregue valor ao produto e, em razão do alto investimento, permanece na cadeia produtiva, mesmo quando se é necessário reduzir em parte a área plantada. A maior volatilidade entre produzir algodão ou apostar em outras culturas como milho e soja, acontece, na sua maior parte, com produtores que não possuem esta estrutura de processamento.

Apesar da capilaridade da cultura, cultivada em 15 estados, cerca de 85% da área plantada de algodão está concentrada em Mato Grosso e Bahia. Particularmente a cultura se desenvolve em regiões onde a agricultura já está consolidada e solos com alta fertilidade, isso acaba concentrando as regiões produtoras. No Mato Grosso, seis municípios detêm aproximadamente 55% da área plantada do estado.

Outro ponto importante a ser abordado neste estado é a migração para o cultivo de algodão segunda safra. Produtores têm apostado no cultivo de variedade de soja superprecoces, com ciclo inferior a 100 dias com plantio subsequente do algodão. Além da vantagem de evitar a alta pressão da ferrugem-asiática, principal doença da soja, e ter produto disponível no mercado quando as cotações não foram influenciadas pela grande produção do estado, os produtores se valem de um período ideal para o plantio do algodão. Além de alcançar produtividade bem próxima do algodão primeira safra (cerca de 5% menor), ainda evita que o período de abertura do capulho não coincida com o período chuvoso, o que permite uma fibra de melhor qualidade. Esse ano, o atraso do plantio da soja pode comprometer a janela de plantio do algodão segunda safra, o que poderá fazer com que os produtores optem por plantar a cultura na primeira safra.

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO			P	P	P				C	C		
<b>Nordeste</b>												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN				P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA			P	P	P	P			C	C	C	C
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				P	P				C	C	C	C
MS			P	P	P			C	C	C	C	C
GO			P	P	P				C	C	C	
<b>Sudeste</b>												
MG			P	P	P			C	C	C	C	C
SP	P	P	P			C	C	C	C	C		
<b>Sul</b>												
PR	P	P	P				C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>4,2</b>	<b>4,9</b>	<b>(12,5)</b>	<b>2,1</b>	<b>4.020</b>	<b>3.983</b>	<b>(0,9)</b>	<b>19,3</b>	<b>16,7</b>	<b>19,5</b>	<b>(13,5)</b>	<b>1,0</b>
TO	4,8	4,2	4,9	(12,5)	3,0	4.020	3.983	(0,9)	19,3	16,7	19,5	(13,5)	1,0
<b>NORDESTE</b>	<b>352,8</b>	<b>322,3</b>	<b>342,0</b>	<b>(8,6)</b>	<b>(3,1)</b>	<b>3.872</b>	<b>4.071</b>	<b>5,1</b>	<b>1.366,2</b>	<b>1.311,9</b>	<b>1.392,9</b>	<b>(4,0)</b>	<b>2,0</b>
MA	18,6	19,5	22,7	5,0	22,0	4.140	4.232	2,2	77,0	82,5	96,1	7,1	24,8
PI	12,1	12,6	13,2	4,0	9,0	4.125	3.977	(3,6)	49,9	50,1	52,5	0,4	5,2
CE	1,8	1,8	1,8	-	-	780	651	(16,5)	1,4	1,2	1,2	(14,3)	(14,3)
RN	0,4	0,4	0,4	-	-	3.810	4.042	6,1	1,5	1,6	1,6	6,7	6,7
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	660	622	(5,8)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,3	0,3	0,3	-	-	540	512	(5,2)	0,2	0,2	0,2	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	480	490	2,1	-	-	-	-	-
BA	319,4	287,5	303,4	(10,0)	(5,0)	3.870	4.091	5,7	1.236,1	1.176,2	1.241,2	(4,8)	0,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>734,2</b>	<b>612,4</b>	<b>676,3</b>	<b>(16,6)</b>	<b>(7,9)</b>	<b>3.974</b>	<b>4.076</b>	<b>2,6</b>	<b>2.917,6</b>	<b>2.496,5</b>	<b>2.756,5</b>	<b>(14,4)</b>	<b>(5,5)</b>
MT	643,1	533,8	591,7	(17,0)	(8,0)	3.960	4.054	2,4	2.546,7	2.164,0	2.398,8	(15,0)	(5,8)
MS	37,5	33,0	35,3	(12,0)	(6,0)	4.275	4.423	3,5	160,3	146,0	156,1	(8,9)	(2,6)
GO	53,6	45,6	49,3	(15,0)	(8,0)	3.930	4.090	4,1	210,6	186,5	201,6	(11,4)	(4,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>28,9</b>	<b>22,2</b>	<b>24,9</b>	<b>(23,2)</b>	<b>(13,8)</b>	<b>3.443</b>	<b>3.574</b>	<b>3,8</b>	<b>99,5</b>	<b>79,4</b>	<b>88,9</b>	<b>(20,2)</b>	<b>(10,7)</b>
MG	20,9	18,4	20,1	(12,0)	(4,0)	3.469	3.593	3,6	72,5	66,1	72,2	(8,8)	(0,4)
SP	8,0	3,8	4,8	(53,0)	(40,0)	3.375	3.488	3,3	27,0	13,3	16,7	(50,7)	(38,1)
<b>SUL</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>2.375</b>	<b>2.179</b>	<b>(8,3)</b>	<b>2,1</b>	<b>2,0</b>	<b>2,0</b>	<b>(4,8)</b>	<b>(4,8)</b>
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	2,0	(4,8)	(4,8)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>357,6</b>	<b>326,5</b>	<b>346,9</b>	<b>(8,7)</b>	<b>(3,0)</b>	<b>3.874</b>	<b>4.070</b>	<b>5,1</b>	<b>1.385,5</b>	<b>1.328,6</b>	<b>1.412,4</b>	<b>(4,1)</b>	<b>1,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>764,0</b>	<b>635,5</b>	<b>702,1</b>	<b>(16,8)</b>	<b>(8,1)</b>	<b>3.952</b>	<b>4.056</b>	<b>2,6</b>	<b>3.019,2</b>	<b>2.577,9</b>	<b>2.847,4</b>	<b>(14,6)</b>	<b>(5,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.121,6</b>	<b>962,0</b>	<b>1.049,0</b>	<b>(14,2)</b>	<b>(6,5)</b>	<b>3.927</b>	<b>4.061</b>	<b>3,4</b>	<b>4.404,7</b>	<b>3.906,5</b>	<b>4.259,8</b>	<b>(11,3)</b>	<b>(3,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>4,2</b>	<b>4,9</b>	<b>(12,5)</b>	<b>2,1</b>	<b>1.548</b>	<b>1.533</b>	<b>(0,9)</b>	<b>7,4</b>	<b>6,4</b>	<b>7,5</b>	<b>(13,5)</b>	<b>1,4</b>
TO	4,8	4,2	4,9	(12,5)	3,0	1.548	1.533	(1,0)	7,4	6,4	7,5	(13,5)	1,4
<b>NORDESTE</b>	<b>352,8</b>	<b>322,3</b>	<b>342,0</b>	<b>(8,6)</b>	<b>(3,1)</b>	<b>1.515</b>	<b>1.593</b>	<b>5,2</b>	<b>534,6</b>	<b>513,4</b>	<b>545,0</b>	<b>(4,0)</b>	<b>1,9</b>
MA	18,6	19,5	22,7	5,0	22,0	1.635	1.672	2,3	30,4	32,6	37,9	7,2	24,7
PI	12,1	12,6	13,2	4,0	9,0	1.629	1.571	(3,6)	19,7	19,8	20,7	0,5	5,1
CE	1,8	1,8	1,8	-	-	273	228	(16,5)	0,5	0,4	0,4	(20,0)	(20,0)
RN	0,4	0,4	0,4	-	-	1.448	1.536	6,1	0,6	0,6	0,6	-	-
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	231	218	(5,6)	-	-	-	-	-
PE	0,3	0,3	0,3	-	-	189	179	(5,3)	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	168	172	2,4	-	-	-	-	-
BA	319,4	287,5	303,4	(10,0)	(5,0)	1.513	1.600	5,8	483,3	459,9	485,3	(4,8)	0,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>734,2</b>	<b>612,4</b>	<b>676,3</b>	<b>(16,6)</b>	<b>(7,9)</b>	<b>1.569</b>	<b>1.610</b>	<b>2,6</b>	<b>1.152,2</b>	<b>986,0</b>	<b>1.088,6</b>	<b>(14,4)</b>	<b>(5,5)</b>
MT	643,1	533,8	591,7	(17,0)	(8,0)	1.564	1.601	2,4	1.005,9	854,8	947,5	(15,0)	(5,8)
MS	37,5	33,0	35,3	(12,0)	(6,0)	1.689	1.747	3,4	63,3	57,7	61,7	(8,8)	(2,5)
GO	53,6	45,6	49,3	(15,0)	(8,0)	1.548	1.611	4,1	83,0	73,5	79,4	(11,4)	(4,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>28,9</b>	<b>22,2</b>	<b>24,9</b>	<b>(23,2)</b>	<b>(13,8)</b>	<b>1.349</b>	<b>1.397</b>	<b>3,6</b>	<b>39,0</b>	<b>31,0</b>	<b>34,8</b>	<b>(20,5)</b>	<b>(10,8)</b>
MG	20,9	18,4	20,1	(12,0)	(4,0)	1.353	1.401	3,5	28,3	25,8	28,2	(8,8)	(0,4)
SP	8,0	3,8	4,8	(53,0)	(40,0)	1.333	1.378	3,4	10,7	5,2	6,6	(51,4)	(38,3)
<b>SUL</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>889</b>	<b>778</b>	<b>(12,5)</b>	<b>0,8</b>	<b>0,7</b>	<b>0,7</b>	<b>(12,5)</b>	<b>(12,5)</b>
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>357,6</b>	<b>326,5</b>	<b>346,9</b>	<b>(8,7)</b>	<b>(3,0)</b>	<b>1.516</b>	<b>1.592</b>	<b>5,0</b>	<b>542,0</b>	<b>519,8</b>	<b>552,5</b>	<b>(4,1)</b>	<b>1,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>764,0</b>	<b>635,5</b>	<b>702,1</b>	<b>(16,8)</b>	<b>(8,1)</b>	<b>1.560</b>	<b>1.601</b>	<b>2,6</b>	<b>1.192,0</b>	<b>1.017,7</b>	<b>1.124,1</b>	<b>(14,6)</b>	<b>(5,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.121,6</b>	<b>962,0</b>	<b>1.049,0</b>	<b>(14,2)</b>	<b>(6,5)</b>	<b>1.546</b>	<b>1.598</b>	<b>3,4</b>	<b>1.734,0</b>	<b>1.537,5</b>	<b>1.676,6</b>	<b>(11,3)</b>	<b>(3,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>4,2</b>	<b>4,9</b>	<b>(12,5)</b>	<b>2,1</b>	<b>2.472</b>	<b>2.450</b>	<b>(0,9)</b>	<b>11,9</b>	<b>10,3</b>	<b>12,0</b>	<b>(13,4)</b>	<b>0,8</b>
TO	4,8	4,2	4,9	(12,5)	3,0	2.472	2.450	(0,9)	11,9	10,3	12,0	(13,4)	0,8
<b>NORDESTE</b>	<b>352,8</b>	<b>322,3</b>	<b>342,0</b>	<b>(8,6)</b>	<b>(3,1)</b>	<b>2.357</b>	<b>2.478</b>	<b>5,1</b>	<b>831,6</b>	<b>798,5</b>	<b>847,9</b>	<b>(4,0)</b>	<b>2,0</b>
MA	18,6	19,5	22,7	5,0	22,0	2.505	2.560	2,2	46,6	49,9	58,2	7,1	24,9
PI	12,1	12,6	13,2	4,0	9,0	2.496	2.406	(3,6)	30,2	30,3	31,8	0,3	5,3
CE	1,8	1,8	1,8	-	-	507	423	(16,6)	0,9	0,8	0,8	(11,1)	(11,1)
RN	0,4	0,4	0,4	-	-	2.362	2.506	6,1	0,9	1,0	1,0	11,1	11,1
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	429	404	(5,8)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,3	0,3	0,3	-	-	351	333	(5,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	312	319	2,2	-	-	-	-	-
BA	319,4	287,5	303,4	(10,0)	(5,0)	2.357	2.491	5,7	752,8	716,3	755,9	(4,8)	0,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>734,2</b>	<b>612,4</b>	<b>676,3</b>	<b>(16,6)</b>	<b>(7,9)</b>	<b>2.404</b>	<b>2.466</b>	<b>2,6</b>	<b>1.765,4</b>	<b>1.510,5</b>	<b>1.667,9</b>	<b>(14,4)</b>	<b>(5,5)</b>
MT	643,1	533,8	591,7	(17,0)	(8,0)	2.396	2.453	2,4	1.540,8	1.309,2	1.451,3	(15,0)	(5,8)
MS	37,5	33,0	35,3	(12,0)	(6,0)	2.586	2.676	3,5	97,0	88,3	94,4	(9,0)	(2,7)
GO	53,6	45,6	49,3	(15,0)	(8,0)	2.382	2.479	4,1	127,6	113,0	122,2	(11,4)	(4,2)
<b>SUDESTE</b>	<b>28,9</b>	<b>22,2</b>	<b>24,9</b>	<b>(23,2)</b>	<b>(13,8)</b>	<b>2.096</b>	<b>2.177</b>	<b>3,9</b>	<b>60,5</b>	<b>48,4</b>	<b>54,1</b>	<b>(20,0)</b>	<b>(10,6)</b>
MG	20,9	18,4	20,1	(12,0)	(4,0)	2.116	2.192	3,6	44,2	40,3	44,0	(8,8)	(0,5)
SP	8,0	3,8	4,8	(53,0)	(40,0)	2.042	2.110	3,3	16,3	8,1	10,1	(50,3)	(38,0)
<b>SUL</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1.473</b>	<b>1.351</b>	<b>(8,3)</b>	<b>1,3</b>	<b>1,3</b>	<b>1,3</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,3	1,3	-	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>357,6</b>	<b>326,5</b>	<b>346,9</b>	<b>(8,7)</b>	<b>(3,0)</b>	<b>2.359</b>	<b>2.478</b>	<b>5,0</b>	<b>843,5</b>	<b>808,8</b>	<b>859,9</b>	<b>(4,1)</b>	<b>1,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>764,0</b>	<b>635,5</b>	<b>702,1</b>	<b>(16,8)</b>	<b>(8,1)</b>	<b>2.392</b>	<b>2.455</b>	<b>2,6</b>	<b>1.827,2</b>	<b>1.560,2</b>	<b>1.723,3</b>	<b>(14,6)</b>	<b>(5,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.121,6</b>	<b>962,0</b>	<b>1.049,0</b>	<b>(14,2)</b>	<b>(6,5)</b>	<b>2.381</b>	<b>2.462</b>	<b>3,4</b>	<b>2.670,7</b>	<b>2.369,0</b>	<b>2.583,2</b>	<b>(11,3)</b>	<b>(3,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

O Mato Grosso desenvolveu uma cotonicultura sólida nos últimos anos e se tornou líder no processo produtivo brasileiro, sendo responsável por 57% da produção brasileira de algodão em caroço. Porém, o peso que este estado possui na composição total da produção brasileira faz com que qualquer variação na área reflita na oferta de algodão do país. O plantio ocorre em dezembro (primeira safra) e janeiro (segunda safra) e a expectativa é de retração na área plantada. A área do estado para a safra 2014/15 está estimada entre 533,8 e 591,7 mil hectares, com produtividade estimada de 4.054 kg/ha, a qual poderá sofrer alteração em função das condições climáticas no desenvolvimento da cultura.

A Bahia, segundo maior produtor nacional, deve ocupar na safra atual entre 287,5 e 303,4 mil hectares, uma redução que pode ficar entre 10 e 5% sobre a área cultivada na safra passada 2013/14. Essa redução, assim como no restante do país, está relacionada ao alto volume dos estoques mundiais, que por consequência, impactou negativamente no preço da pluma. A produtividade média estimada é de 4.091 kg/ha.

Em Mato Grosso do Sul, a região norte concentra as maiores áreas a serem cultivadas com algodão. Nessa região em específico, assim como no Mato Grosso, o plantio ocorre em dezembro (algodão primeira safra) e janeiro (algodão segunda safra). Na região centro-sul do estado é cultivado somente o algodão primeira safra, com início da semeadura, caso haja umidade suficiente no solo, previsto para o final de novembro, se estendendo até meados de dezembro.

O momento é de incerteza para os cotonicultores, uma vez que no estado também há atraso do plantio da safra de verão, especificamente a soja, devido às baixas precipitações e altas temperaturas observadas em outubro. Com isso, as alternativas possíveis para os cotonicultores são: plantar algodão adensado (espaçamento reduzido – 45 cm entrelinha); semear o algodão em dezembro em substituição a soja, uma vez que os agricul-

tores já adquiriram os insumos utilizados no plantio do algodão; ou reduzem a área de algodão segunda safra, substituindo estas por milho segunda safra.

Além disso, outro fator diz respeito ao elevado custo de produção, a maior entre as culturas tradicionais no estado, e os baixos preços praticados no mercado. Com isso, a área plantada poderá ter redução de 12 até 6%, alcançando entre 33,0 a 35,3 mil hectares, com produtividade de 4.423 kg/ha.

Em Goiás, a estimativa é que a área sofra redução de até 15 a 8%, podendo ficar entre 45,6 e 49,3 mil hectares. Segundo as informações inicialmente levantadas, a redução ocorrerá na área de algodão primeira safra, devido a redução nos preços pagos ao produtor, que hoje se encontram abaixo do preço mínimo, além de problemas com pragas, como o bicudo, que elevaram os custos de produção. Caso haja melhora nos preços, os produtores devem optar por um plantio maior de algodão segunda safra. Devido à alta tecnologia empregada na cultura, a produtividade estimada é de 4.090 kg/ha.

#### **9.1.1.1. Oferta e demanda**

O plantio do algodão ainda não foi iniciado, neste momento os produtores estão com as atenções voltadas para as ocorrências das precipitações pluviométricas que interferem de forma direta na definição da janela de plantio, cuja semeadura da primeira safra deverá ser iniciada a partir do final de novembro, estendendo-se até o princípio de janeiro/2015, a partir daí, com a colheita da soja precoce, os cotonicultores começam a plantar o algodão de segunda safra cujos trabalhos se estendem até fevereiro do próximo ano. Neste sentido, os números da safra de algodão para o período 2014/15, ora divulgados pela Conab, ainda não assumem caráter definitivo, sendo, portanto, passíveis de alteração nos próximos trabalhos.

A pesquisa, ora realizada, aponta para um intervalo de produção entre 1.537,5 mil e 1.676,6 mil toneladas de pluma, tendo como ponto médio o quantitativo de 1.607,1 mil toneladas, número este que irá compor o quadro de suprimento para o ano de 2015, indicando, dessa forma, redução em valores absolutos da ordem de 12,9 mil toneladas ou 7,32% em termos percentuais, em comparação à safra precedente. Cabe destacar que a justificativa para o declínio na produção é fundamentada pela lei de oferta e demanda onde nos últimos cinco anos safra, a produção mundial tem superado as quantidades demandadas pela indústria de fiação, fato que tem ocasionado crescimento dos volumes de estoques e consequente aviltamento dos preços da Commodity em âmbito mundial, notoriamente observado com maior intensidade a partir de março do corrente ano.

Tendo em vista o fraco desempenho da economia nacional e as previsões pouco alvissareiras por parte da indústria têxtil no que diz respeito ao consumo de pluma, vendas de subprodutos, balança comercial da cadeia têxtil entre outros fatores não menos importantes, a Conab fez pequeno ajuste nas previsões de consumo para 2014 e 2015, revisando-as para 850 mil toneladas, antes avaliadas em 870 e 880 mil toneladas, respectivamente. As estimativas, em relação ao comércio internacional, também foram alteradas. Dessa forma, a previsão de importação de pluma em 2014 passa a ser de 35,5 mil toneladas e quanto a 2015 permanece inalterada em 18 mil toneladas. Diante de uma maior oferta do produto no mercado interno, menor previsão de consumo e considerando um crescimento ainda que pequeno do aumento dos contratos de exportação para entrega futura, já realizados em 2014, a Conab trabalha com uma nova estimativa de incremento nas exportações em 2014, passando de 660 para 705 mil toneladas. Já para 2015, foi projetado um volume de embarque equivalente a 700 mil toneladas de pluma.

Considerando a atual conjuntura, a configuração do quadro de suprimento estimado para 2014 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial +

produção + importação) situa-se em 2.074,6 e em 2.144,6 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) é estimada em 1.555 e 1550 mil toneladas, respectivamente.

Com a redução da produção a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2014 e 2015 passa a ser, respectivamente, 519,6 e 594,6 mil toneladas de pluma, ou seja, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período ligeiramente superior a quatro meses.

## 9.1.2. Amendoim

### 9.1.2.1. Amendoim primeira safra

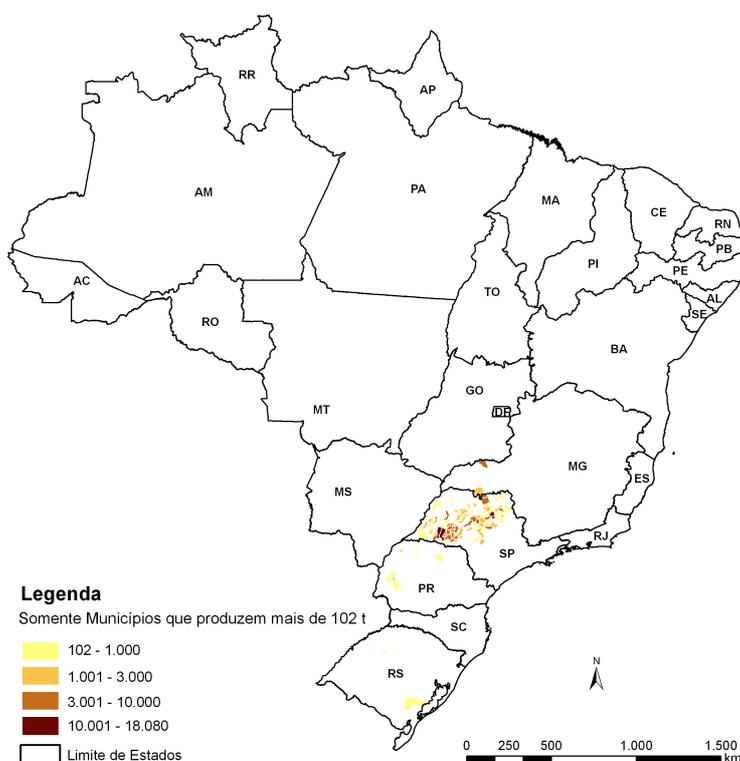
Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Sudeste</b>												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
<b>Sul</b>												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

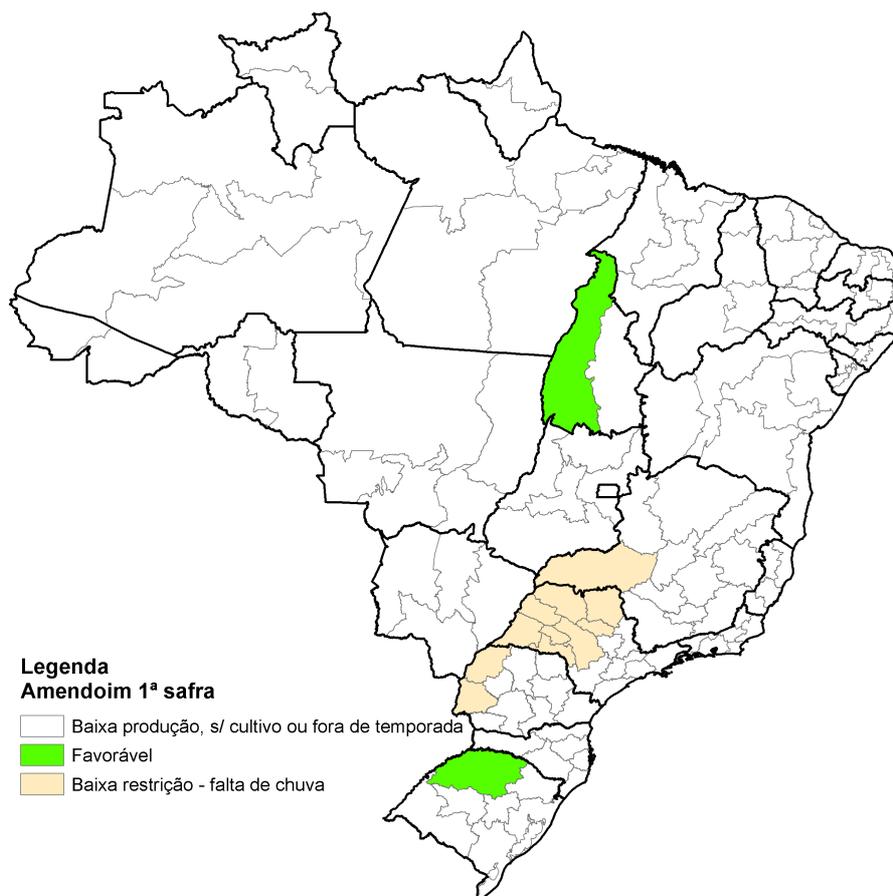
Fonte: Conab.

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 17 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014.



Fonte: Conab.

Tabela 10 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Amendoim 1ª safra</b>	oeste do TO (P) noroeste do RS (P)			Triângulo MG (PP) Todo estado de SP (PP) Oeste do PR (G/DV)

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

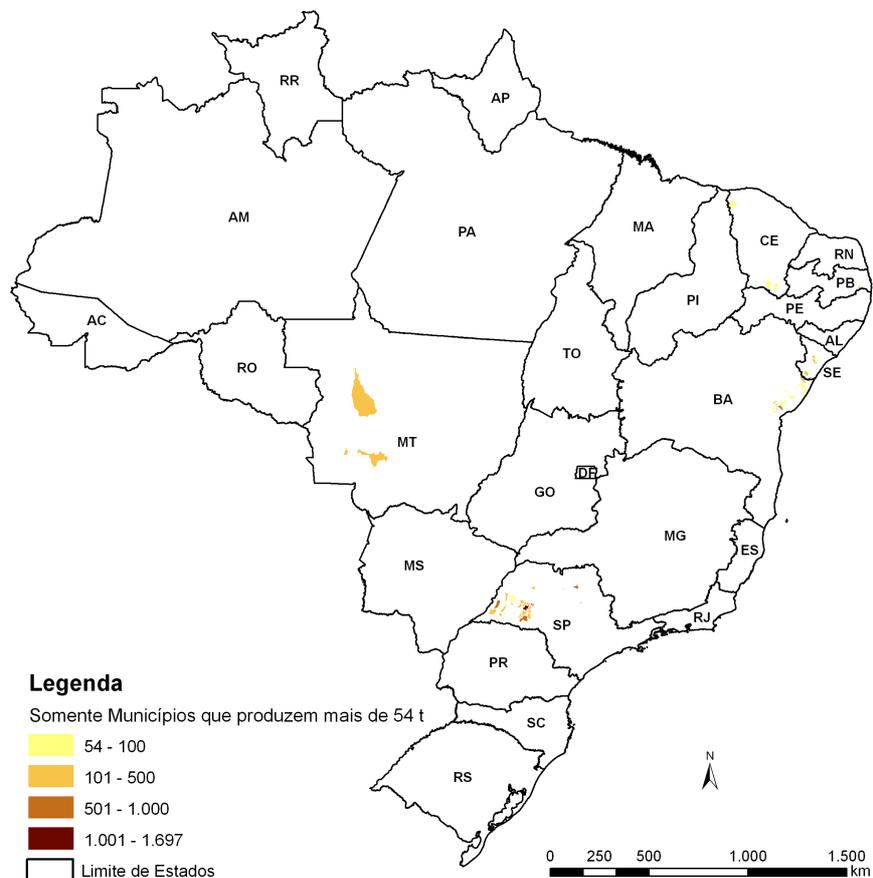
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>SUDESTE</b>	<b>88,8</b>	<b>82,7</b>	<b>87,9</b>	<b>(6,9)</b>	<b>(1,0)</b>	<b>3.162</b>	<b>3.765</b>	<b>19,1</b>	<b>280,8</b>	<b>311,4</b>	<b>331,0</b>	<b>10,9</b>	<b>17,9</b>
MG	2,6	2,5	2,6	(4,0)	-	3.680	3.809	3,5	9,6	9,5	9,9	(1,0)	3,1
SP	86,2	80,2	85,3	(7,0)	(1,0)	3.146	3.764	19,6	271,2	301,9	321,1	11,3	18,4
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,3</b>	<b>5,4</b>	<b>(1,9)</b>	<b>-</b>	<b>1.998</b>	<b>2.033</b>	<b>1,8</b>	<b>10,8</b>	<b>10,8</b>	<b>11,0</b>	<b>-</b>	<b>1,9</b>
PR	2,2	2,2	2,2	(2,0)	-	2.408	2.451	1,8	5,3	5,4	5,4	1,9	1,9
RS	3,2	3,1	3,2	(4,0)	-	1.716	1.741	1,5	5,5	5,4	5,6	(1,8)	1,8
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>94,2</b>	<b>88,0</b>	<b>93,3</b>	<b>(6,6)</b>	<b>(1,0)</b>	<b>3.095</b>	<b>3.663</b>	<b>18,4</b>	<b>291,6</b>	<b>322,2</b>	<b>342,0</b>	<b>10,5</b>	<b>17,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>94,2</b>	<b>88,0</b>	<b>93,3</b>	<b>(6,6)</b>	<b>(1,0)</b>	<b>3.095</b>	<b>3.663</b>	<b>18,4</b>	<b>291,6</b>	<b>322,2</b>	<b>342,0</b>	<b>10,5</b>	<b>17,3</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO				P	P		C	C				
<b>Nordeste</b>												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P				C	C				
BA		P	P				C	C				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT					P	P		C	C			
<b>Sudeste</b>												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

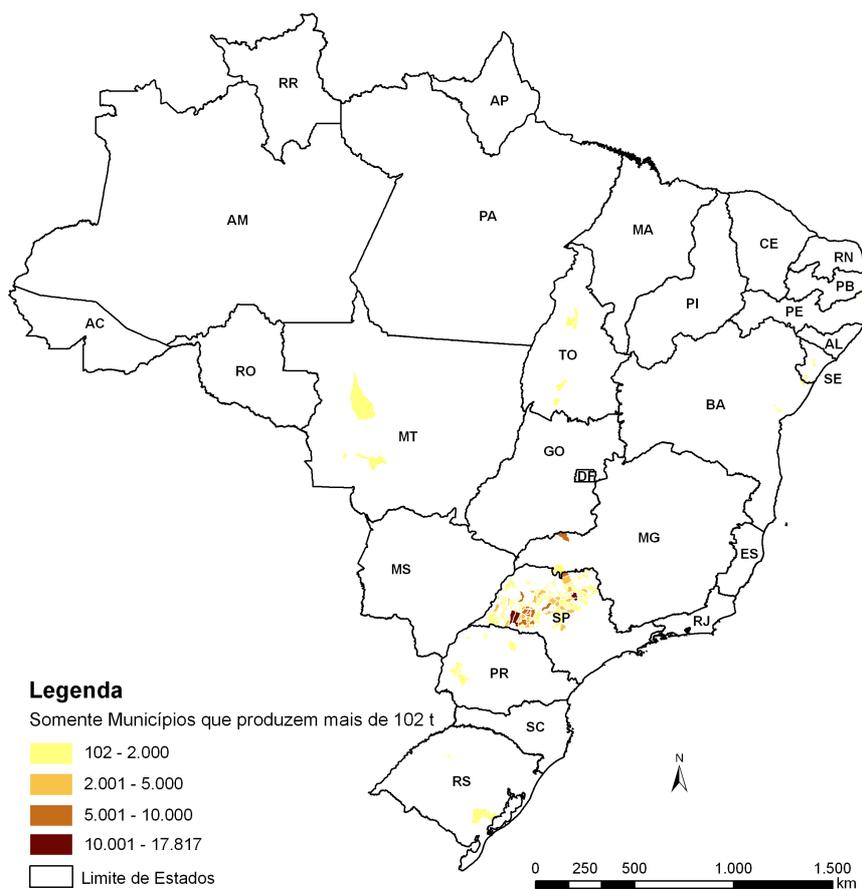
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	-	-	<b>3.556</b>	<b>3.743</b>	<b>5,3</b>	<b>2,8</b>	<b>3,0</b>	<b>3,0</b>	<b>7,1</b>	<b>7,1</b>
TO	0,8	0,8	0,8	-	-	3.556	3.743	5,3	2,8	3,0	3,0	7,1	7,1
<b>NORDESTE</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	-	-	<b>1.215</b>	<b>783</b>	<b>(35,6)</b>	<b>4,8</b>	<b>3,1</b>	<b>3,1</b>	<b>(35,4)</b>	<b>(35,4)</b>
CE	1,0	1,0	1,0	-	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	0,1	(91,7)	(91,7)
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	319	550	72,4	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
SE	1,3	1,3	1,3	-	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	1,6	(30,4)	(30,4)
BA	1,3	1,3	1,3	-	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	1,2	-	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	-	-	<b>2.500</b>	<b>2.632</b>	<b>5,3</b>	<b>1,0</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>	<b>10,0</b>	<b>10,0</b>
MT	0,4	0,4	0,4	-	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	1,1	10,0	10,0
<b>SUDESTE</b>	<b>6,0</b>	<b>6,0</b>	<b>6,0</b>	-	-	<b>2.600</b>	<b>2.674</b>	<b>2,8</b>	<b>15,6</b>	<b>16,0</b>	<b>16,0</b>	<b>2,6</b>	<b>2,6</b>
SP	6,0	6,0	6,0	-	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	16,0	2,6	2,6
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>4,7</b>	<b>4,7</b>	<b>4,7</b>	-	-	<b>1.450</b>	<b>1.287</b>	<b>(11,3)</b>	<b>7,6</b>	<b>6,1</b>	<b>6,1</b>	<b>(19,7)</b>	<b>(19,7)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>6,4</b>	<b>6,4</b>	<b>6,4</b>	-	-	<b>2.594</b>	<b>2.671</b>	<b>3,0</b>	<b>16,6</b>	<b>17,1</b>	<b>17,1</b>	<b>3,0</b>	<b>3,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>11,1</b>	<b>11,1</b>	<b>11,1</b>	-	-	<b>2.179</b>	<b>2.085</b>	<b>(4,3)</b>	<b>24,2</b>	<b>23,2</b>	<b>23,2</b>	<b>(4,1)</b>	<b>(4,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.1.2.3. Amendoim total

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)		Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	-	-	<b>3.556</b>	<b>3.743</b>	<b>5,3</b>	<b>2,8</b>	<b>3,0</b>	<b>3,0</b>	<b>7,1</b>	<b>7,1</b>
TO	0,8	0,8	0,8	-	-	3.556	3.750	5,5	2,8	3,0	3,0	7,1	7,1
<b>NORDESTE</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	-	-	<b>1.215</b>	<b>783</b>	<b>(35,6)</b>	<b>4,8</b>	<b>3,1</b>	<b>3,1</b>	<b>(35,4)</b>	<b>(35,4)</b>
CE	1,0	1,0	1,0	-	-	1.154	100	(91,3)	1,2	0,1	0,1	(91,7)	(91,7)
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	319	667	109,0	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
SE	1,3	1,3	1,3	-	-	1.740	1.231	(29,3)	2,3	1,6	1,6	(30,4)	(30,4)
BA	1,3	1,3	1,3	-	-	945	923	(2,3)	1,2	1,2	1,2	-	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	-	-	<b>2.500</b>	<b>2.632</b>	<b>5,3</b>	<b>1,0</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>	<b>10,0</b>	<b>10,0</b>
MT	0,4	0,4	0,4	-	-	2.500	2.750	10,0	1,0	1,1	1,1	10,0	10,0
<b>SUDESTE</b>	<b>94,8</b>	<b>88,7</b>	<b>93,9</b>	<b>(6,4)</b>	<b>(0,9)</b>	<b>3.126</b>	<b>3.694</b>	<b>18,2</b>	<b>296,4</b>	<b>327,4</b>	<b>347,0</b>	<b>10,5</b>	<b>17,1</b>
MG	2,6	2,5	2,6	(3,8)	-	3.680	3.804	3,4	9,6	9,5	9,9	(1,0)	3,1
SP	92,2	86,2	91,3	(6,5)	(1,0)	3.110	3.690	18,6	286,8	317,9	337,1	10,8	17,5
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,3</b>	<b>5,4</b>	<b>(1,9)</b>	-	<b>1.998</b>	<b>2.033</b>	<b>1,8</b>	<b>10,8</b>	<b>10,8</b>	<b>11,0</b>	-	<b>1,9</b>
PR	2,2	2,2	2,2	-	-	2.408	2.455	1,9	5,3	5,4	5,4	1,9	1,9
RS	3,2	3,1	3,2	(3,1)	-	1.716	1.746	1,8	5,5	5,4	5,6	(1,8)	1,8
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>4,7</b>	<b>4,7</b>	<b>4,7</b>	-	-	<b>1.614</b>	<b>1.287</b>	<b>(20,3)</b>	<b>7,6</b>	<b>6,1</b>	<b>6,1</b>	<b>(19,7)</b>	<b>(19,7)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>100,6</b>	<b>94,4</b>	<b>99,7</b>	<b>(6,2)</b>	<b>(0,9)</b>	<b>3.063</b>	<b>3.598</b>	<b>17,5</b>	<b>308,2</b>	<b>339,3</b>	<b>359,1</b>	<b>10,1</b>	<b>16,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>105,3</b>	<b>99,1</b>	<b>104,4</b>	<b>(5,9)</b>	<b>(0,9)</b>	<b>2.998</b>	<b>3.491</b>	<b>16,4</b>	<b>315,8</b>	<b>345,4</b>	<b>365,2</b>	<b>9,4</b>	<b>15,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.1.3. Arroz

O levantamento de safra de arroz realizado pela Conab está situado no intervalo entre 2.262,1 a 2.483,4 mil hectares, apontando uma redução de 5,2% até um acréscimo de 4%, quando comparado com a safra 2013/14.

No Rio Grande do Sul, onde se registra a maior área plantada do país, a expectativa é de que varie entre 1.052,9 e 1.176,1 mil hectares, representando a possibilidade de um decréscimo de 6% até um incremento de 5% em relação à safra passada. A diminuição se deve à rotação de cultura com a soja e a necessidade do combate ao arroz vermelho. A semeadura que iniciou ainda em setembro está atrasada em comparação com a que estava semeada no mesmo período, nas safras anteriores. O índice deve atingir 50% até o final de outubro. O período recomendado para o plantio vai até 20 de novembro. A Fronteira Oeste é a região com maior índice de semeadura, e o menor índice está na região da Campanha.

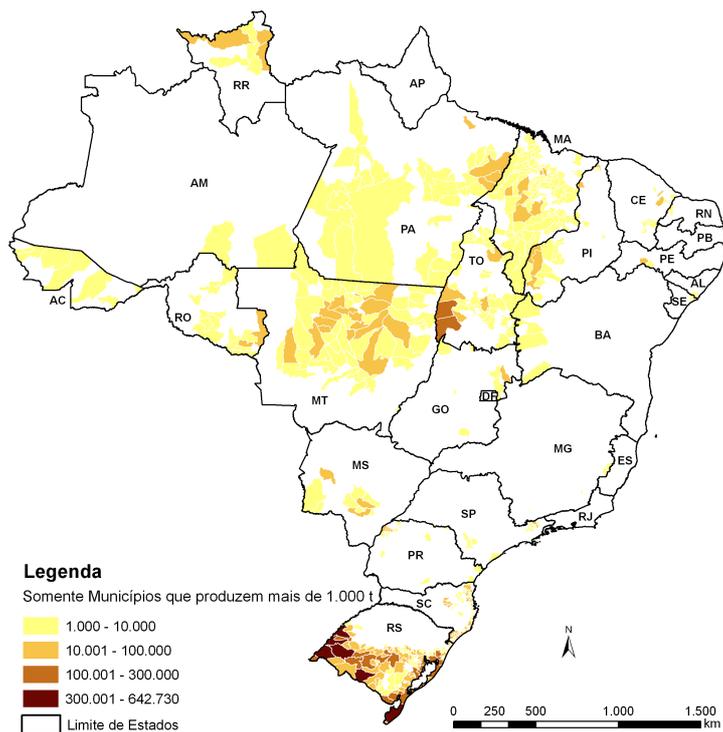
A quantidade de água disponível nos mananciais é considerada suficiente para irrigação. A diminuição de área pode ser maior se as chuvas persistirem por períodos prolongados e não permitir a entrada das máquinas nas áreas mais planas e de fácil alagamento.

O sistema de cultivo pré-germinado tem aumentado sua participação como ocorre nos municípios (Cachoeira do Sul e Eldorado do Sul) que utilizam o sistema em mais de 30% da área cultivada com arroz.

Os produtores continuam com dificuldade para acelerar a semeadura e as previsões continuam apontando para ocorrência de chuvas acima da média. Afora o excesso de umidade, o fator de produção, atual e o previsto, é favorável à lavoura de arroz, projetando uma boa safra.

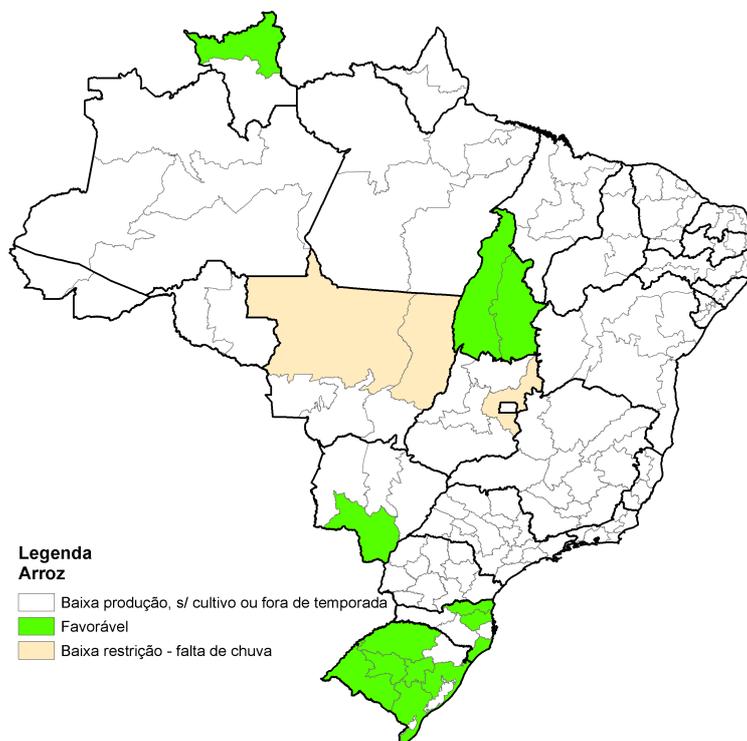
Em Santa Catarina o clima para o plantio da nova safra tem sido favorável. Os reservatórios de água estão cheios, bem como os rios que fornecem água para irrigação, apresentam volume adequado para fornecimento às lavouras.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 21 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 14 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- norte de RR (G/DV) (irrigado) - oeste do TO (G/DV) (irrigado) - partes do leste do TO (P) - nordeste e sudeste de SC (P) (irrigado) - todo estado do RS (P) - partes do sudoeste do MS (G/DV) - partes do norte de MT (G/DV) - partes do leste de GO (G/DV)			- partes do leste do TO (P) - partes do norte de MT (G/DV) - partes do sudoeste do MS (G/DV) - partes do leste de GO (G/DV)

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR											C	
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P	C	C	C	C					
AM				C	C	C	C					
AP								C	C	C		
PA					C	C	C	C	C	C		
TO	P	P	P	C	C	C	C	C	C			
<b>Nordeste</b>												
MA		P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	C	
PI		P	P	P	P	C	C	C	C	C		
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN		C	C	P/C	P			C	C	P/C	P/C	C
PB				P	P			C	C	C	C	
PE						P	P	C	C	C	C	C
AL												C
SE										C	C	
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P	C	C	C	C	C				
MS	P	P	P	C	C	C	C	C				
GO	P	P	P			C	C	C				
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P			C	C	C				
ES				C	C	C	C					
RJ				C	C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P		C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Cerca de 97% da área prevista para o plantio já foi semeada nas regiões do vale do Itajaí e litoral norte do estado, enquanto que na região sul o plantio já chega a 65%, normal para esta época. A produtividade catarinense é estimada em 7.089 kg/ha, com um decréscimo de 0,3% quando comparada com a safra 2013/14.

Na Região Norte, o plantio da lavoura de sequeiro ocorre na sua grande maioria, associando baixos níveis tecnológicos com as adversidades climáticas frequentes. Atendem mais às circunstâncias de subsistência, uma vez que os mercados locais são literalmente abastecidos principalmente por produtos de melhor qualidade e preços competitivos, oriundos de outras regiões do país.

Em Tocantins, principal produtor da Região Norte, deve apresentar um comportamento na sua área plantada, variando na redução de 5,3% a um crescimento de 6,4% em relação à safra passada, uma vez que as lavouras de arroz semeado na safra anterior foram destinadas à melhoria do solo para o cultivo da soja nesta safra. Com estes

números verifica-se uma tendência de baixa na área semeada com o arroz cultivado em terras altas (sequeiro), se comparada à safra 2013/14.

Diferentemente da cultura cultivada em terras altas, a estimativa da área plantada com o arroz irrigado é de crescimento, variando entre 0,6% e 8,3%, se comparada à safra anterior. Os preços praticados no mercado, associados à demanda do produto no mercado, são fatores que influenciam a perspectiva de um crescimento da produção no estado.

Com esse cenário, o levantamento realizado pela Conab aponta para um intervalo variando de um decréscimo entre 5,2% a um incremento de até 4% na área plantada com arroz, saindo de 2.386,9 mil hectares na safra 2013/14 para o intervalo de 2.262,1 a 2.483,4 mil hectares, na safra 2014/15 podendo gerar uma produção entre 11.857,3 e 13.154,1 mil toneladas.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>268,9</b>	<b>254,9</b>	<b>278,8</b>	<b>(5,2)</b>	<b>3,7</b>	<b>3.597</b>	<b>3.756</b>	<b>4,4</b>	<b>967,2</b>	<b>943,6</b>	<b>1.061,3</b>	<b>(2,4)</b>	<b>9,7</b>
RR	12,0	12,0	18,0	-	50,0	6.500	6.709	3,2	78,0	80,5	120,8	3,2	54,9
RO	48,5	41,2	45,1	(15,0)	(7,0)	2.819	2.874	2,0	136,7	118,4	129,6	(13,4)	(5,2)
AC	7,5	6,8	7,5	(10,0)	-	1.201	1.370	14,1	9,0	9,3	10,3	3,3	14,4
AM	3,4	3,4	3,4	-	-	2.261	2.288	1,2	7,7	7,8	7,8	1,3	1,3
AP	2,0	2,0	2,0	-	-	1.218	1.255	3,0	2,4	2,5	2,5	4,2	4,2
PA	81,6	81,6	81,6	-	-	2.326	2.398	3,1	189,8	195,7	195,7	3,1	3,1
TO	113,9	107,9	121,2	(5,3)	6,4	4.773	4.906	2,8	543,6	529,4	594,6	(2,6)	9,4
<b>NORDESTE</b>	<b>539,5</b>	<b>520,8</b>	<b>544,8</b>	<b>(3,5)</b>	<b>1,0</b>	<b>1.695</b>	<b>1.470</b>	<b>(13,3)</b>	<b>914,6</b>	<b>767,1</b>	<b>799,3</b>	<b>(16,1)</b>	<b>(12,6)</b>
MA	389,1	369,6	389,1	(5,0)	-	1.692	1.371	(19,0)	658,4	506,7	533,5	(23,0)	(19,0)
PI	105,9	107,0	111,2	1,0	5,0	1.400	1.160	(17,1)	148,3	124,1	129,0	(16,3)	(13,0)
CE	22,1	22,1	22,1	-	-	1.436	2.417	68,3	31,7	53,4	53,4	68,5	68,5
RN	1,5	1,5	1,5	-	-	3.074	3.215	4,6	4,6	4,8	4,8	4,3	4,3
PB	1,2	1,2	1,2	-	-	817	837	2,4	1,0	1,0	1,0	-	-
PE	0,7	0,7	0,7	-	-	6.923	7.098	2,5	4,8	5,0	5,0	4,2	4,2
AL	3,1	3,1	3,1	-	-	5.858	5.987	2,2	18,2	18,6	18,6	2,2	2,2
SE	7,1	7,1	7,1	-	-	5.570	5.701	2,4	39,5	40,5	40,5	2,5	2,5
BA	8,8	8,5	8,8	(3,0)	-	920	1.530	66,3	8,1	13,0	13,5	60,5	66,7
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>243,8</b>	<b>230,5</b>	<b>271,3</b>	<b>(5,5)</b>	<b>11,3</b>	<b>3.504</b>	<b>3.603</b>	<b>2,8</b>	<b>854,2</b>	<b>831,0</b>	<b>977,1</b>	<b>(2,7)</b>	<b>14,4</b>
MT	176,3	176,3	202,7	-	15,0	3.285	3.342	1,7	579,1	589,2	677,4	1,7	17,0
MS	15,5	17,8	20,2	15,0	30,0	6.150	6.322	2,8	95,3	112,5	127,7	18,0	34,0
GO	52,0	36,4	48,4	(30,0)	(7,0)	3.457	3.553	2,8	179,8	129,3	172,0	(28,1)	(4,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>34,8</b>	<b>30,0</b>	<b>31,5</b>	<b>(13,8)</b>	<b>(9,5)</b>	<b>2.485</b>	<b>2.615</b>	<b>5,2</b>	<b>86,5</b>	<b>78,7</b>	<b>82,1</b>	<b>(9,0)</b>	<b>(5,1)</b>
MG	19,4	14,9	16,1	(23,0)	(17,0)	2.020	2.079	2,9	39,2	31,0	33,5	(20,9)	(14,5)
ES	0,5	0,5	0,5	-	-	2.557	2.806	9,7	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
RJ	0,9	0,9	0,9	-	-	3.476	3.492	0,5	3,1	3,1	3,1	-	-
SP	14,0	13,7	14,0	(2,0)	-	3.063	3.151	2,9	42,9	43,2	44,1	0,7	2,8
<b>SUL</b>	<b>1.299,9</b>	<b>1.225,9</b>	<b>1.357,0</b>	<b>(5,7)</b>	<b>4,4</b>	<b>7.185</b>	<b>7.539</b>	<b>4,9</b>	<b>9.339,2</b>	<b>9.236,9</b>	<b>10.234,3</b>	<b>(1,1)</b>	<b>9,6</b>
PR	29,7	27,6	28,2	(7,0)	(5,0)	5.356	5.566	3,9	159,1	153,6	157,0	(3,5)	(1,3)
SC	150,1	145,4	152,7	(3,1)	1,7	7.110	7.089	(0,3)	1.067,2	1.030,7	1.082,5	(3,4)	1,4
RS	1.120,1	1.052,9	1.176,1	(6,0)	5,0	7.243	7.648	5,6	8.112,9	8.052,6	8.994,8	(0,7)	10,9
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>808,4</b>	<b>775,7</b>	<b>823,6</b>	<b>(4,0)</b>	<b>1,9</b>	<b>2.328</b>	<b>2.233</b>	<b>(4,1)</b>	<b>1.881,8</b>	<b>1.710,7</b>	<b>1.860,6</b>	<b>(9,1)</b>	<b>(1,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.578,5</b>	<b>1.486,4</b>	<b>1.659,8</b>	<b>(5,8)</b>	<b>5,2</b>	<b>6.512</b>	<b>6.815</b>	<b>4,6</b>	<b>10.279,9</b>	<b>10.146,6</b>	<b>11.293,5</b>	<b>(1,3)</b>	<b>9,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>2.386,9</b>	<b>2.262,1</b>	<b>2.483,4</b>	<b>(5,2)</b>	<b>4,0</b>	<b>5.095</b>	<b>5.271</b>	<b>3,4</b>	<b>12.161,7</b>	<b>11.857,3</b>	<b>13.154,1</b>	<b>(2,5)</b>	<b>8,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

## 9.1.4. Feijão

### 9.1.4.1. Feijão primeira safra

A maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2013/14, este volume da região é quase 87% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 56,5% das áreas cultivadas com a cultura.

A área de feijão primeira safra está estimada para este segundo levantamento, entre 1,02 e 1,06 milhão de hectares, o que configura um decréscimo entre 12,5 e 8,6% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indicam a tendência de plantios em áreas menores do que às cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

Aproximadamente 29,33% da área plantada com feijão primeira safra está na Região Sul, considerando a safra 2013/14, com destaque para o Paraná, 20,16% na Região Sudeste, destacando Minas Gerais e São Paulo, 7,03% na Região Centro-Oeste, com destaque para Goiás e 43,13% na Região Nordeste, com destaque para a Bahia e Piauí.

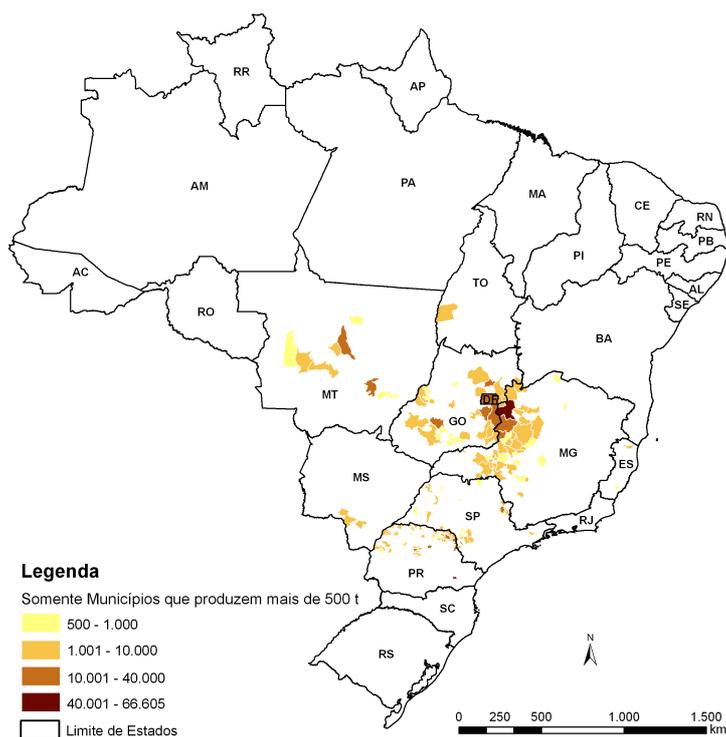
No Paraná, que produziu 32,12% da produção nacional na safra anterior, deverá ocorrer um decréscimo na área, variando entre 20% e 15% nas estimativas atuais, com o cultivo podendo oscilar entre 190,6 e 202,5 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. O plantio já ocorreu em 85% da área estimada, e a cultura já semeada, encontra-se na maioria, nas fases de desenvolvimento vegetativo (53%) e floração (25%).

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra (16,7% do volume total na safra anterior), ao contrário do ocorrido em safras passadas, os levantamentos iniciais projetam neste ano uma retração de 16 a 11% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ficar entre 150,2 mil e 159,1 mil hectares, visto que, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja, a cultura vem exigindo rígido controle, oneroso e difícil, contra os crescentes ataques de mosca branca. Setembro transcorreu predominantemente com clima seco, temperaturas elevadas e baixos índices de umidade relativa do ar. A severa escassez de chuvas compromete os níveis dos reservatórios e cursos de água.

Foram plantadas poucas lavouras sob pivô, mas a maior parte das áreas são de sequeiro e as condições climáticas ainda não viabilizaram o plantio, que deve ocorrer entre outubro e dezembro. Caso as condições climáticas se mostrem favoráveis, possibilitando a obtenção de uma produtividade média de 1.014 kg/ha, a produção pode diminuir de 27,2% a 22,9%, atingindo 152,3 mil a 161,3 mil toneladas. Com relação ao rendimento médio para esta primeira estimativa, a metodologia aplicada é a análise estatística da série histórica das safras anteriores.

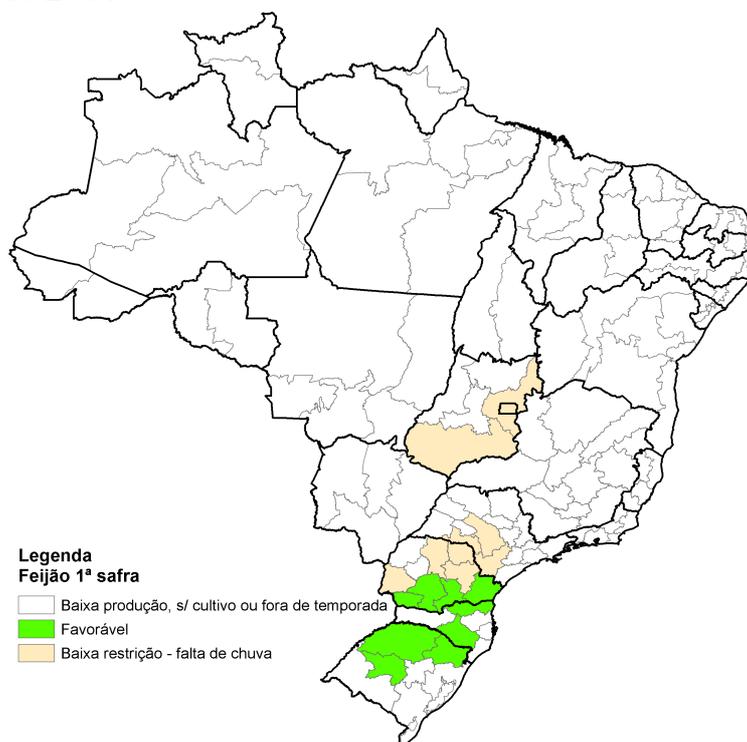
Caso se confirme a tendência dos dados apurados, a produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 972,3 mil toneladas e 1,03 milhão de toneladas, representando um decréscimo entre 22,4% e 18,1% em relação a safra passada. A área a ser plantada, bem como sua produção, poderá sofrer ajustes no decorrer do período, dependendo do comportamento do clima e dos preços no mercado, uma vez que o plantio do feijão primeira safra, dependendo da região, normalmente ocorre até meados de dezembro.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 23 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 16 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	- sul de SP (DV/F) - partes de todo estado do PR (P/G/DV) - nordeste e sul de SC (P) - norte e centro do RS (P) - partes do sul e leste de GO (P)			- partes de todo estado do PR (P/G/DV) - DF (P) - partes do sul e leste de GO (P)

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Para o feijão segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Considerando as três safras, estima-se para esse início de acompanhamento, que a área total de feijão poderá chegar a 3,18 até 3,23 milhões de hectares, menor 4,4% até 3% que a safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar entre 3,15 a 3,20 milhões de toneladas e 8,6 a 7% menor que a última safra. As previsões de intenção de plantio desta nova safra ainda são preliminares e passíveis de alterações nos próximos levantamentos.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>4,0</b>	<b>3,0</b>	<b>4,8</b>	<b>(25,0)</b>	<b>20,0</b>	<b>629</b>	<b>646</b>	<b>2,7</b>	<b>2,5</b>	<b>1,9</b>	<b>3,1</b>	<b>(24,0)</b>	<b>24,0</b>
TO	4,0	3,0	4,8	(25,0)	20,0	629	646	2,7	2,5	1,9	3,1	(24,0)	24,0
<b>NORDESTE</b>	<b>501,9</b>	<b>475,5</b>	<b>488,1</b>	<b>(5,3)</b>	<b>(2,7)</b>	<b>324</b>	<b>318</b>	<b>(2,0)</b>	<b>162,6</b>	<b>150,5</b>	<b>155,5</b>	<b>(7,4)</b>	<b>(4,4)</b>
MA	40,8	37,1	39,6	(9,0)	(3,0)	430	464	7,9	17,5	17,2	18,4	(1,7)	5,1
PI	209,0	209,0	209,0	-	-	242	224	(7,4)	50,6	46,8	46,8	(7,5)	(7,5)
BA	252,1	229,4	239,5	(9,0)	(5,0)	375	377	0,5	94,5	86,5	90,3	(8,5)	(4,4)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>81,8</b>	<b>61,8</b>	<b>62,0</b>	<b>(24,4)</b>	<b>(24,2)</b>	<b>2.225</b>	<b>2.081</b>	<b>(6,5)</b>	<b>182,1</b>	<b>128,7</b>	<b>128,9</b>	<b>(29,3)</b>	<b>(29,2)</b>
MT	11,9	11,9	11,9	-	-	1.590	1.654	4,0	18,9	19,7	19,7	4,2	4,2
MS	2,1	1,6	1,8	(25,0)	(15,0)	930	937	0,8	2,0	1,5	1,7	(25,0)	(15,0)
GO	55,8	36,3	36,3	(35,0)	(35,0)	2.315	2.144	(7,4)	129,2	77,8	77,8	(39,8)	(39,8)
DF	12,0	12,0	12,0	-	-	2.665	2.478	(7,0)	32,0	29,7	29,7	(7,2)	(7,2)
<b>SUDESTE</b>	<b>234,6</b>	<b>194,1</b>	<b>208,0</b>	<b>(17,3)</b>	<b>(11,3)</b>	<b>1.389</b>	<b>1.211</b>	<b>(12,8)</b>	<b>325,8</b>	<b>234,0</b>	<b>253,1</b>	<b>(28,2)</b>	<b>(22,3)</b>
MG	178,8	150,2	159,1	(16,0)	(11,0)	1.170	1.014	(13,3)	209,2	152,3	161,3	(27,2)	(22,9)
ES	6,5	6,6	6,8	1,5	4,5	777	768	(1,2)	5,1	5,1	5,2	-	2,0
RJ	1,1	1,1	1,1	-	-	895	903	0,9	1,0	1,0	1,0	-	-
SP	48,2	36,2	41,0	(25,0)	(15,0)	2.293	2.088	(8,9)	110,5	75,6	85,6	(31,6)	(22,5)
<b>SUL</b>	<b>341,3</b>	<b>283,4</b>	<b>300,4</b>	<b>(17,0)</b>	<b>(12,0)</b>	<b>1.698</b>	<b>1.613</b>	<b>(5,0)</b>	<b>579,5</b>	<b>457,2</b>	<b>484,7</b>	<b>(21,1)</b>	<b>(16,4)</b>
PR	238,2	190,6	202,5	(20,0)	(15,0)	1.689	1.591	(5,8)	402,3	303,2	322,2	(24,6)	(19,9)
SC	62,0	49,6	52,7	(20,0)	(15,0)	1.800	1.850	2,8	111,6	91,8	97,5	(17,7)	(12,6)
RS	41,1	43,2	45,2	5,0	10,0	1.596	1.439	(9,8)	65,6	62,2	65,0	(5,2)	(0,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>505,9</b>	<b>478,5</b>	<b>492,9</b>	<b>(5,4)</b>	<b>(2,6)</b>	<b>326</b>	<b>320</b>	<b>(1,9)</b>	<b>165,1</b>	<b>152,4</b>	<b>158,6</b>	<b>(7,7)</b>	<b>(3,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>657,7</b>	<b>539,3</b>	<b>570,4</b>	<b>(18,0)</b>	<b>(13,3)</b>	<b>1.653</b>	<b>1.520</b>	<b>(8,1)</b>	<b>1.087,4</b>	<b>819,9</b>	<b>866,7</b>	<b>(24,6)</b>	<b>(20,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.163,6</b>	<b>1.017,8</b>	<b>1.063,3</b>	<b>(12,5)</b>	<b>(8,6)</b>	<b>1.076</b>	<b>960</b>	<b>(10,8)</b>	<b>1.252,5</b>	<b>972,3</b>	<b>1.025,3</b>	<b>(22,4)</b>	<b>(18,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

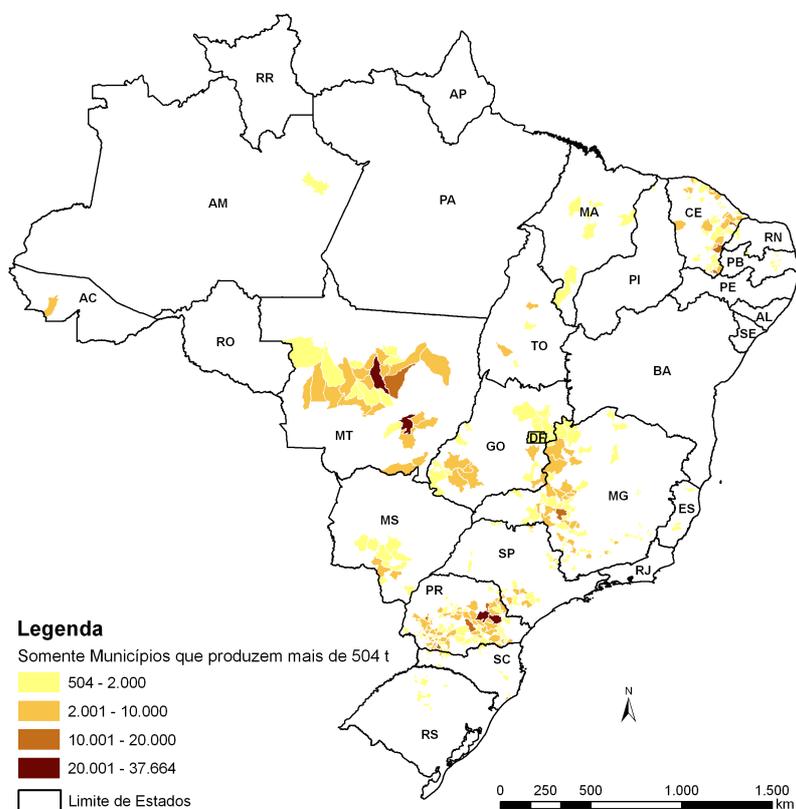
Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
<b>Nordeste</b>												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
<b>Sul</b>												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.  
Fonte: Conab.

### 9.1.4.2. Feijão segunda safra

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P			C	C	C	
AC					P	P			C	C	C	
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
<b>Nordeste</b>												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
<b>Sudeste</b>												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C	C		
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
<b>Sul</b>												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.  
Fonte: Conab.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

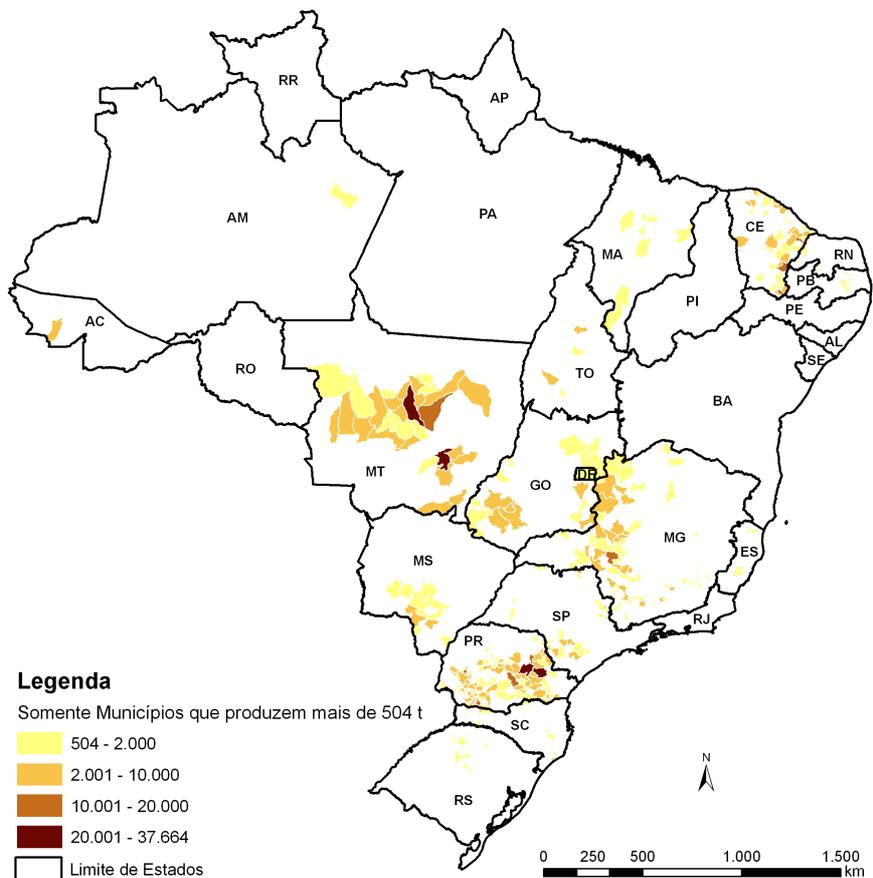
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>67,1</b>	<b>67,1</b>	<b>67,1</b>	-	-	<b>747</b>	<b>732</b>	<b>(2,1)</b>	<b>50,1</b>	<b>49,1</b>	<b>49,1</b>	<b>(2,0)</b>	<b>(2,0)</b>
RR	3,0	3,0	3,0	-	-	667	685	2,7	2,0	2,1	2,1	5,0	5,0
RO	33,0	33,0	33,0	-	-	722	631	(12,6)	23,8	20,8	20,8	(12,6)	(12,6)
AC	10,3	10,3	10,3	-	-	582	548	(5,8)	6,0	5,6	5,6	(6,7)	(6,7)
AM	5,3	5,3	5,3	-	-	1.027	972	(5,4)	5,4	5,2	5,2	(3,7)	(3,7)
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	902	956	6,0	1,2	1,2	1,2	-	-
TO	14,2	14,2	14,2	-	-	825	1.000	21,2	11,7	14,2	14,2	21,4	21,4
<b>NORDESTE</b>	<b>700,2</b>	<b>700,2</b>	<b>700,2</b>	-	-	<b>326</b>	<b>322</b>	<b>(1,2)</b>	<b>228,5</b>	<b>225,6</b>	<b>225,6</b>	<b>(1,3)</b>	<b>(1,3)</b>
MA	52,0	52,0	52,0	-	-	549	559	1,8	28,5	29,1	29,1	2,1	2,1
PI	20,4	20,4	20,4	-	-	756	785	3,8	15,4	16,0	16,0	3,9	3,9
CE	393,8	393,8	393,8	-	-	309	284	(8,1)	121,7	111,8	111,8	(8,1)	(8,1)
RN	33,5	33,5	33,5	-	-	333	356	6,9	11,2	11,9	11,9	6,3	6,3
PB	76,9	76,9	76,9	-	-	277	294	6,1	21,3	22,6	22,6	6,1	6,1
PE	123,6	123,6	123,6	-	-	246	277	12,6	30,4	34,2	34,2	12,5	12,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>269,3</b>	<b>269,3</b>	<b>269,3</b>	-	-	<b>1.405</b>	<b>1.403</b>	<b>(0,1)</b>	<b>378,5</b>	<b>377,9</b>	<b>377,9</b>	<b>(0,2)</b>	<b>(0,2)</b>
MT	234,9	234,9	234,9	-	-	1.358	1.358	-	319,0	319,0	319,0	-	-
MS	17,6	17,6	17,6	-	-	1.600	1.436	(10,3)	28,2	25,3	25,3	(10,3)	(10,3)
GO	15,9	15,9	15,9	-	-	1.857	2.013	8,4	29,5	32,0	32,0	8,5	8,5
DF	0,9	0,9	0,9	-	-	2.000	1.826	(8,7)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
<b>SUDESTE</b>	<b>150,5</b>	<b>150,5</b>	<b>150,5</b>	-	-	<b>1.351</b>	<b>1.380</b>	<b>2,2</b>	<b>203,3</b>	<b>207,6</b>	<b>207,6</b>	<b>2,1</b>	<b>2,1</b>
MG	121,2	121,2	121,2	-	-	1.355	1.387	2,4	164,2	168,1	168,1	2,4	2,4
ES	8,8	8,8	8,8	-	-	813	845	3,9	7,2	7,4	7,4	2,8	2,8
RJ	1,6	1,6	1,6	-	-	951	1.012	6,4	1,5	1,6	1,6	6,7	6,7
SP	18,9	18,9	18,9	-	-	1.606	1.615	0,6	30,4	30,5	30,5	0,3	0,3
<b>SUL</b>	<b>304,1</b>	<b>304,1</b>	<b>304,1</b>	-	-	<b>1.478</b>	<b>1.465</b>	<b>(0,9)</b>	<b>449,3</b>	<b>445,4</b>	<b>445,4</b>	<b>(0,9)</b>	<b>(0,9)</b>
PR	272,3	272,3	272,3	-	-	1.475	1.456	(1,3)	401,6	396,5	396,5	(1,3)	(1,3)
SC	22,5	22,5	22,5	-	-	1.450	1.486	2,5	32,6	33,4	33,4	2,5	2,5
RS	9,3	9,3	9,3	-	-	1.622	1.669	2,9	15,1	15,5	15,5	2,6	2,6
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>767,3</b>	<b>767,3</b>	<b>767,3</b>	-	-	<b>363</b>	<b>358</b>	<b>(1,4)</b>	<b>278,6</b>	<b>274,7</b>	<b>274,7</b>	<b>(1,4)</b>	<b>(1,4)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>723,9</b>	<b>723,9</b>	<b>723,9</b>	-	-	<b>1.424</b>	<b>1.424</b>	-	<b>1.031,1</b>	<b>1.030,9</b>	<b>1.030,9</b>	-	-
<b>BRASIL</b>	<b>1.491,2</b>	<b>1.491,2</b>	<b>1.491,2</b>	-	-	<b>878</b>	<b>876</b>	<b>(0,3)</b>	<b>1.309,7</b>	<b>1.305,6</b>	<b>1.305,6</b>	<b>(0,3)</b>	<b>(0,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.1.4.3. Feijão terceira safra

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO	C							P	P	P	C	C
<b>Nordeste</b>												
CE	C						P	P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P/C	C	C	C
AL								P	P		C	C
SE							P	P	P/C	C	C	C
BA							P	P	P/C	C	C	C
<b>Centro-Oeste</b>												
MT							P	P	P/C	C	C	C
MS							P	P		C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF								P	P		C	C
<b>Sudeste</b>												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP							P	P	P	C	C	C
<b>Sul</b>												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.  
Fonte: Conab.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

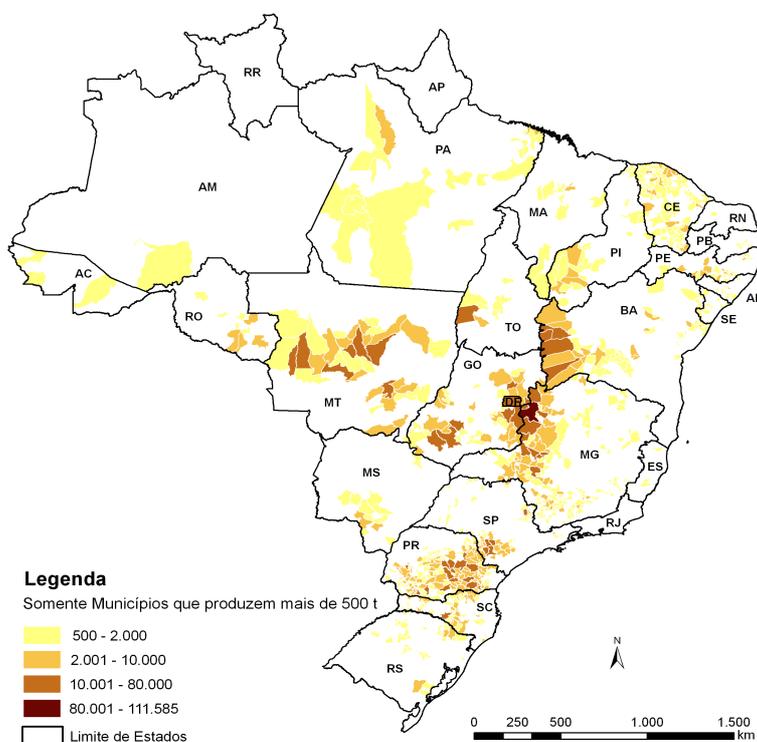
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>30,2</b>	<b>30,2</b>	<b>30,2</b>	-	-	<b>798</b>	<b>846</b>	<b>6,0</b>	<b>24,1</b>	<b>25,5</b>	<b>25,5</b>	<b>5,8</b>	<b>5,8</b>
PA	28,0	28,0	28,0	-	-	760	800	5,3	21,3	22,4	22,4	5,2	5,2
TO	2,2	2,2	2,2	-	-	1.281	1.426	11,3	2,8	3,1	3,1	10,7	10,7
<b>NORDESTE</b>	<b>423,5</b>	<b>423,5</b>	<b>423,5</b>	-	-	<b>654</b>	<b>635</b>	<b>(2,9)</b>	<b>276,8</b>	<b>268,9</b>	<b>268,9</b>	<b>(2,9)</b>	<b>(2,9)</b>
CE	10,3	10,3	10,3	-	-	1.054	1.109	5,2	10,9	11,4	11,4	4,6	4,6
PE	122,1	122,1	122,1	-	-	467	465	(0,4)	57,0	56,8	56,8	(0,4)	(0,4)
AL	47,0	47,0	47,0	-	-	458	482	5,2	21,5	22,7	22,7	5,6	5,6
SE	31,5	31,5	31,5	-	-	746	785	5,2	23,5	24,7	24,7	5,1	5,1
BA	212,6	212,6	212,6	-	-	771	721	(6,5)	163,9	153,3	153,3	(6,5)	(6,5)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>116,9</b>	<b>116,9</b>	<b>116,9</b>	-	-	<b>2.672</b>	<b>2.589</b>	<b>(3,1)</b>	<b>312,4</b>	<b>302,7</b>	<b>302,7</b>	<b>(3,1)</b>	<b>(3,1)</b>
MT	76,8	76,8	76,8	-	-	2.566	2.414	(5,9)	197,1	185,4	185,4	(5,9)	(5,9)
MS	0,4	0,4	0,4	-	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	0,6	20,0	20,0
GO	36,5	36,5	36,5	-	-	2.868	2.914	1,6	104,7	106,4	106,4	1,6	1,6
DF	3,2	3,2	3,2	-	-	3.159	3.221	2,0	10,1	10,3	10,3	2,0	2,0
<b>SUDESTE</b>	<b>103,1</b>	<b>103,1</b>	<b>103,1</b>	-	-	<b>2.558</b>	<b>2.615</b>	<b>2,2</b>	<b>263,7</b>	<b>269,6</b>	<b>269,6</b>	<b>2,2</b>	<b>2,2</b>
MG	85,0	85,0	85,0	-	-	2.600	2.642	1,6	221,0	224,6	224,6	1,6	1,6
SP	18,1	18,1	18,1	-	-	2.359	2.488	5,5	42,7	45,0	45,0	5,4	5,4
<b>SUL</b>	<b>4,9</b>	<b>4,9</b>	<b>4,9</b>	-	-	<b>1.013</b>	<b>960</b>	<b>(5,2)</b>	<b>5,0</b>	<b>4,7</b>	<b>4,7</b>	<b>(6,0)</b>	<b>(6,0)</b>
PR	4,9	4,9	4,9	-	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	4,7	(6,0)	(6,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>453,7</b>	<b>453,7</b>	<b>453,7</b>	-	-	<b>663</b>	<b>649</b>	<b>(2,2)</b>	<b>300,9</b>	<b>294,4</b>	<b>294,4</b>	<b>(2,2)</b>	<b>(2,2)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>224,9</b>	<b>224,9</b>	<b>224,9</b>	-	-	<b>2.583</b>	<b>2.565</b>	<b>(0,7)</b>	<b>581,1</b>	<b>577,0</b>	<b>577,0</b>	<b>(0,7)</b>	<b>(0,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>678,6</b>	<b>678,6</b>	<b>678,6</b>	-	-	<b>1.300</b>	<b>1.284</b>	<b>(1,2)</b>	<b>882,0</b>	<b>871,4</b>	<b>871,4</b>	<b>(1,2)</b>	<b>(1,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

#### 9.1.4.4. Feijão total

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>101,3</b>	<b>100,3</b>	<b>102,1</b>	<b>(1,0)</b>	<b>0,8</b>	<b>758</b>	<b>763</b>	<b>0,6</b>	<b>76,7</b>	<b>76,6</b>	<b>77,7</b>	<b>(0,1)</b>	<b>1,3</b>
RR	3,0	3,0	3,0	-	-	667	700	5,0	2,0	2,1	2,1	5,0	5,0
RO	33,0	33,0	33,0	-	-	721	630	(12,6)	23,8	20,8	20,8	(12,6)	(12,6)
AC	10,3	10,3	10,3	-	-	583	544	(6,7)	6,0	5,6	5,6	(6,7)	(6,7)
AM	5,3	5,3	5,3	-	-	1.019	981	(3,7)	5,4	5,2	5,2	(3,7)	(3,7)
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	923	923	-	1,2	1,2	1,2	-	-
PA	28,0	28,0	28,0	-	-	761	800	5,2	21,3	22,4	22,4	5,2	5,2
TO	20,4	19,4	21,2	(4,9)	3,9	833	978	17,3	17,0	19,3	20,4	13,5	20,0
<b>NORDESTE</b>	<b>1.625,6</b>	<b>1.599,2</b>	<b>1.611,8</b>	<b>(1,6)</b>	<b>(0,8)</b>	<b>411</b>	<b>403</b>	<b>(1,8)</b>	<b>668,0</b>	<b>645,1</b>	<b>650,0</b>	<b>(3,4)</b>	<b>(2,7)</b>
MA	92,8	89,1	91,6	(4,0)	(1,3)	497	519	4,4	46,1	46,3	47,4	0,4	2,8
PI	229,4	229,4	229,4	-	-	288	274	(4,8)	66,0	62,8	62,8	(4,8)	(4,8)
CE	404,1	404,1	404,1	-	-	328	305	(6,9)	132,5	123,3	123,3	(6,9)	(6,9)
RN	33,5	33,5	33,5	-	-	334	355	6,3	11,2	11,9	11,9	6,3	6,3
PB	76,9	76,9	76,9	-	-	277	294	6,1	21,3	22,6	22,6	6,1	6,1
PE	245,7	245,7	245,7	-	-	356	370	4,1	87,4	91,0	91,0	4,1	4,1
AL	47,0	47,0	47,0	-	-	457	483	5,6	21,5	22,7	22,7	5,6	5,6
SE	31,5	31,5	31,5	-	-	746	784	5,1	23,5	24,7	24,7	5,1	5,1
BA	464,7	442,0	452,1	(4,9)	(2,7)	556	541	(2,8)	258,5	239,8	243,6	(7,2)	(5,8)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>468,0</b>	<b>448,0</b>	<b>448,2</b>	<b>(4,3)</b>	<b>(4,2)</b>	<b>1.865</b>	<b>1.806</b>	<b>(3,2)</b>	<b>872,9</b>	<b>809,3</b>	<b>809,5</b>	<b>(7,3)</b>	<b>(7,3)</b>
MT	323,6	323,6	323,6	-	-	1.653	1.620	(2,0)	535,0	524,1	524,1	(2,0)	(2,0)
MS	20,1	19,6	19,8	(2,5)	(1,5)	1.522	1.391	(8,6)	30,6	27,3	27,5	(10,8)	(10,1)
GO	108,2	88,7	88,7	(18,0)	(18,0)	2.434	2.437	0,1	263,4	216,2	216,2	(17,9)	(17,9)
DF	16,1	16,1	16,1	-	-	2.727	2.590	(5,0)	43,9	41,7	41,7	(5,0)	(5,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>488,2</b>	<b>447,7</b>	<b>461,6</b>	<b>(8,3)</b>	<b>(5,4)</b>	<b>1.624</b>	<b>1.585</b>	<b>(2,4)</b>	<b>792,7</b>	<b>711,2</b>	<b>730,5</b>	<b>(10,3)</b>	<b>(7,8)</b>
MG	385,0	356,4	365,3	(7,4)	(5,1)	1.544	1.523	(1,4)	594,4	545,0	554,0	(8,3)	(6,8)
ES	15,3	15,4	15,6	0,7	2,0	797	813	1,9	12,2	12,5	12,7	2,5	4,1
RJ	2,7	2,7	2,7	-	-	926	963	4,0	2,5	2,6	2,6	4,0	4,0
SP	85,2	73,2	78,0	(14,1)	(8,5)	2.155	2.065	(4,2)	183,6	151,1	161,2	(17,7)	(12,2)
<b>SUL</b>	<b>650,3</b>	<b>592,4</b>	<b>609,4</b>	<b>(8,9)</b>	<b>(6,3)</b>	<b>1.590</b>	<b>1.533</b>	<b>(3,6)</b>	<b>1.033,8</b>	<b>907,3</b>	<b>934,9</b>	<b>(12,2)</b>	<b>(9,6)</b>
PR	515,4	467,8	479,7	(9,2)	(6,9)	1.569	1.507	(4,0)	808,9	704,4	723,4	(12,9)	(10,6)
SC	84,5	72,1	75,2	(14,7)	(11,0)	1.707	1.739	1,9	144,2	125,2	130,9	(13,2)	(9,2)
RS	50,4	52,5	54,5	4,2	8,1	1.601	1.479	(7,6)	80,7	77,7	80,6	(3,7)	(0,1)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.726,9</b>	<b>1.699,5</b>	<b>1.713,9</b>	<b>(1,6)</b>	<b>(0,8)</b>	<b>431</b>	<b>425</b>	<b>(1,5)</b>	<b>744,7</b>	<b>721,7</b>	<b>727,7</b>	<b>(3,1)</b>	<b>(2,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.606,5</b>	<b>1.488,1</b>	<b>1.519,2</b>	<b>(7,4)</b>	<b>(5,4)</b>	<b>1.680</b>	<b>1.630</b>	<b>(3,0)</b>	<b>2.699,4</b>	<b>2.427,8</b>	<b>2.474,9</b>	<b>(10,1)</b>	<b>(8,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3.333,4</b>	<b>3.187,6</b>	<b>3.233,1</b>	<b>(4,4)</b>	<b>(3,0)</b>	<b>1.033</b>	<b>989</b>	<b>(4,3)</b>	<b>3.444,1</b>	<b>3.149,5</b>	<b>3.202,6</b>	<b>(8,6)</b>	<b>(7,0)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

## 9.1.5. Girassol

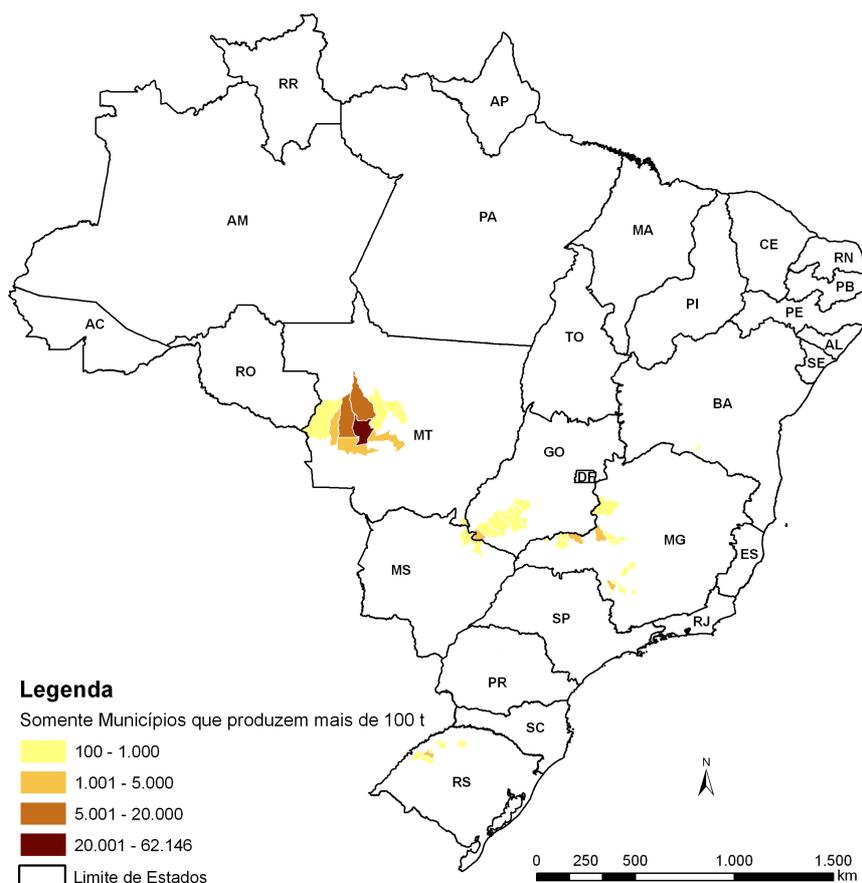
Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Nordeste</b>												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
<b>Centro-Oeste</b>												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
<b>Sudeste</b>												
MG						P	P			C	C	
<b>Sul</b>												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

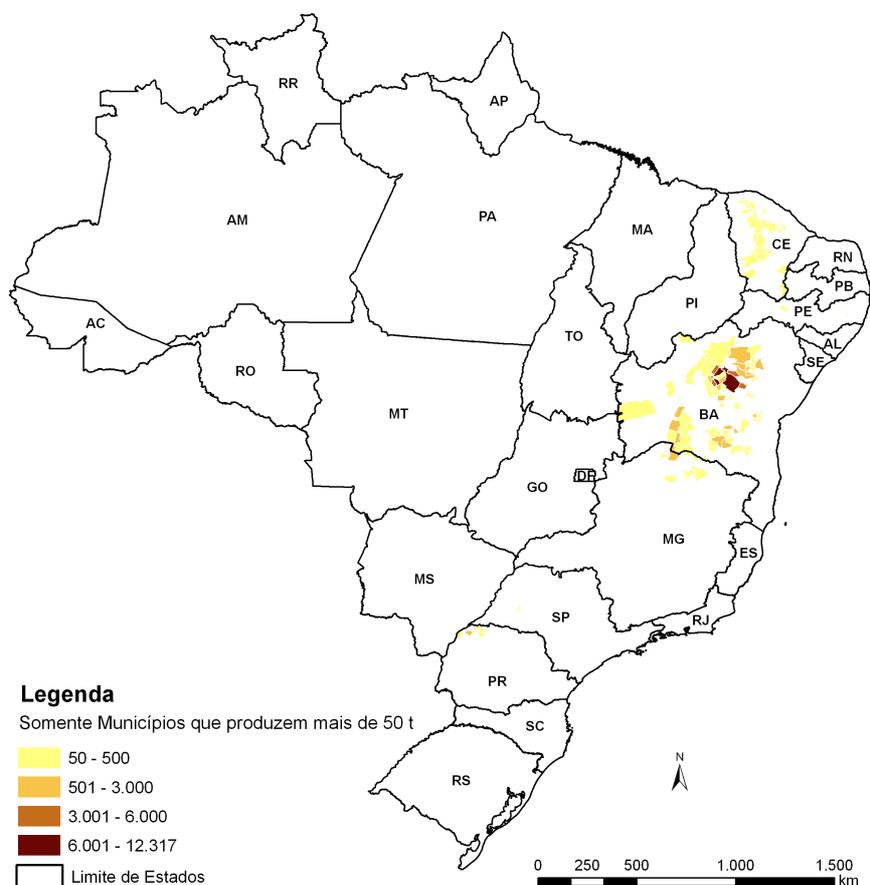
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>CENTRO-OESTE</b>	131,1	131,1	131,1	-	-	1.617	1.428	(11,7)	212,0	187,2	187,2	(11,7)	(11,7)
MT	126,2	126,2	126,2	-	-	1.611	1.428	(11,4)	203,3	180,2	180,2	(11,4)	(11,4)
MS	0,7	0,7	0,7	-	-	1.544	1.316	(14,8)	1,1	0,9	0,9	(18,2)	(18,2)
GO	4,2	4,2	4,2	-	-	1.815	1.455	(19,8)	7,6	6,1	6,1	(19,7)	(19,7)
<b>SUDESTE</b>	11,3	11,3	11,3	-	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	16,4	5,1	5,1
MG	11,3	11,3	11,3	-	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	16,4	5,1	5,1
<b>SUL</b>	3,3	3,3	3,3	-	-	1.463	1.390	(5,0)	5,1	4,6	4,6	(9,8)	(9,8)
RS	3,3	3,3	3,3	-	-	1.535	1.390	(9,4)	5,1	4,6	4,6	(9,8)	(9,8)
<b>CENTRO-SUL</b>	145,7	145,7	145,7	-	-	1.597	1.429	(10,5)	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(10,5)
<b>BRASIL</b>	145,7	145,7	145,7	-	-	1.597	1.429	(10,5)	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(10,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

## 9.1.6. Mamona

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORDESTE</b>	<b>98,6</b>	<b>115,0</b>	<b>139,5</b>	<b>16,6</b>	<b>41,5</b>	<b>439</b>	<b>170</b>	<b>(61,3)</b>	<b>43,3</b>	<b>58,1</b>	<b>70,6</b>	<b>34,2</b>	<b>63,0</b>
PI	0,7	0,7	0,7	-	-	300	389	29,7	0,2	0,3	0,3	50,0	50,0
CE	11,2	11,2	11,2	-	-	284	468	64,8	3,2	5,2	5,2	62,5	62,5
PE	4,9	4,9	4,9	-	-	334	452	35,3	1,6	2,2	2,2	37,5	37,5
BA	81,8	98,2	122,7	20,0	50,0	468	513	9,6	38,3	50,4	62,9	31,6	64,2
<b>SUDESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>1,1</b>	<b>1,3</b>	<b>(56,0)</b>	<b>(48,0)</b>	<b>506</b>	<b>527</b>	<b>4,2</b>	<b>1,3</b>	<b>1,0</b>	<b>1,1</b>	<b>(23,1)</b>	<b>(15,4)</b>
MG	2,4	1,0	1,2	(60,0)	(50,0)	450	766	70,2	1,1	0,8	0,9	(27,3)	(18,2)
SP	0,1	0,1	0,1	-	-	1.848	1.856	0,4	0,2	0,2	0,2	-	-
<b>SUL</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>622</b>	<b>311</b>	<b>(50,0)</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
PR	0,2	0,2	0,2	-	-	622	622	-	0,1	0,1	0,1	-	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>98,6</b>	<b>115,0</b>	<b>139,5</b>	<b>16,6</b>	<b>41,5</b>	<b>439</b>	<b>170</b>	<b>(61,3)</b>	<b>43,3</b>	<b>58,1</b>	<b>70,6</b>	<b>34,2</b>	<b>63,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2,7</b>	<b>1,3</b>	<b>1,5</b>	<b>(51,9)</b>	<b>(44,4)</b>	<b>515</b>	<b>496</b>	<b>(3,6)</b>	<b>1,4</b>	<b>1,1</b>	<b>1,2</b>	<b>(21,4)</b>	<b>(14,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>101,3</b>	<b>116,3</b>	<b>141,0</b>	<b>14,8</b>	<b>39,2</b>	<b>441</b>	<b>174</b>	<b>(60,6)</b>	<b>44,7</b>	<b>59,2</b>	<b>71,8</b>	<b>32,4</b>	<b>60,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Nordeste</b>												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
<b>Sudeste</b>												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
<b>Sul</b>												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

## 9.1.7. Milho

### 9.1.7.1. Milho primeira safra

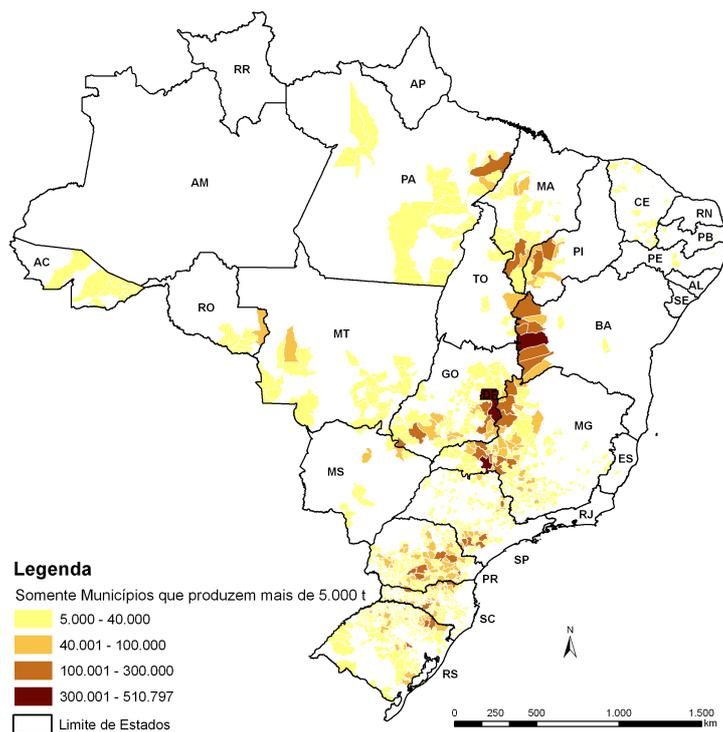
Apesar da recente elevação ocorrida nos preços internos pagos ao produtor do cereal, as pesquisas de campo realizadas pela Conab apontaram para uma expectativa de declínio no plantio da primeira safra, com os produtores dando preferência, neste período, ao cultivo da soja. As vantagens que a dinâmica na comercialização de soja proporcionam para o produtor está alterando o manejo produtivo de milho, outrora muito utilizado pelos produtores nacionais, quando a colheita da safra de verão era o momento de maior oferta do cereal no país. Exceção feita hoje à região do MATOPIBA, onde a expectativa de uma normalização do clima, aliado à possibilidade do milho produzido na região atender prioritariamente a demanda nordestina, criam atrativos adicionais para o cereal.

Essas ações consolidadas apresentam um quadro de forte declínio na área plantada do milho primeira safra, na Região Centro-Sul, que pela sua relevância, repercutem nas intenções de plantio no âmbito nacional. Na Região Norte/Nordeste, influenciada pelas razões supracitadas para o MATOPIBA, é esperado um leve incremento na área plantada com o cereal.

No Rio Grande do Sul, a área do milho deverá apresentar uma redução variando entre 5 e 3%, cedendo espaço para a lavoura de soja. O custo de produção, a liquidez na comercialização da soja e o atual cenário de preços do cereal são os fatores que contribuem para essa expectativa. Um fato que contribui para que a redução na área plantada não seja maior neste período, deve-se ao elevado consumo estadual de milho, calculado em torno de 6 milhões de toneladas, que é inferior à produção obtida na primeira safra gaúcha (entre 4,8 e 4,9 milhões de toneladas).

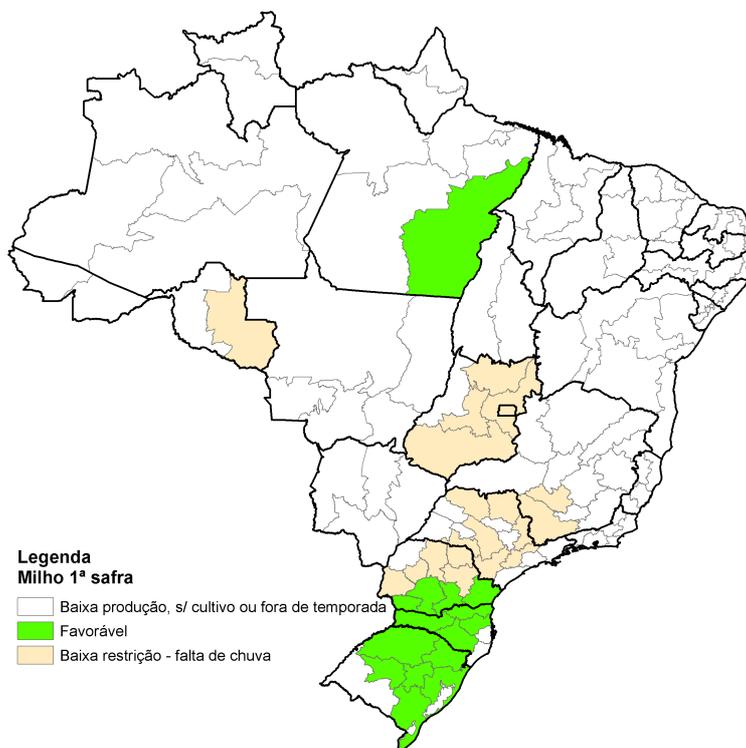
A semeadura estadual iniciou-se em agosto e se estende até o momento em virtude das restrições, representada pelo excesso de chuvas. Conforme já informado em boletins anteriores, chama a atenção à área semeada com milho destinado a silagem, devendo superar os 350 mil hectares, com uma produtividade prevista de 40 toneladas por hectare. No Paraná, a expectativa de redução na área plantada está estimada ser menor em aproximadamente 17%, quando comparada com o exercício anterior, podendo atingir 565,4 mil hectares. A semeadura já atingiu 90% desse total e a cultura atravessa as fases de germinação (9%) e desenvolvimento vegetativo (91%).

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 30 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 23 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	- sudeste do PA (P) - partes de todo estado do PR (P) - todo estado de SC (P) - todo estado do RS (P) - partes do estado de GO (P)			- leste de RO (P) - sul de MG (P) - todo estado de SP (P) - partes de todo estado do PR (P) - partes do estado de GO (P) - DF (P)

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, o plantio atingiu cerca de 70% da área prevista para o plantio da primeira safra, estimada em 415 mil hectares. As condições das lavouras são consideradas boas, apesar das poucas chuvas ocorridas nas primeiras semanas de outubro, provocando a interrupção do plantio que foi retomado recentemente. O nível tecnológico aplicado nas lavouras é considerado elevado, uma vez que os produtores adotam os pacotes tecnológicos indicados pelas cooperativas, com a adubação seguindo as indicações das análises de solos realizadas e as sementes usadas de alta performance.

Em Minas Gerais, principal produtor de milho primeira safra no país, estima-se uma redução na área plantada, variando entre 5 e 8,4%, devendo atingir o intervalo de 1.005 a 1.043 mil hectares. A exemplo do que ocorre nas diversas regiões do país, os produtores vêm optando pelo plantio da soja, ampliando o uso de variedades precoces, para viabilizar um maior plantio do milho segunda safra, após a colheita da oleaginosa. Em decorrência das condições climáticas desfavoráveis, o plantio ainda é incipiente, devendo-se intensificar na primeira semana de novembro.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR	C	C	C						P	P	P	
RO	P	P	P		C	C	C	C	C			
AC	P	P	P	P	C	C	C	C	C			
AM	P	P			C	C						
AP			P	P			C	C	C			
PA	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
TO		P	P			C	C	C	C			
<b>Nordeste</b>												
MA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	C
PB					P	P	P	P	C	C	C	C
PE							P	P	P	C	C	C
BA	P	P	P	P	C	C	C	C	C	C		
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P		C	C	C	C				
MS	P	P	P		C	C	C					
GO	P	P	P		C	C	C	C	C			
DF	P	P			C	C	C	C				
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C	C			
ES		P	P	P	C	C	C	C	C			
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P		C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C			P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Na Região Norte/Nordeste a expectativa de uma menor redução na área plantada da primeira safra de milho está relacionada ao suporte que a comercialização do cereal estabelece para os produtores situados na região do MATOPIBA. As informações levantadas apontam tanto para um decréscimo de 3,1%, como um acréscimo de 0,8%, na área plantada.

A intenção de plantio do milho primeira safra no país para a temporada que se inicia, deverá ter um decréscimo entre 8,7% e 4,3%, que representa uma área de 6,04 a 6,33 milhões de hectares, quando comparado com o exercício passado.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>362,2</b>	<b>331,9</b>	<b>348,9</b>	<b>(8,4)</b>	<b>(3,7)</b>	<b>2.843</b>	<b>2.985</b>	<b>5,0</b>	<b>1.029,7</b>	<b>983,6</b>	<b>1.048,5</b>	<b>(4,5)</b>	<b>1,8</b>
RR	6,5	6,5	6,5	-	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	7,6	26,7	26,7
RO	60,9	42,6	45,7	(30,0)	(25,0)	2.035	2.164	6,3	123,9	92,2	98,9	(25,6)	(20,2)
AC	46,5	42,8	45,1	(8,0)	(3,0)	2.340	2.402	2,6	108,8	102,8	108,3	(5,5)	(0,5)
AM	11,0	11,0	11,0	-	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	29,8	3,1	3,1
AP	2,2	2,2	2,2	-	-	921	979	6,3	2,0	2,2	2,2	10,0	10,0
PA	184,1	184,1	184,1	-	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	555,1	3,4	3,4
TO	51,0	42,7	54,3	(16,3)	6,4	4.378	4.541	3,7	223,3	193,9	246,6	(13,2)	10,4
<b>NORDESTE</b>	<b>2.113,3</b>	<b>2.067,2</b>	<b>2.147,1</b>	<b>(2,2)</b>	<b>1,6</b>	<b>2.248</b>	<b>2.390</b>	<b>6,3</b>	<b>4.750,0</b>	<b>4.907,1</b>	<b>5.164,9</b>	<b>3,3</b>	<b>8,7</b>
MA	379,0	360,1	394,2	(5,0)	4,0	2.266	2.084	(8,0)	858,8	750,4	821,5	(12,6)	(4,3)
PI	371,6	371,6	390,2	-	5,0	2.321	2.256	(2,8)	862,5	838,3	880,3	(2,8)	2,1
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	835	892	6,8	401,3	428,7	428,7	6,8	6,8
RN	32,4	32,4	32,4	-	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	15,1	(26,3)	(26,3)
PB	76,6	76,6	76,6	-	-	462	485	5,0	35,4	37,2	37,2	5,1	5,1
PE	228,6	228,6	228,6	-	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	86,4	(8,1)	(8,1)
BA	544,5	517,3	544,5	(5,0)	-	4.550	5.318	16,9	2.477,5	2.751,0	2.895,7	11,0	16,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>422,2</b>	<b>330,3</b>	<b>365,3</b>	<b>(21,8)</b>	<b>(13,5)</b>	<b>7.544</b>	<b>7.759</b>	<b>2,9</b>	<b>3.184,9</b>	<b>2.564,7</b>	<b>2.832,4</b>	<b>(19,5)</b>	<b>(11,1)</b>
MT	68,0	68,0	71,4	-	5,0	6.209	6.381	2,8	422,2	433,9	455,6	2,8	7,9
MS	27,0	21,6	24,3	(20,0)	(10,0)	8.350	8.616	3,2	225,5	186,1	209,4	(17,5)	(7,1)
GO	288,2	201,7	230,6	(30,0)	(20,0)	7.500	7.706	2,7	2.161,5	1.554,3	1.777,0	(28,1)	(17,8)
DF	39,0	39,0	39,0	-	-	9.634	10.011	3,9	375,7	390,4	390,4	3,9	3,9
<b>SUDESTE</b>	<b>1.552,0</b>	<b>1.398,7</b>	<b>1.479,3</b>	<b>(9,9)</b>	<b>(4,7)</b>	<b>5.194</b>	<b>5.545</b>	<b>6,8</b>	<b>8.060,9</b>	<b>7.745,2</b>	<b>8.212,3</b>	<b>(3,9)</b>	<b>1,9</b>
MG	1.098,0	1.005,8	1.043,1	(8,4)	(5,0)	5.230	5.369	2,7	5.742,5	5.400,1	5.600,4	(6,0)	(2,5)
ES	22,3	21,0	21,6	(6,0)	(3,0)	2.711	2.495	(8,0)	60,5	52,4	53,9	(13,4)	(10,9)
RJ	4,4	4,4	4,4	-	-	2.332	2.324	(0,3)	10,3	10,2	10,2	(1,0)	(1,0)
SP	427,3	367,5	410,2	(14,0)	(4,0)	5.260	6.211	18,1	2.247,6	2.282,5	2.547,8	1,6	13,4
<b>SUL</b>	<b>2.168,3</b>	<b>1.912,9</b>	<b>1.990,4</b>	<b>(11,8)</b>	<b>(8,2)</b>	<b>6.746</b>	<b>6.141</b>	<b>(9,0)</b>	<b>14.627,4</b>	<b>11.724,4</b>	<b>12.246,6</b>	<b>(19,8)</b>	<b>(16,3)</b>
PR	665,2	532,2	565,4	(20,0)	(15,0)	8.156	7.851	(3,7)	5.425,4	4.178,3	4.439,0	(23,0)	(18,2)
SC	471,9	401,1	424,7	(15,0)	(10,0)	7.385	6.739	(8,7)	3.485,0	2.703,0	2.862,1	(22,4)	(17,9)
RS	1.031,2	979,6	1.000,3	(5,0)	(3,0)	5.544	4.944	(10,8)	5.717,0	4.843,1	4.945,5	(15,3)	(13,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2.475,5</b>	<b>2.399,1</b>	<b>2.496,0</b>	<b>(3,1)</b>	<b>0,8</b>	<b>2.335</b>	<b>2.473</b>	<b>5,9</b>	<b>5.779,7</b>	<b>5.890,7</b>	<b>6.213,4</b>	<b>1,9</b>	<b>7,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>4.142,5</b>	<b>3.641,9</b>	<b>3.835,0</b>	<b>(12,1)</b>	<b>(7,4)</b>	<b>6.246</b>	<b>6.062</b>	<b>(2,9)</b>	<b>25.873,2</b>	<b>22.034,3</b>	<b>23.291,3</b>	<b>(14,8)</b>	<b>(10,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>6.618,0</b>	<b>6.041,0</b>	<b>6.331,0</b>	<b>(8,7)</b>	<b>(4,3)</b>	<b>4.783</b>	<b>4.642</b>	<b>(2,9)</b>	<b>31.652,9</b>	<b>27.925,0</b>	<b>29.504,7</b>	<b>(11,8)</b>	<b>(6,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.1.7.2. Milho segunda safra

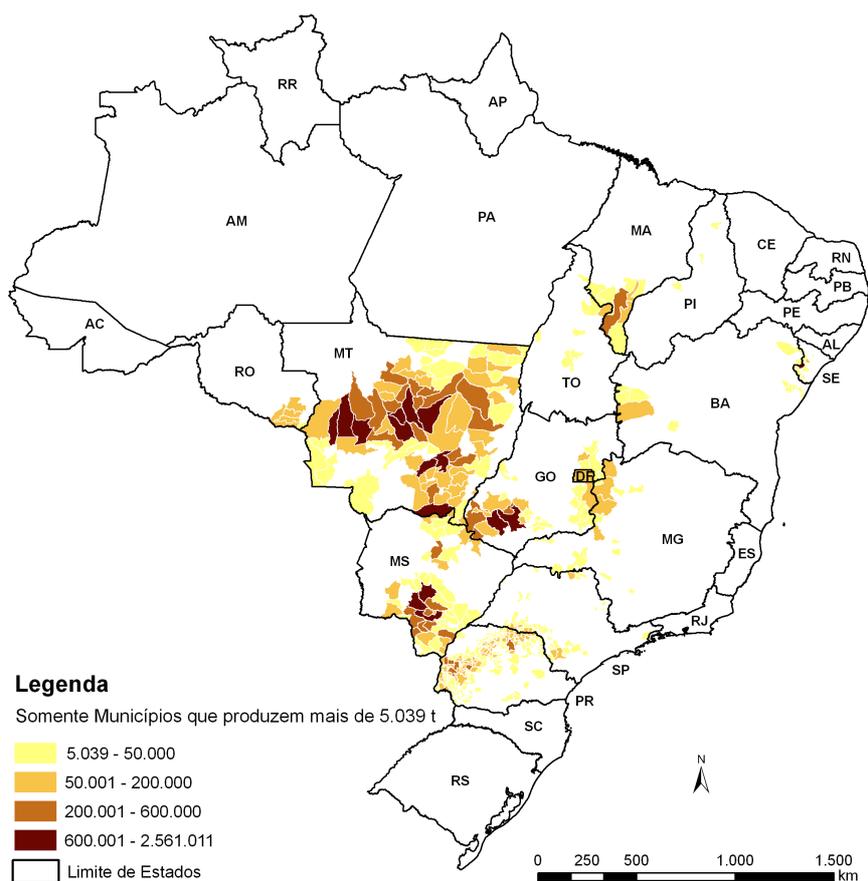
Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, foram repetidas as informações relativas às áreas estaduais da safra anterior. Com relação à produtividade, a Conab estará utilizando, a partir dessa temporada, nova metodologia que contempla as especificidades dos diversos produtos e na aplicação de um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. A explicação do método se encontra no item

relacionado à produtividade, constante deste boletim. De uma maneira geral, os produtores estão propensos a diminuir a área plantada da segunda safra, em função de um quadro de desestímulo, muito claro no primeiro semestre, coincidindo com a evolução da safra americana.

Mais recentemente, o mercado vem apresentando um cenário que aposta numa alteração no quadro de cotações, que pode representar uma excelente alternativa para os produtores que acreditarem nessa tendência. Argumenta-se que a safra americana pode apresentar alguma surpresa de última hora, coincidindo com o encerramento da colheita, e internamente, o mercado de carnes, especialmente aquele relacionado à bovinocultura, estimulando um quadro diferenciado para o mercado de milho.

A estimativa total da área de milho para a temporada 2014/15, contemplando a primeira e a segunda safra, nesse levantamento de intenção de plantio, quando comparado com o exercício passado, apontou para uma redução variando de 3,7 a 1,8%, situando o total da área plantada entre 15,2 a 15,5 milhões de hectares. A depender das condições do clima, que irão homologar ou não as produtividades estimadas, prevê-se uma redução na produção variando de 3,2 a 1,2%, totalizando um intervalo de 77,3 a 78,9 milhões de toneladas.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>189,3</b>	<b>189,3</b>	<b>189,3</b>	-	-	<b>4.183</b>	<b>4.183</b>	-	<b>791,8</b>	<b>791,8</b>	<b>791,8</b>	-	-
RO	88,4	88,4	88,4	-	-	3.751	3.751	-	331,6	331,6	331,6	-	-
TO	100,9	100,9	100,9	-	-	4.561	4.561	-	460,2	460,2	460,2	-	-
<b>NORDESTE</b>	<b>786,4</b>	<b>786,4</b>	<b>786,4</b>	-	-	<b>3.592</b>	<b>3.624</b>	<b>0,9</b>	<b>2.824,5</b>	<b>2.850,0</b>	<b>2.850,0</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>
MA	227,4	227,4	227,4	-	-	3.813	3.813	-	867,1	867,1	867,1	-	-
PI	33,4	33,4	33,4	-	-	4.998	4.998	-	166,9	166,9	166,9	-	-
AL	31,0	31,0	31,0	-	-	887	887	-	27,5	27,5	27,5	-	-
SE	226,6	226,6	226,6	-	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	1.058,2	-	-
BA	268,0	268,0	268,0	-	-	2.630	2.725	3,6	704,8	730,3	730,3	3,6	3,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>5.751,5</b>	<b>5.751,5</b>	<b>5.751,5</b>	-	-	<b>5.516</b>	<b>5.714</b>	<b>3,6</b>	<b>31.722,5</b>	<b>32.864,1</b>	<b>32.864,1</b>	<b>3,6</b>	<b>3,6</b>
MT	3.230,2	3.230,2	3.230,2	-	-	5.457	5.632	3,2	17.627,2	18.192,5	18.192,5	3,2	3,2
MS	1.519,0	1.519,0	1.519,0	-	-	5.140	5.408	5,2	7.807,7	8.214,8	8.214,8	5,2	5,2
GO	952,3	952,3	952,3	-	-	6.130	6.321	3,1	5.837,6	6.019,5	6.019,5	3,1	3,1
DF	50,0	50,0	50,0	-	-	9.000	8.747	(2,8)	450,0	437,4	437,4	(2,8)	(2,8)
<b>SUDESTE</b>	<b>554,5</b>	<b>554,5</b>	<b>554,5</b>	-	-	<b>4.810</b>	<b>4.976</b>	<b>3,4</b>	<b>2.667,4</b>	<b>2.759,3</b>	<b>2.759,3</b>	<b>3,4</b>	<b>3,4</b>
MG	228,0	228,0	228,0	-	-	5.265	5.542	5,3	1.200,4	1.263,6	1.263,6	5,3	5,3
SP	326,5	326,5	326,5	-	-	4.493	4.581	2,0	1.467,0	1.495,7	1.495,7	2,0	2,0
<b>SUL</b>	<b>1.901,0</b>	<b>1.901,0</b>	<b>1.901,0</b>	-	-	<b>5.390</b>	<b>5.337</b>	<b>(1,0)</b>	<b>10.246,4</b>	<b>10.145,6</b>	<b>10.145,6</b>	<b>(1,0)</b>	<b>(1,0)</b>
PR	1.901,0	1.901,0	1.901,0	-	-	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	10.145,6	10.145,6	(1,0)	(1,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>975,7</b>	<b>975,7</b>	<b>975,7</b>	-	-	<b>3.706</b>	<b>3.733</b>	<b>0,7</b>	<b>3.616,3</b>	<b>3.641,8</b>	<b>3.641,8</b>	<b>0,7</b>	<b>0,7</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>8.207,0</b>	<b>8.207,0</b>	<b>8.207,0</b>	-	-	<b>5.439</b>	<b>5.577</b>	<b>2,5</b>	<b>44.636,3</b>	<b>45.769,0</b>	<b>45.769,0</b>	<b>2,5</b>	<b>2,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>9.182,7</b>	<b>9.182,7</b>	<b>9.182,7</b>	-	-	<b>5.255</b>	<b>5.381</b>	<b>2,4</b>	<b>48.252,6</b>	<b>49.410,8</b>	<b>49.410,8</b>	<b>2,4</b>	<b>2,4</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

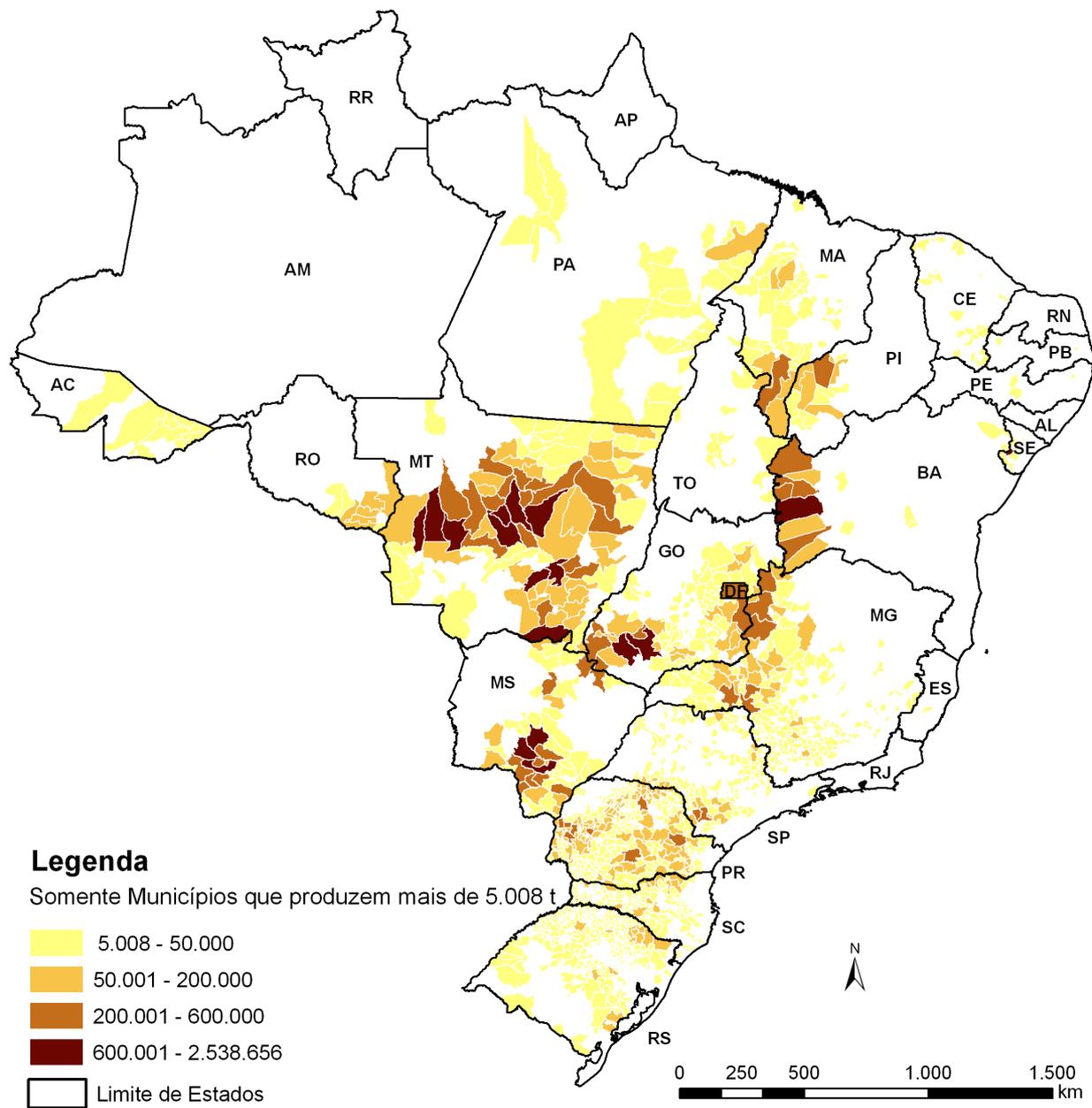
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR	C						P	P	P		C	C
RO				P	P	P			C	C	C	
AM							P	P			C	C
TO							P	P	C	C	C	
<b>Nordeste</b>												
MA					P	P			C	C		
PI					P	P	P	C	C	C		
PE	C	C					P	P	P	P	C	C
AL	C	C					P	P	P	P	C	C
SE	C	C						P	P	P	C	C
BA	C	C	C					P	P	P		C
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				P	P	P			C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
<b>Sudeste</b>												
MG					P	P			C	C	C	
SP				P	P	P		C	C	C	C	C
<b>Sul</b>												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

### 9.1.7.3. Milho total

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>551,5</b>	<b>521,2</b>	<b>538,2</b>	<b>(5,5)</b>	<b>(2,4)</b>	<b>3.303</b>	<b>3.413</b>	<b>3,3</b>	<b>1.821,5</b>	<b>1.775,4</b>	<b>1.840,3</b>	<b>(2,5)</b>	<b>1,0</b>
RR	6,5	6,5	6,5	-	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	7,6	26,7	26,7
RO	149,3	131,0	134,1	(12,3)	(10,2)	3.051	3.222	5,6	455,5	423,8	430,5	(7,0)	(5,5)
AC	46,5	42,8	45,1	(8,0)	(3,0)	2.340	2.402	2,6	108,8	102,8	108,3	(5,5)	(0,5)
AM	11,0	11,0	11,0	-	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	29,8	3,1	3,1
AP	2,2	2,2	2,2	-	-	921	979	6,3	2,0	2,2	2,2	10,0	10,0
PA	184,1	184,1	184,1	-	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	555,1	3,4	3,4
TO	151,9	143,6	155,2	(5,5)	2,2	4.500	4.555	1,2	683,5	654,1	706,8	(4,3)	3,4
<b>NORDESTE</b>	<b>2.899,7</b>	<b>2.853,6</b>	<b>2.933,5</b>	<b>(1,6)</b>	<b>1,2</b>	<b>2.612</b>	<b>2.725</b>	<b>4,3</b>	<b>7.574,5</b>	<b>7.757,2</b>	<b>8.014,9</b>	<b>2,4</b>	<b>5,8</b>
MA	606,4	587,5	621,6	(3,1)	2,5	2.846	2.734	(3,9)	1.725,9	1.617,5	1.688,6	(6,3)	(2,2)
PI	405,0	405,0	423,6	-	4,6	2.542	2.477	(2,5)	1.029,4	1.005,3	1.047,2	(2,3)	1,7
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	835	892	6,8	401,3	428,7	428,7	6,8	6,8
RN	32,4	32,4	32,4	-	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	15,1	(26,3)	(26,3)
PB	76,6	76,6	76,6	-	-	462	485	5,0	35,4	37,2	37,2	5,1	5,1
PE	228,6	228,6	228,6	-	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	86,4	(8,1)	(8,1)
AL	31,0	31,0	31,0	-	-	887	887	-	27,5	27,5	27,5	-	-
SE	226,6	226,6	226,6	-	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	1.058,2	-	-
BA	812,5	785,3	812,5	(3,3)	-	3.917	4.448	13,6	3.182,3	3.481,3	3.626,0	9,4	13,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>6.173,7</b>	<b>6.081,8</b>	<b>6.116,8</b>	<b>(1,5)</b>	<b>(0,9)</b>	<b>5.654</b>	<b>5.831</b>	<b>3,1</b>	<b>34.907,3</b>	<b>35.428,9</b>	<b>35.696,5</b>	<b>1,5</b>	<b>2,3</b>
MT	3.298,2	3.298,2	3.301,6	-	0,1	5.473	5.648	3,2	18.049,4	18.626,4	18.648,1	3,2	3,3
MS	1.546,0	1.540,6	1.543,3	(0,3)	(0,2)	5.196	5.456	5,0	8.033,1	8.400,9	8.424,1	4,6	4,9
GO	1.240,5	1.154,0	1.182,9	(7,0)	(4,6)	6.448	6.577	2,0	7.999,1	7.573,8	7.796,5	(5,3)	(2,5)
DF	89,0	89,0	89,0	-	-	9.278	9.301	0,2	825,7	827,8	827,8	0,3	0,3
<b>SUDESTE</b>	<b>2.106,5</b>	<b>1.953,2</b>	<b>2.033,8</b>	<b>(7,3)</b>	<b>(3,5)</b>	<b>5.093</b>	<b>5.387</b>	<b>5,8</b>	<b>10.728,4</b>	<b>10.504,5</b>	<b>10.971,5</b>	<b>(2,1)</b>	<b>2,3</b>
MG	1.326,0	1.233,8	1.271,1	(7,0)	(4,1)	5.236	5.400	3,1	6.943,0	6.663,7	6.864,0	(4,0)	(1,1)
ES	22,3	21,0	21,6	(5,8)	(3,1)	2.711	2.495	(8,0)	60,5	52,4	53,9	(13,4)	(10,9)
RJ	4,4	4,4	4,4	-	-	2.332	2.324	(0,3)	10,3	10,2	10,2	(1,0)	(1,0)
SP	753,8	694,0	736,7	(7,9)	(2,3)	4.928	5.467	10,9	3.714,6	3.778,2	4.043,4	1,7	8,9
<b>SUL</b>	<b>4.069,3</b>	<b>3.813,9</b>	<b>3.891,4</b>	<b>(6,3)</b>	<b>(4,4)</b>	<b>6.113</b>	<b>5.744</b>	<b>(6,0)</b>	<b>24.873,8</b>	<b>21.870,0</b>	<b>22.392,2</b>	<b>(12,1)</b>	<b>(10,0)</b>
PR	2.566,2	2.433,2	2.466,4	(5,2)	(3,9)	6.107	5.900	(3,4)	15.671,8	14.323,9	14.584,6	(8,6)	(6,9)
SC	471,9	401,1	424,7	(15,0)	(10,0)	7.385	6.739	(8,7)	3.485,0	2.703,0	2.862,1	(22,4)	(17,9)
RS	1.031,2	979,6	1.000,3	(5,0)	(3,0)	5.544	4.944	(10,8)	5.717,0	4.843,1	4.945,5	(15,3)	(13,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.451,2</b>	<b>3.374,8</b>	<b>3.471,7</b>	<b>(2,2)</b>	<b>0,6</b>	<b>2.723</b>	<b>2.832</b>	<b>4,0</b>	<b>9.396,0</b>	<b>9.532,6</b>	<b>9.855,2</b>	<b>1,5</b>	<b>4,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>12.349,5</b>	<b>11.848,9</b>	<b>12.042,0</b>	<b>(4,1)</b>	<b>(2,5)</b>	<b>5.709</b>	<b>5.729</b>	<b>0,3</b>	<b>70.509,5</b>	<b>67.803,4</b>	<b>69.060,2</b>	<b>(3,8)</b>	<b>(2,1)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>15.800,7</b>	<b>15.223,7</b>	<b>15.513,7</b>	<b>(3,7)</b>	<b>(1,8)</b>	<b>5.057</b>	<b>5.083</b>	<b>0,5</b>	<b>79.905,5</b>	<b>77.336,0</b>	<b>78.915,4</b>	<b>(3,2)</b>	<b>(1,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

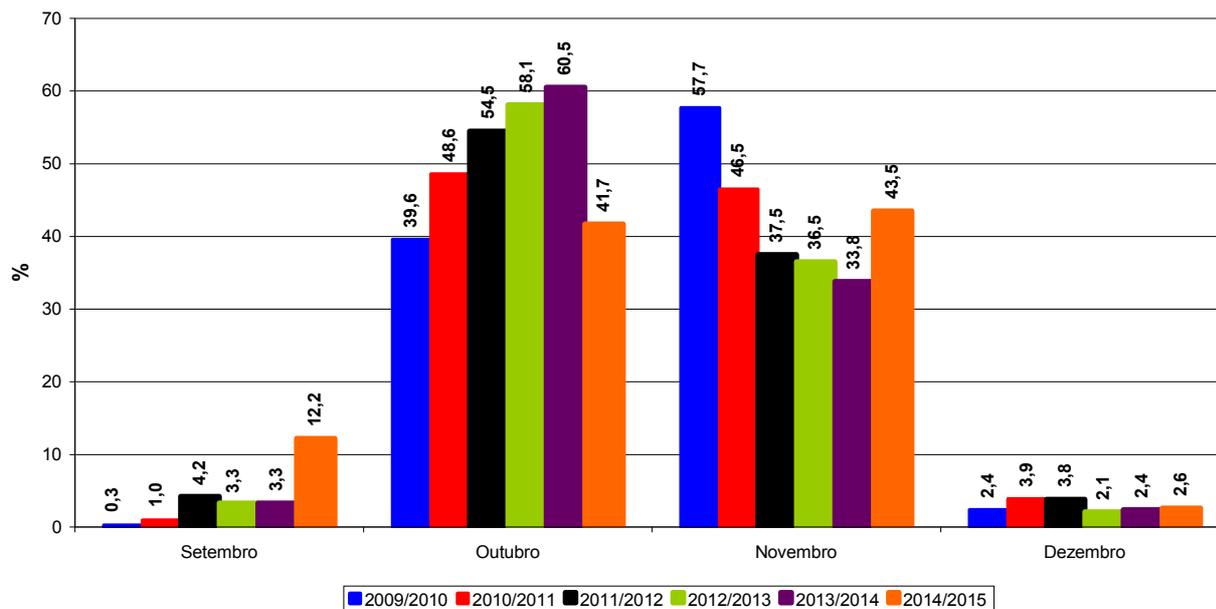
### 9.1.8. Soja

As chuvas iniciadas em setembro, nos estados da Região Sul, possibilitaram num primeiro momento, o adiantamento no calendário de plantio em importantes áreas de produção. O que se observou em seguida, foi a intensidade dessas precipitações provocando a suspensão do plantio em importantes municípios produtores, retardando de forma generalizada a semeadura da oleaginosa na região. No Rio Grande do Sul, o aumento da área cultivada deverá ocorrer em todas as regiões produtoras e o incremento não será maior em função da limitação de área. O plantio previsto para ocorrer a partir do dia 15 de outubro, não foi confirmado, por conta do clima, mas a expectativa é de que acontecerá dentro da janela tecnicamente recomendada. As condições climáticas prevalentes no momento, e a ausência de fenômenos comprometedores num futuro próximo animam a possibilidade da ocorrência de uma boa safra no estado.

No Paraná, a semeadura também se encontra abaixo do normal para o período. Cerca de 53,9% da área estimada já está plantada, ante 63,8% no mesmo na safra

passada (Gráfico 39). A lavoura se encontra nas fases de germinação (24%), desenvolvimento vegetativo (73%) e floração (3%). O pequeno atraso na colheita da safra americana, as irregularidades do clima na América do Sul e o aumento da taxa de câmbio têm provocado a recuperação dos preços, incentivando o produtor no uso de modernos pacotes tecnológicos de produção. De uma forma geral, as lavouras já implantadas que se encontram em estágios iniciais de desenvolvimento, apresentam-se com um padrão de boa qualidade. As condições de solo, após as chuvas recentes, são consideradas boas e devem permitir um avanço significativo do plantio nos próximos dias.

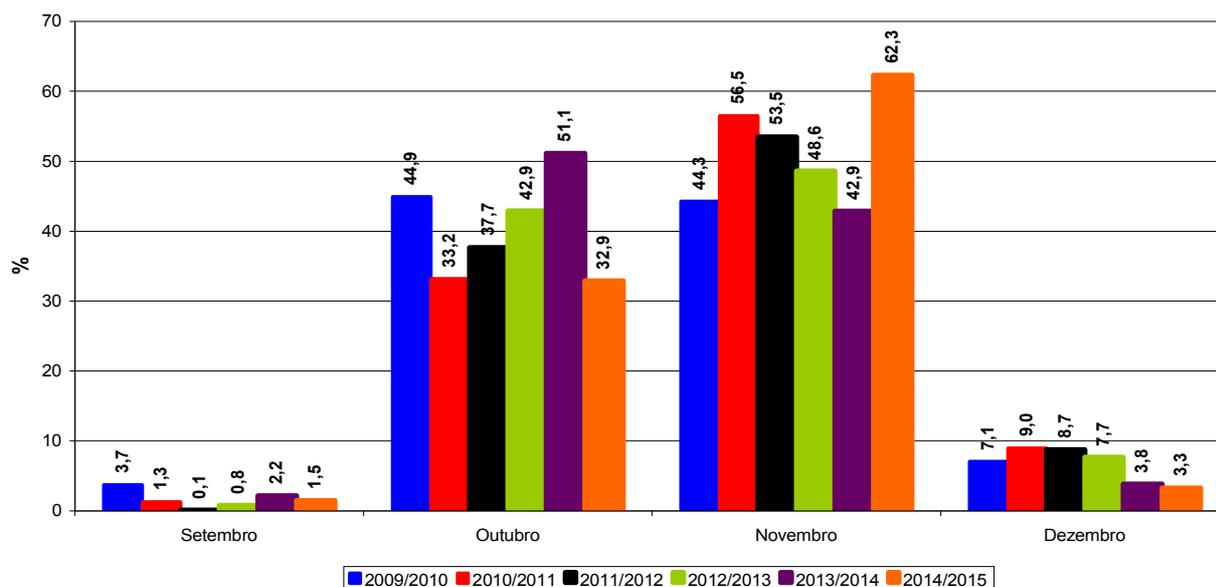
Gráfico 39 – Evolução do plantio de soja no Paraná



Fonte: Conab.

Na Região Centro-Oeste, o tempo seco e a estiagem provocaram forte redução no ritmo do plantio, quando se compara com outubro da temporada passada. Em setembro, de uma maneira geral, as precipitações pluviométricas atingiram níveis superiores a 120 mm, coincidindo com o término do vazio sanitário, o que estimulou fortemente o plantio da oleaginosa. Em outubro, onde rotineiramente as precipitações na região são mais regulares, as chuvas ocorreram em níveis muito abaixo da média histórica, com a informação de que em vários locais as lavouras não receberam chuvas por um período superior a 20 dias. O retorno da normalização climática na última semana de outubro exigirá do produtor uma ação redobrada no sentido de agilizar as operações com a lavoura, a fim de aproveitar a janela de plantio. A preocupação colocada pelos produtores da região é de que o plantio ocorrendo numa janela estreita implicará numa colheita também executada numa faixa concentrada. O risco disso não ocorrer poderá comprometer, ou, pelo menos, reduzir, as potencialidades das lavouras que serão plantadas na sequência da oleaginosa.

Gráfico 40 – Evolução da área plantada de soja no Centro-Oeste



Fonte: Conab.

Devido à estiagem e má distribuição das chuvas, observou-se o atraso do plantio em praticamente todas as áreas produtoras no Centro-Oeste. Adicionalmente, o tempo seco e a estiagem podem aumentar a ocorrência de lagartas. Apesar do cultivo se encontrar no início, o cenário indicado pelos produtores é o da possibilidade de ocorrência de infestações de lagartas, nos estágios iniciais daquelas lavouras já implantadas, podendo sugerir a necessidade de replantio.

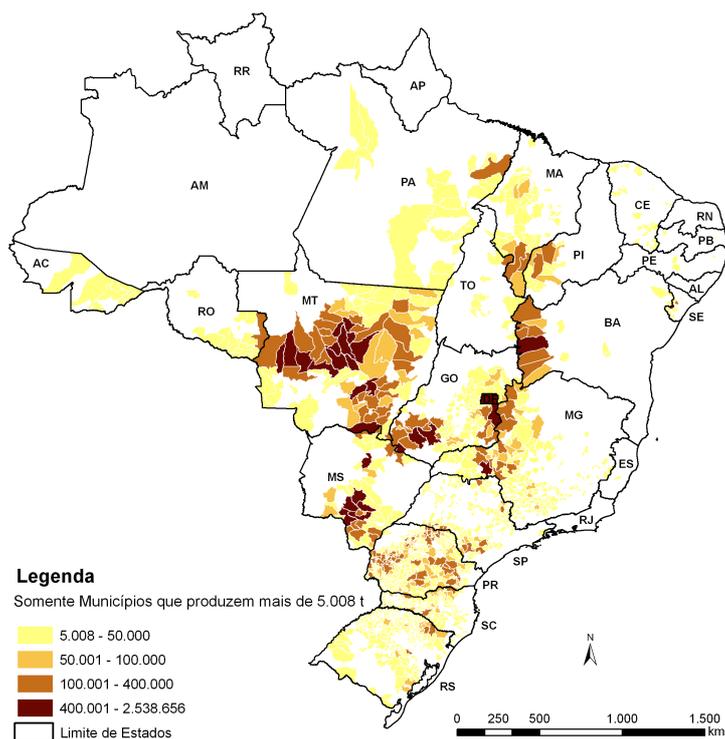
Na semana em que os técnicos da Conab estiveram em campo, estimou-se para a região um plantio ocorrido em somente 34,4% da área prevista para a oleaginosa na Região Centro-Oeste (14,4 milhões de hectares), enquanto que no mesmo período da temporada passada, o cultivo de cerca de 53,3% da área estava concluído (Gráfico 40). Outro dado que chama a atenção neste início de temporada, é a redução da comercialização antecipada da produção, em virtude das incertezas relacionadas com as tendências futuras de mercado e também por conta desse início tumultuado do plantio.

Nas áreas de plantio da oleaginosa na região nordestina, as chuvas ainda não se firmaram e as precipitações de pequena intensidade ainda são insuficientes para estimular o plantio. Na região do MATOPIBA, os agricultores já se encontram com as áreas prontas para o cultivo, particularmente aqueles que utilizam o sistema de plantio direto. Uma vez que a janela de plantio transcorre desde o início de novembro até fins de dezembro e está sendo prevista uma regularidade pluviométrica no período compreendido pelo desenvolvimento vegetativo das lavouras, é grande a expectativa de que seja realizado o plantio de uma segunda safra, seja de milho ou feijão.

Aproximadamente 90% do plantio está sendo lastreado por financiamentos oriundos dos bancos, especialmente os oficiais – Banco do Brasil e do Nordeste, e pelos vendedores de insumos. O ambiente entre os produtores regionais é de uma firme aposta na continuidade do incremento da área plantada com a oleaginosa, estando previsto ser a região que irá apresentar o maior incremento percentual do país, no exercício 2014/15.

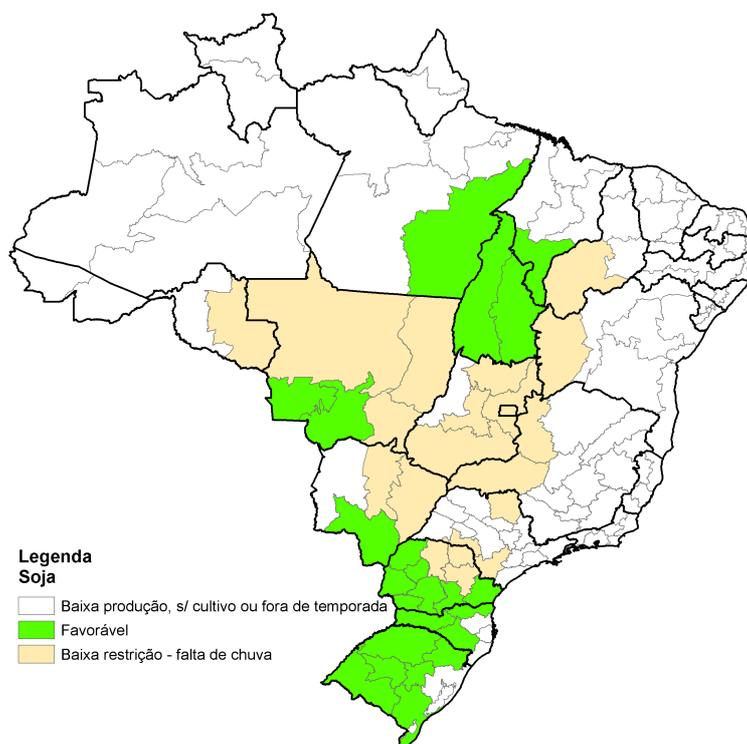
Essas ações combinadas dão suporte à expectativa de um importante incremento da área plantada (2,3% a 5,3%) que deverá possibilitar a ocorrência da continuidade nas produções recordes anuais (3,7% a 6,7%).

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 35 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 27 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- sudeste do PA (PP) - oeste do TO (P) - partes do leste do TO (P) - partes do sul do MA (P) - partes de todo estado do PR (P) - todo estado de SC (P) - todo estado do RS (P) - partes de todo estado do MT (P) - partes de todo estado do MS (P) - partes de todo estado do GO (P)			- leste de RO (P) - partes do leste do TO (P) - partes do sul do MA (P) - sul do PI (P) - oeste da BA (P) - Triângulo e noroeste de MG (P) - norte e sul de SP (P) - partes de todo estado do PR (P) - partes de todo estado do MT (P) - partes de todo estado do MS (P) - partes de todo estado do GO (P) - DF (P)

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>1.178,9</b>	<b>1.252,5</b>	<b>1.306,9</b>	<b>6,2</b>	<b>10,9</b>	<b>2.877</b>	<b>2.962</b>	<b>3,0</b>	<b>3.391,3</b>	<b>3.711,2</b>	<b>3.869,7</b>	<b>9,4</b>	<b>14,1</b>
RR	18,0	18,0	18,0	-	-	3.120	2.798	(10,3)	56,2	50,4	50,4	(10,3)	(10,3)
RO	191,1	219,8	229,3	15,0	20,0	3.180	3.349	5,3	607,7	736,1	767,9	21,1	26,4
PA	221,4	221,4	221,4	-	-	3.020	3.102	2,7	668,6	668,8	668,8	2,7	2,7
TO	748,4	793,3	838,2	6,0	12,0	2.751	2.821	2,5	2.058,8	2.237,9	2.364,6	8,7	14,9
<b>NORDESTE</b>	<b>2.602,2</b>	<b>2.672,1</b>	<b>2.796,1</b>	<b>2,7</b>	<b>7,5</b>	<b>2.544</b>	<b>2.813</b>	<b>10,5</b>	<b>6.620,9</b>	<b>7.513,1</b>	<b>7.867,3</b>	<b>13,5</b>	<b>18,8</b>
MA	662,2	668,8	715,2	1,0	8,0	2.754	3.068	11,4	1.823,7	2.051,9	2.194,2	12,5	20,3
PI	627,3	677,5	702,6	8,0	12,0	2.374	2.464	3,8	1.489,2	1.669,4	1.731,2	12,1	16,3
BA	1.312,7	1.325,8	1.378,3	1,0	5,0	2.520	2.860	13,5	3.308,0	3.791,8	3.941,9	14,6	19,2
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>13.909,4</b>	<b>14.229,3</b>	<b>14.623,3</b>	<b>2,3</b>	<b>5,1</b>	<b>3.005</b>	<b>3.100</b>	<b>3,2</b>	<b>41.800,5</b>	<b>44.107,7</b>	<b>45.331,5</b>	<b>5,5</b>	<b>8,4</b>
MT	8.615,7	8.788,0	9.046,5	2,0	5,0	3.069	3.128	1,9	26.441,6	27.488,9	28.297,5	4,0	7,0
MS	2.120,0	2.236,6	2.279,0	5,5	7,5	2.900	2.974	2,6	6.148,0	6.651,6	6.777,7	8,2	10,2
GO	3.101,7	3.132,7	3.225,8	1,0	4,0	2.900	3.106	7,1	8.994,9	9.730,2	10.019,3	8,2	11,4
DF	72,0	72,0	72,0	-	-	3.000	3.291	9,7	216,0	237,0	237,0	9,7	9,7
<b>SUDESTE</b>	<b>1.989,9</b>	<b>2.042,0</b>	<b>2.124,3</b>	<b>2,6</b>	<b>6,8</b>	<b>2.520</b>	<b>2.971</b>	<b>17,9</b>	<b>5.015,3</b>	<b>6.065,1</b>	<b>6.311,0</b>	<b>20,9</b>	<b>25,8</b>
MG	1.238,2	1.275,3	1.312,5	3,0	6,0	2.687	2.933	9,2	3.327,0	3.740,5	3.849,6	12,4	15,7
SP	751,7	766,7	811,8	2,0	8,0	2.246	3.032	35,0	1.688,3	2.324,6	2.461,4	37,7	45,8
<b>SUL</b>	<b>10.492,7</b>	<b>10.682,3</b>	<b>10.847,5</b>	<b>1,8</b>	<b>3,4</b>	<b>2.792</b>	<b>2.615</b>	<b>(6,3)</b>	<b>29.292,8</b>	<b>27.945,4</b>	<b>28.365,0</b>	<b>(4,6)</b>	<b>(3,2)</b>
PR	5.010,4	5.035,5	5.085,6	0,5	1,5	2.950	2.905	(1,5)	14.780,7	14.628,1	14.773,7	(1,0)	-
SC	542,7	559,0	575,3	3,0	6,0	3.030	2.826	(6,7)	1.644,4	1.579,7	1.625,8	(3,9)	(1,1)
RS	4.939,6	5.087,8	5.186,6	3,0	5,0	2.605	2.307	(11,4)	12.867,7	11.737,6	11.965,5	(8,8)	(7,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.781,1</b>	<b>3.924,6</b>	<b>4.103,0</b>	<b>3,8</b>	<b>8,5</b>	<b>2.648</b>	<b>2.860</b>	<b>8,0</b>	<b>10.012,2</b>	<b>11.224,3</b>	<b>11.737,0</b>	<b>12,1</b>	<b>17,2</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>26.392,0</b>	<b>26.953,6</b>	<b>27.595,1</b>	<b>2,1</b>	<b>4,6</b>	<b>2.884</b>	<b>2.899</b>	<b>0,5</b>	<b>76.108,6</b>	<b>78.118,2</b>	<b>80.007,5</b>	<b>2,6</b>	<b>5,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>30.173,1</b>	<b>30.878,2</b>	<b>31.698,1</b>	<b>2,3</b>	<b>5,1</b>	<b>2.854</b>	<b>2.894</b>	<b>1,4</b>	<b>86.120,8</b>	<b>89.342,5</b>	<b>91.744,5</b>	<b>3,7</b>	<b>6,5</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

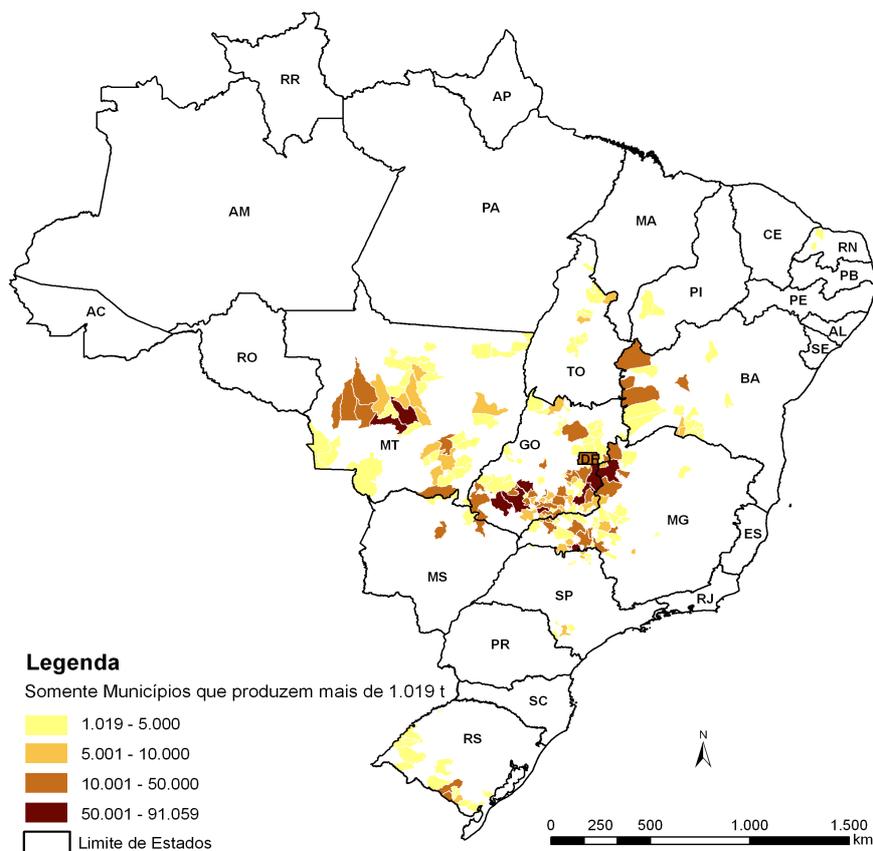
Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR								P	P			C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
<b>Nordeste</b>												
MA		P	P	P	C	C	C	C				
PI		P	P	P	C	C	C	C				
BA	P	P	P		C	C	C	C				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C					
<b>Sul</b>												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P	C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.  
Fonte: Conab.

### 9.1.9. Sorgo

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO			P	P	P	C	C	C				
<b>Nordeste</b>												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P			C	C	C			
<b>Centro-Oeste</b>												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
<b>Sudeste</b>												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
<b>Sul</b>												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
<b>NORTE</b>	<b>20,4</b>	<b>20,4</b>	<b>20,4</b>	-	-	<b>1.880</b>	<b>1.931</b>	<b>2,7</b>	<b>38,4</b>	<b>39,4</b>	<b>39,4</b>	<b>2,6</b>	<b>2,6</b>
TO	20,4	20,4	20,4	-	-	1.880	1.931	2,7	38,4	39,4	39,4	2,6	2,6
<b>NORDESTE</b>	<b>148,7</b>	<b>148,7</b>	<b>148,7</b>	-	-	<b>922</b>	<b>938</b>	<b>1,7</b>	<b>137,0</b>	<b>139,4</b>	<b>139,4</b>	<b>1,8</b>	<b>1,8</b>
PI	7,7	7,7	7,7	-	-	1.819	1.176	(35,3)	14,0	9,1	9,1	(35,0)	(35,0)
CE	0,7	0,7	0,7	-	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	1,0	(41,2)	(41,2)
RN	1,2	1,2	1,2	-	-	955	921	(3,6)	1,1	1,1	1,1	-	-
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	1.500	1.012	(32,5)	0,3	0,2	0,2	(33,3)	(33,3)
PE	1,8	1,8	1,8	-	-	560	820	46,4	1,0	1,5	1,5	50,0	50,0
BA	137,1	137,1	137,1	-	-	867	923	6,5	118,9	126,5	126,5	6,4	6,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>363,7</b>	<b>363,7</b>	<b>363,7</b>	-	-	<b>3.096</b>	<b>3.008</b>	<b>(2,8)</b>	<b>1.126,0</b>	<b>1.094,0</b>	<b>1.094,0</b>	<b>(2,8)</b>	<b>(2,8)</b>
MT	139,5	139,5	139,5	-	-	2.526	2.406	(4,8)	352,4	335,6	335,6	(4,8)	(4,8)
MS	9,1	9,1	9,1	-	-	3.300	2.894	(12,3)	30,0	26,3	26,3	(12,3)	(12,3)
GO	206,9	206,9	206,9	-	-	3.420	3.398	(0,6)	707,6	703,0	703,0	(0,7)	(0,7)
DF	8,2	8,2	8,2	-	-	4.392	3.551	(19,1)	36,0	29,1	29,1	(19,2)	(19,2)
<b>SUDESTE</b>	<b>183,0</b>	<b>183,0</b>	<b>183,0</b>	-	-	<b>3.003</b>	<b>2.990</b>	<b>(0,4)</b>	<b>549,6</b>	<b>547,1</b>	<b>547,1</b>	<b>(0,5)</b>	<b>(0,5)</b>
MG	170,2	170,2	170,2	-	-	2.974	2.975	0,1	506,1	506,3	506,3	-	-
SP	12,8	12,8	12,8	-	-	3.400	3.191	(6,1)	43,5	40,8	40,8	(6,2)	(6,2)
<b>SUL</b>	<b>15,2</b>	<b>15,2</b>	<b>15,2</b>	-	-	<b>2.645</b>	<b>2.249</b>	<b>(15,0)</b>	<b>40,2</b>	<b>34,2</b>	<b>34,2</b>	<b>(14,9)</b>	<b>(14,9)</b>
RS	15,2	15,2	15,2	-	-	2.645	2.249	(15,0)	40,2	34,2	34,2	(14,9)	(14,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>169,1</b>	<b>169,1</b>	<b>169,1</b>	-	-	<b>1.037</b>	<b>1.057</b>	<b>2,0</b>	<b>175,4</b>	<b>178,8</b>	<b>178,8</b>	<b>1,9</b>	<b>1,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>561,9</b>	<b>561,9</b>	<b>561,9</b>	-	-	<b>3.054</b>	<b>2.982</b>	<b>(2,3)</b>	<b>1.715,8</b>	<b>1.675,3</b>	<b>1.675,3</b>	<b>(2,4)</b>	<b>(2,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>731,0</b>	<b>731,0</b>	<b>731,0</b>	-	-	<b>2.587</b>	<b>2.537</b>	<b>(2,0)</b>	<b>1.891,2</b>	<b>1.854,1</b>	<b>1.854,1</b>	<b>(2,0)</b>	<b>(2,0)</b>

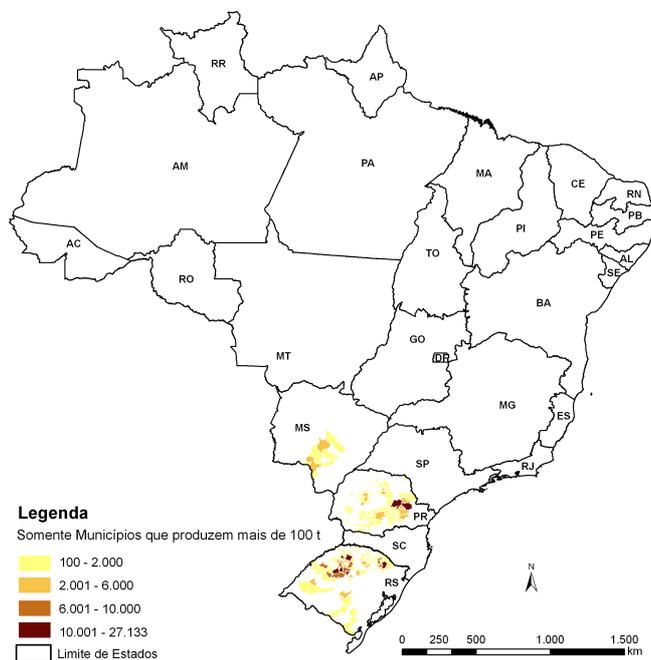
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

## 9.2. Culturas de inverno

### 9.2.1. Aveia

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 38 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 30 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Aveia</b>		- partes de todo estado do RS (FR/M)		

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.  
Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Centro-Oeste</b>												
MS						P	P	P		C	C	C
<b>Sul</b>												
PR	C						P	P	P	P	C	C
RS	C	C						P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

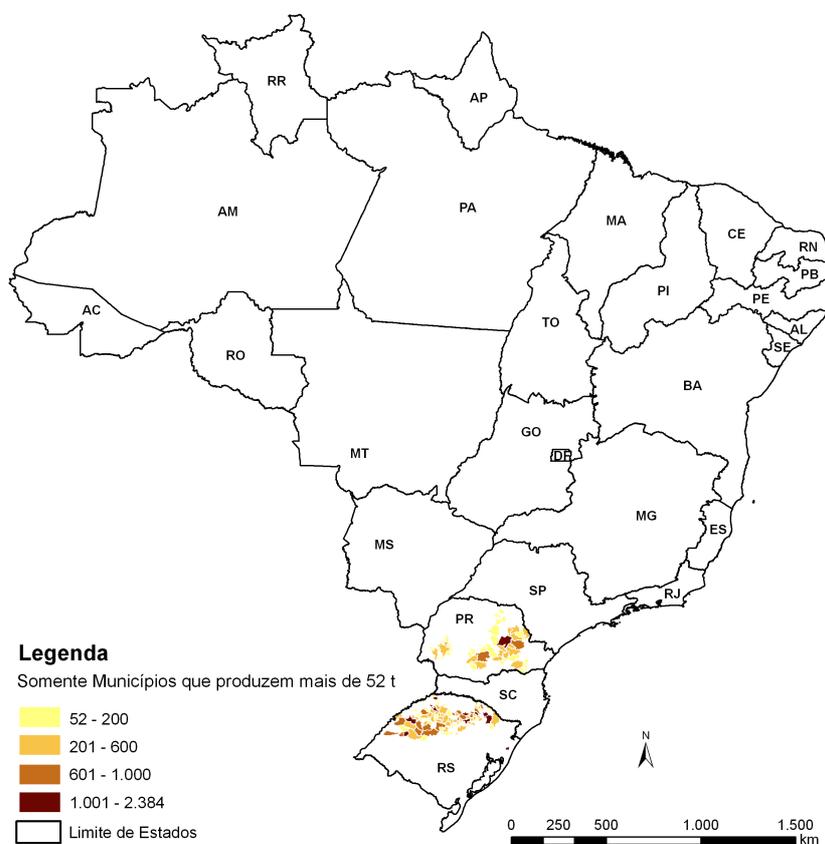
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	5,9	7,6	28,8	1.695	1.474	(13,0)	10,0	11,2	12,0
MS	5,9	7,6	28,8	1.694	1.470	(13,2)	10,0	11,2	12,0
<b>SUL</b>	164,2	136,4	(16,9)	2.362	2.293	(2,9)	387,9	312,7	(19,4)
PR	61,7	57,7	(6,5)	1.831	2.472	35,0	113,0	142,6	26,2
RS	102,5	78,7	(23,2)	2.682	2.162	(19,4)	274,9	170,1	(38,1)
<b>CENTRO-SUL</b>	170,1	144,0	(15,3)	2.339	2.249	(3,8)	397,9	323,9	(18,6)
<b>BRASIL</b>	170,1	144,0	(15,3)	2.339	2.249	(3,8)	397,9	323,9	(18,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

## 9.2.2. Canola

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C						P	P	P		C	C
SC	C						P	P	P		C	C
RS	C						P	P	P		C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

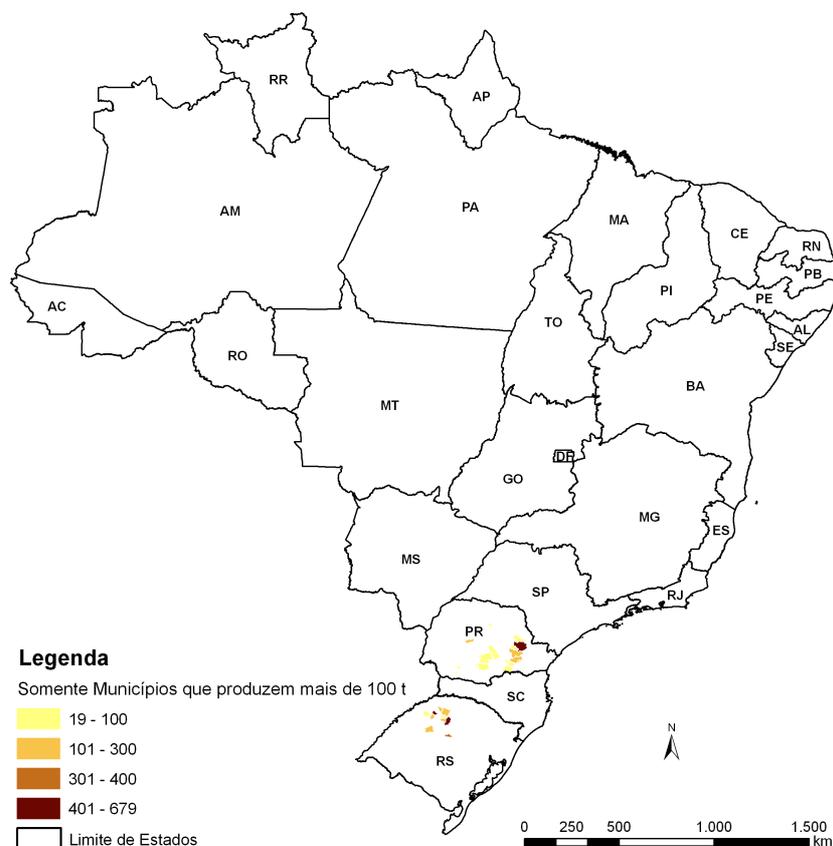
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	45,5	44,9	(1,3)	1.330	1.530	15,0	60,5	68,7	13,6
PR	15,2	5,9	(61,5)	813	1.729	112,7	12,4	10,2	(17,7)
RS	30,3	39,0	28,7	1.587	1.500	(5,5)	48,1	58,5	21,6
CENTRO-SUL	45,5	44,9	(1,3)	1.330	1.530	15,0	60,5	68,7	13,6
BRASIL	45,5	44,9	(1,3)	1.330	1.530	15,0	60,5	68,7	13,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.2.3. Centeio

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR				C	C						P	P
RS			C	C						P	P	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

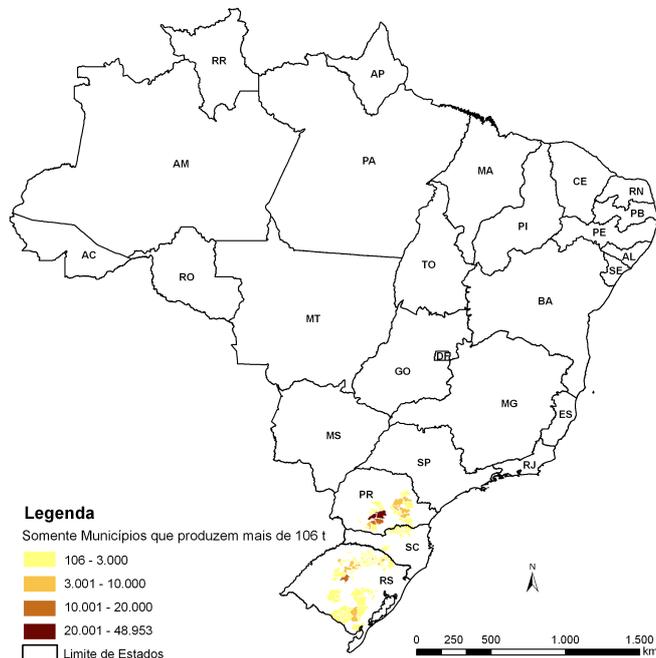
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,5	1,8	20,0	1.800	1.944	8,0	2,7	3,5	29,6
PR	1,0	1,3	30,0	1.904	2.110	10,8	1,9	2,7	42,1
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.500	-	0,8	0,8	-
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1,5</b>	<b>1,8</b>	<b>20,0</b>	<b>1.800</b>	<b>1.944</b>	<b>8,0</b>	<b>2,7</b>	<b>3,5</b>	<b>29,6</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1,5</b>	<b>1,8</b>	<b>20,0</b>	<b>1.800</b>	<b>1.944</b>	<b>8,0</b>	<b>2,7</b>	<b>3,5</b>	<b>29,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

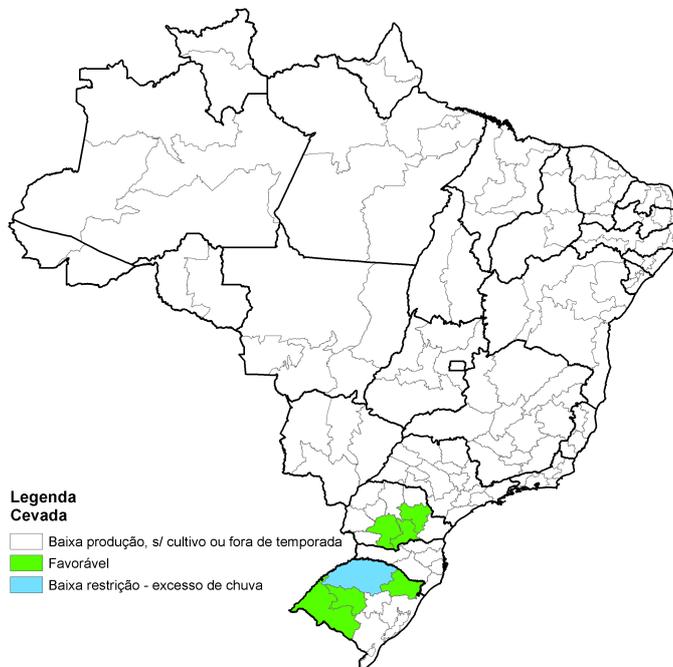
## 9.2.4. Cevada

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 42 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 34 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada		- partes de todo estado do RS (FR/M)	- sul do PR (M/C)	

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C						P	P	P		
SC		C							P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,9	117,1	13,8	3.510	3.160	(10,0)	361,2	370,1	2,5
PR	43,7	53,2	21,8	4.157	4.063	(2,3)	181,7	216,2	19,0
SC	1,8	0,9	(50,0)	3.300	3.000	(9,1)	5,9	2,7	(54,2)
RS	57,4	63,0	9,7	3.024	2.400	(20,6)	173,6	151,2	(12,9)
CENTRO-SUL	102,9	117,1	13,8	3.510	3.160	(10,0)	361,2	370,1	2,5
BRASIL	102,9	117,1	13,8	3.510	3.160	(10,0)	361,2	370,1	2,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.2.5. Trigo

A previsão para a safra brasileira é de que a área tenha um aumento de 22,9% em relação a 2013, o que corresponde a 506,3 mil hectares, alcançando 2.716,1 mil hectares. O aumento para essa safra teve relação com a demanda que, assim como na safra anterior, continua aquecida, visto que o país é um grande importador. A produção do país nas últimas seis safras têm sido, em média, 5,7 milhões de toneladas, enquanto o nosso consumo chega a 10,7 milhões de toneladas. Nesta safra, apesar da expectativa de produção de 7 milhões de toneladas, a demanda deve chegar a 12,2 milhões de toneladas, ou seja, ainda que esta produção se consolide, ainda será necessário importar 5,5 milhões de toneladas.

A área semeada com trigo no Rio Grande do Sul ficou em 1.140,5 mil hectares, com crescimento de 9,8% em relação à safra anterior. O aumento de área aconteceu porque no período de planejamento da lavoura o trigo tinha bom preço, tanto no mercado interno como também o trigo importado apresentava paridade favorável à produção brasileira.

O cultivo do trigo em 2014 foi tumultuado durante todo seu ciclo. No estabelecimento da lavoura, o excesso de umidade não permitiu a semeadura dentro da janela recomendada, desde a Fronteira Oeste até a região nordeste do estado, passando pelas Missões, noroeste e centro do estado. Apenas em parte da região nordeste e norte os produtores conseguiram semear dentro do período recomendado. Vale salientar que nestas últimas, a semeadura é realizada um mês depois do início na Fronteira Oeste.

Durante o desenvolvimento da cultura, vários fatores adversos influenciaram para que o resultado final fosse frustrante para a maioria dos produtores – geadas, chuvas torrenciais, enxurradas, falta de luminosidade, calor excessivo, ataque de doenças em geral, granizo, acamamento – o resultado foi baixa produtividade de um produto sem qualidade e alguns lotes com baixo padrão. A exceção, até o momento do levantamento, é a lavoura semeada dentro do período ideal, situada na região norte e adjacências que ainda apresenta bom aspecto e perspectiva de produção normal. A colheita destas áreas será entre o final de novembro e o início de dezembro.

A colheita teve início na primeira quinzena de outubro na região das Missões quando foram colhidas as primeiras lavouras semeadas no estado. Foi esta parcela, que até o momento teve o melhor resultado tanto de produtividade como de qualidade com PH superior a 78. As lavouras colhidas na sequência acusaram os resultados negativos dos fatores adversos já citados. A produtividade, que inicialmente estava prevista em 2.700 kg/ha, foi reduzida para 2.190 kg/ha e com produto de pouca qualidade, percentual significativo de trigulho e grãos sem valor comercial. Dentro deste quadro, a produção gaúcha de trigo deverá ficar em 2.497,7 mil toneladas, 23,3% menor que a previsão inicial, e 21,4% inferior à safra 2013, sendo que a produtividade deve continuar a sofrer ajuste conforme avança a colheita, atualmente em torno de 43,8%. Cerca de 52,9% da área restante está em maturação e 3,3% em frutificação/granação.

Em consequência das perdas de produtividade, praticamente todos os produtores estão recorrendo ao Proagro e ao seguro agrícola (aqueles que se utilizaram desta salvaguarda). O percentual de adesão ao Proagro já passou de 90% dos produtores. A comercialização do trigo no estado está praticamente parada. Apenas nos municípios de Bagé, Frederico Westphalen, Palmeira das Missões e São Luiz Gonzaga o comércio está ativo.

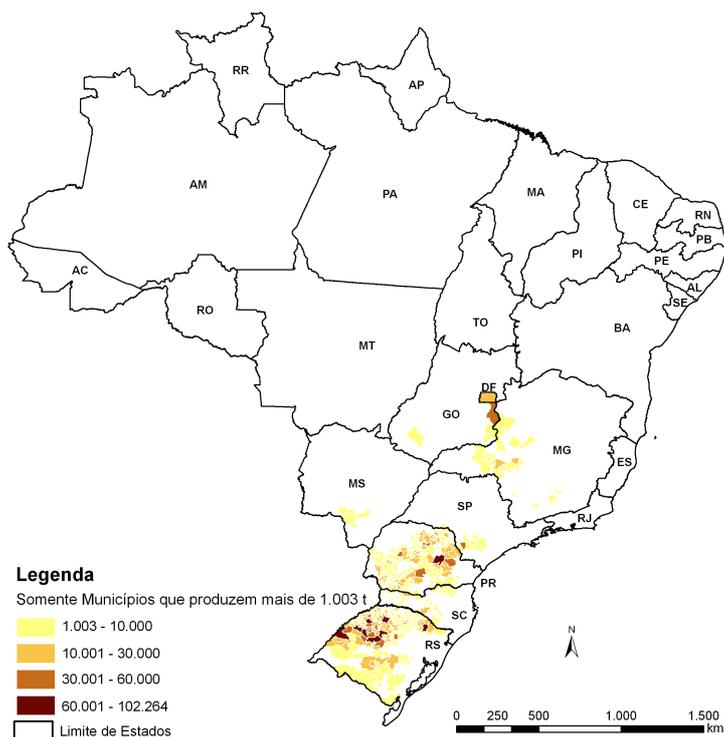
Outro fator preocupante é quanto à utilização dos subprodutos da colheita (trigulho, farelo, ponta de espiga) para a ração animal. Os preços são bastante acessíveis, mas, devido à quantidade de toxinas nas sementes, só está permitido o uso destes subprodutos na ração de terminação, sob pena de intoxicar todo o rebanho com o uso mais prolongado de ração composta por estes resíduos.

No Paraná a cultura deve ocupar uma área de 1.356,2 mil hectares, representando um incremento de 36,6% em relação à safra anterior, sendo que a semeadura foi concluída em julho e a colheita atingiu 77% da área total. O restante da área atravessa as fases de frutificação (26%) e maturação (74%).

Houve uma redução na expectativa de produtividade em relação ao levantamento passado, pois a cultura teve problemas no final do ciclo em razão de chuvas ocorridas entre a última quinzena de setembro e primeira semana de outubro, coincidindo com o período de colheita. Houve ocorrência de doenças (bacterioses e brusone), além de grãos brotados. Do produto colhido, parte dele apresenta baixos valores de PH (abaixo de 78), W e Falling number e não terão condições satisfatórias para comercialização, tendo como provável destino as fábricas de ração e cola.

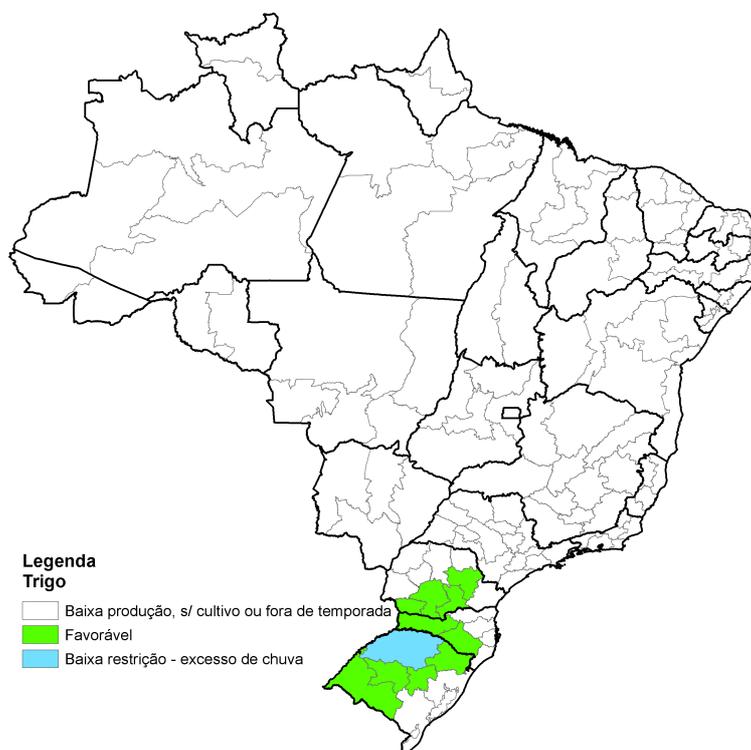
Ainda assim a produtividade do estado deve alcançar 2.854 kg/ha nesta safra, ante 1.856 kg/ha na safra 2013. A lavoura foi duramente castigada em função das geadas e excesso de chuvas em junho de 2013, que promoveu o aparecimento de doenças fúngicas, comprometendo a produtividade, o que explica esse incremento de 53,8% na produtividade da safra 2014 em relação à safra 2013. A produção, que foi de 1.842,6 mil toneladas em 2013, ainda assim deve apresentar um aumento de 110,1%, estimada nesta safra em 3.870,6 mil toneladas.

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 44 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em outubro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 36 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\* em outubro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo		- partes de todo estado do RS (FR/M)	- oeste e sul de SC (M/C) - sul do PR (M/C)	

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

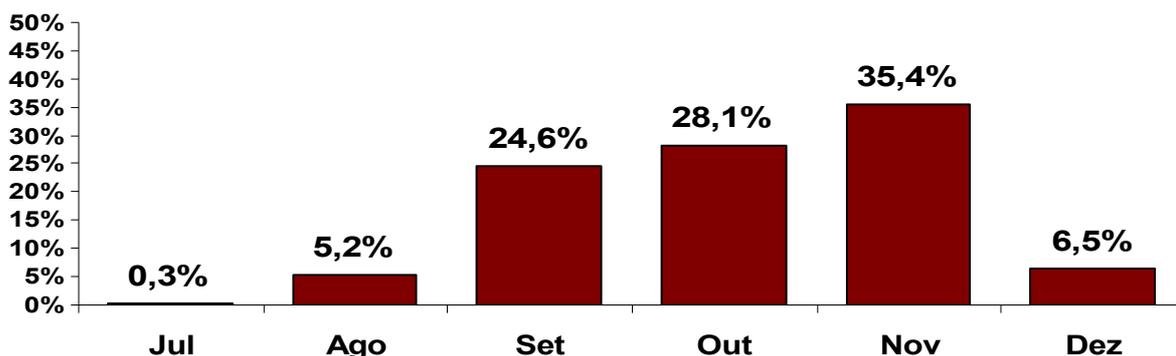
Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Centro-Oeste</b>												
MS							P	P	P	C	C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
<b>Sudeste</b>												
MG	C				P	P	P	P	P		C	C
SP	C						P	P	P		C	C
<b>Sul</b>												
PR	C	C					P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Gráfico 41 – Distribuição mensal da colheita – Trigo



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, as chuvas ocorridas nos últimos dias de setembro atingiram boa parte das lavouras em estágio de floração, resultando no surgimento de algumas doenças, as quais se manifestaram no decorrer do ciclo da cultura, principalmente as associadas aos órgãos reprodutivos, como é o caso da giberela, que deve afetar a qualidade dos grãos a serem colhidos. Doenças foliares também foram registradas, necessitando aplicações de defensivos para controle do patógeno e manutenção da área foliar.

Atualmente, com boa parte das lavouras em estágio de maturação e formação de grãos, os baixos volumes de chuva estão contribuindo para a manutenção das condições sanitárias das plantas mais jovens e da qualidade dos grãos das mais adiantadas, evitando que patógenos sejam disseminados para outras áreas.

Em torno de 55% das lavouras encontram-se em maturação, e boa parte delas devem ser colhidas nas primeiras semanas de novembro, finalizando em início de dezembro nas áreas mais altas do Planalto Serrano. Do restante das áreas, 4,7% está em floração,

35,5% em frutificação, 4,8% em granação. A colheita atingiu apenas 4,3% da área até o momento. Espera-se que as condições climáticas se apresentem estáveis nas próximas semanas, evitando chuvas em excesso que, ao mesmo tempo em que prejudicariam o avanço do plantio das culturas de verão, resultaria em perda de qualidade dos grãos de trigo.

Em Minas Gerais, o cultivo de trigo apresentou um crescimento de 59,9% na presente safra, motivado pelos bons preços de comercialização à época do plantio e também por constituir uma boa alternativa de aproveitamento do solo no período de inverno, devido às baixas temperaturas registradas nesta época do ano, muitas vezes restritivas para o plantio de outras culturas, passando de 36,2 mil hectares para 57,9 mil hectares.

Os efeitos da estiagem nas fases de desenvolvimento vegetativo e enchimento dos grãos se refletem no rendimento das lavouras, estimado em 3.030 kg/ha, imputando uma queda de 8,4% na produtividade média, tendo afetado não só as lavouras de sequeiro, mas também as lavouras implantadas sob pivô, que sofreram restrições nos níveis de irrigação, em razão da escassez de água. Houve, ainda, casos pontuais de lavouras com perda qualitativa no PH dos grãos, devido à ocorrência de chuvas na colheita.

Estima-se uma produção de 175,4 mil toneladas, 46,4% superior à safra 2013, ressaltando-se que estes dados estão sujeitos a reavaliação no próximo levantamento, quando já deverão estar disponíveis informações referentes ao fechamento da colheita, que se encerra ainda em outubro.

Em São Paulo, a produção é insuficiente para atender toda a demanda oriunda dos moinhos paulista, sendo necessária a importação de outras regiões ou países para complementar esse abastecimento. Os preços do trigo vêm se mantendo muito abaixo daquilo que os produtores esperavam. As condições climáticas adversas também impactaram negativamente a produtividade dessa cultura mas, assim como ocorreu no Paraná, a produtividade esperada ainda é superior à safra passada, devendo alcançar 2.404 kg/ha, 37,4% maior do que a safra 2013 que foi de 1.749 kg/ha. Com área de 62,5 mil hectares, a produção do estado deve alcançar 150,3 mil toneladas.

No Centro-Oeste a colheita se encerrou em setembro, sendo que a região produziu 84,9 mil toneladas, 42,4% a mais do que a safra 2013, numa área de 23,3 mil toneladas.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>17,6</b>	<b>23,3</b>	<b>32,4</b>	<b>3.386</b>	<b>3.644</b>	<b>7,6</b>	<b>59,6</b>	<b>84,9</b>	<b>42,4</b>
MS	8,5	12,0	41,2	900	2.000	122,2	7,7	24,0	211,7
GO	7,3	9,9	35,6	5.390	5.397	0,1	39,3	53,4	35,9
DF	1,8	1,4	(22,2)	7.000	5.326	(23,9)	12,6	7,5	(40,5)
<b>SUDESTE</b>	<b>88,1</b>	<b>120,4</b>	<b>36,7</b>	<b>2.390</b>	<b>2.705</b>	<b>13,2</b>	<b>210,6</b>	<b>325,7</b>	<b>54,7</b>
MG	36,2	57,9	59,9	3.309	3.030	(8,4)	119,8	175,4	46,4
SP	51,9	62,5	20,5	1.749	2.404	37,4	90,8	150,3	65,5
<b>SUL</b>	<b>2.104,1</b>	<b>2.572,4</b>	<b>22,3</b>	<b>2.499</b>	<b>2.564</b>	<b>2,6</b>	<b>5.257,7</b>	<b>6.595,4</b>	<b>25,4</b>
PR	992,8	1.356,2	36,6	1.856	2.854	53,8	1.842,6	3.870,6	110,1
SC	72,6	75,7	4,3	3.260	3.000	(8,0)	236,7	227,1	(4,1)
RS	1.038,7	1.140,5	9,8	3.060	2.190	(28,4)	3.178,4	2.497,7	(21,4)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2.209,8</b>	<b>2.716,1</b>	<b>22,9</b>	<b>2.502</b>	<b>2.579</b>	<b>3,1</b>	<b>5.527,9</b>	<b>7.006,0</b>	<b>26,7</b>
<b>BRASIL</b>	<b>2.209,8</b>	<b>2.716,1</b>	<b>22,9</b>	<b>2.502</b>	<b>2.579</b>	<b>3,1</b>	<b>5.527,9</b>	<b>7.006,0</b>	<b>26,7</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

### 9.2.5.1. Oferta e demanda

A Conab anunciou o resultado do novo levantamento de safra de trigo que registrou um decréscimo de 8,7% em relação à estimativa do mês anterior, passando de 7.673,6 para 7.006 mil toneladas, recuo de 667,6 mil toneladas, devido a problemas climáticos, principalmente, no Rio Grande do Sul.

A estimativa de moagem industrial está avaliada em 11,8 milhões de toneladas, ou seja, 5,3% acima da moagem de 2013. Dessa forma, o consumo de trigo em grão no país, medido pelo processamento industrial, é de 983 mil toneladas/mês.

Quanto às importações estimam-se que deverão ser 9% maiores em relação à previsão anterior, evoluindo para 6 milhões de toneladas devido à quebra da safra em volume e qualidade no Rio Grande do Sul, contra 6,64 e 7,01 milhões de toneladas em 2013 e 2012, respectivamente. A qualidade da safra nacional será decisiva para se ter esse volume de importações esperado para 2014/15.

Em situação oposta, as exportações estão estimadas em menor volume devido aos sérios problemas climáticos que continuam afetar a qualidade da safra riograndense do sul. A pouca disponibilidade de trigo Pão nesse estado resultará em negociações para exportação de trigo para ração, como está acontecendo no momento com destino a Tailândia no sudeste asiático.

Para uso como sementes foram estimados 404,7 mil toneladas, restando um estoque de passagem de 1,18 milhão de toneladas, 20% acima do volume requerido para um mês de consumo industrial avaliado em 983 mil toneladas. Dessa forma, a demanda nacional por trigo em grão será de 12,2 milhões de toneladas, 5,8% maior que em 2013.

Tabela 38 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil

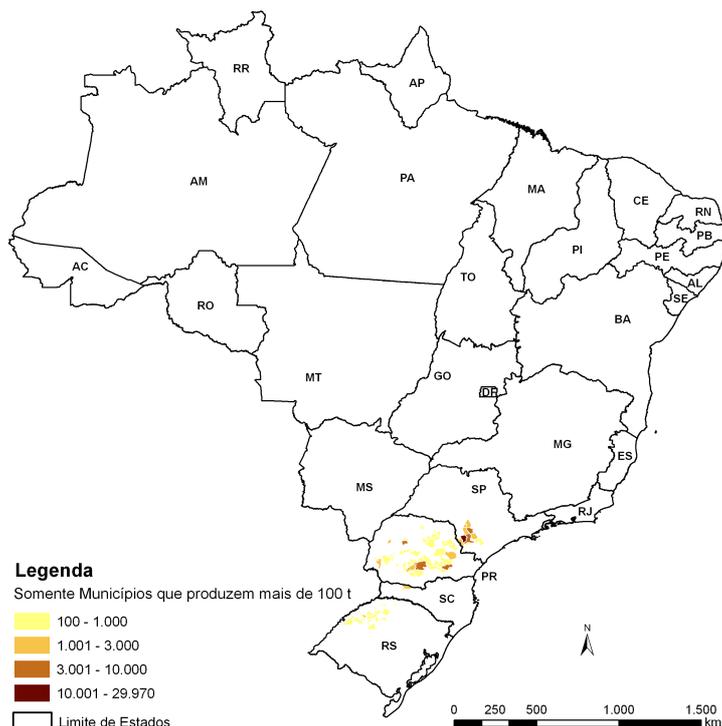
Período: agosto-julho						(mil toneladas)			
SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPOR- TAÇÃO GRÃOS	SUPRI- MENTO	EXPOR- TAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES	TOTAL	
2010/11	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	2.515,9	9.920,0	322,0	10.242,0	1.766,1
2011/12	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	1.901,0	10.120,0	324,9	10.444,9	1.220,6
2012/13	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	1.683,8	10.300,0	284,3	10.584,3	342,2
2013/14	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	47,4	11.200,0	331,4	11.531,4	933,6
2014/15 (1)	933,6	7.006,0	6.000,0	13.939,6	550,0	11.800,0	404,7	12.204,7	1.184,9

Fonte: Conab, MDIC, Abtrigo  
(1) Estimativa

10/11/2014

## 9.2.6. Triticale

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR		C	C				P	P	P	P		C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUDESTE</b>	<b>20,0</b>	<b>20,0</b>	<b>-</b>	<b>2.760</b>	<b>2.400</b>	<b>(13,0)</b>	<b>55,2</b>	<b>48,0</b>	<b>(13,0)</b>
SP	20,0	20,0	-	2.762	2.400	(13,1)	55,2	48,0	(13,0)
<b>SUL</b>	<b>22,8</b>	<b>19,5</b>	<b>(14,5)</b>	<b>2.175</b>	<b>2.569</b>	<b>18,1</b>	<b>49,6</b>	<b>50,1</b>	<b>1,0</b>
PR	16,9	13,2	(21,9)	2.200	2.806	27,5	37,2	37,0	(0,5)
SC	0,7	0,6	(14,3)	2.710	2.600	(4,1)	1,9	1,6	(15,8)
RS	5,2	5,7	10,2	2.015	2.015	-	10,5	11,5	9,5
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>42,8</b>	<b>39,5</b>	<b>(7,7)</b>	<b>2.449</b>	<b>2.484</b>	<b>1,4</b>	<b>104,8</b>	<b>98,1</b>	<b>(6,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>42,8</b>	<b>39,5</b>	<b>(7,7)</b>	<b>2.449</b>	<b>2.484</b>	<b>1,4</b>	<b>104,8</b>	<b>98,1</b>	<b>(6,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

## 10. Balanço de oferta e demanda

Tabela 40 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

Em 1.000 toneladas								
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	35,5	2.074,6	850,0	705,0	519,6
	2014/15	519,6	1.607,1	18,0	2.144,7	850,0	700,0	594,7
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.161,7	1.000,0	14.243,8	12.000,0	1.200,0	1.043,8
	2014/15	1.043,8	12.505,7	1.000,0	14.549,5	12.000,0	1.200,0	1.349,5
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.444,1	100,0	3.673,3	3.350,0	45,0	278,3
	2014/15	278,3	3.176,1	100,0	3.554,4	3.350,0	45,0	159,4
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.505,7	911,4	87.931,3	53.498,3	26.174,1	8.258,9
	2013/14	8.258,9	79.905,5	500,0	88.664,4	53.905,6	19.500,0	15.258,8
	2014/15	15.258,8	78.125,7	300,0	93.684,5	55.000,0	20.000,0	18.684,5
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.524,0	42.791,9	910,3
	2013/14	910,3	86.120,8	889,0	87.920,1	39.935,8	46.565,0	1.419,3
	2014/15	1.419,3	90.543,5	250,0	92.212,8	42.200,0	48.000,0	2.012,8
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.100,0	13.579,4	1.536,4
	2014/15	1.536,4	30.030,0	1,0	31.567,4	14.800,0	14.000,0	2.767,4
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	1,0	7.421,4	5.500,0	1.373,5	547,9
	2014/15	547,9	7.605,0	1,0	8.153,9	6.500,0	1.350,0	303,9
TRIGO	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	11.531,4	47,4	933,6
	2014	933,6	7.006,0	6.000,0	13.939,6	12.204,7	550,0	1.184,9

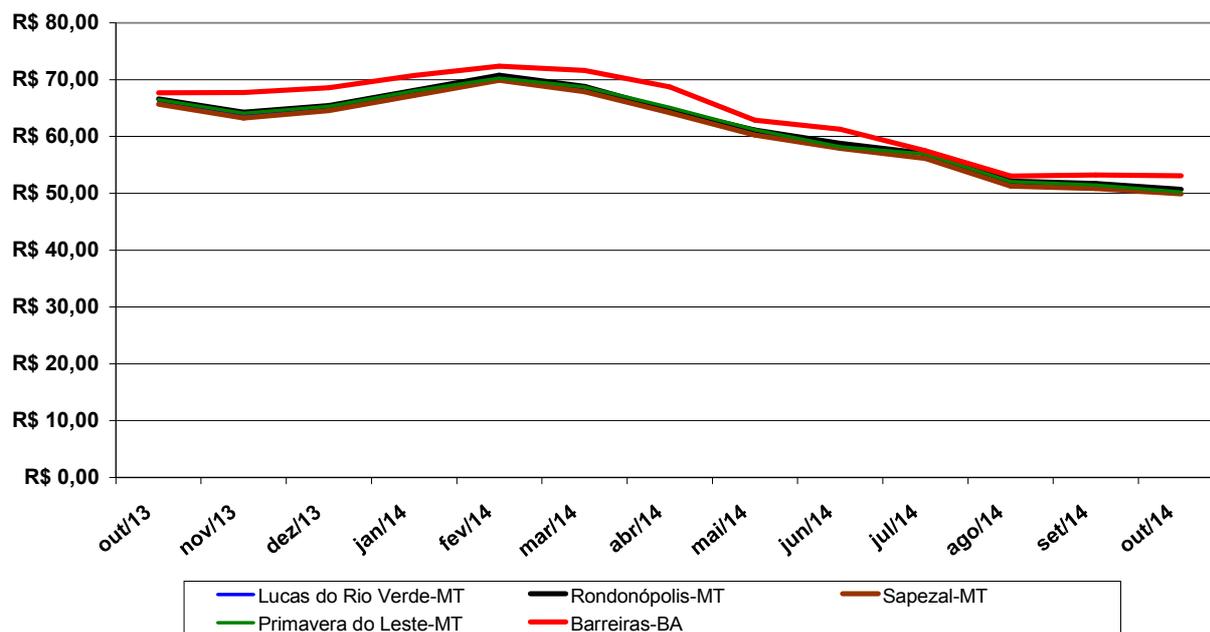
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2014.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

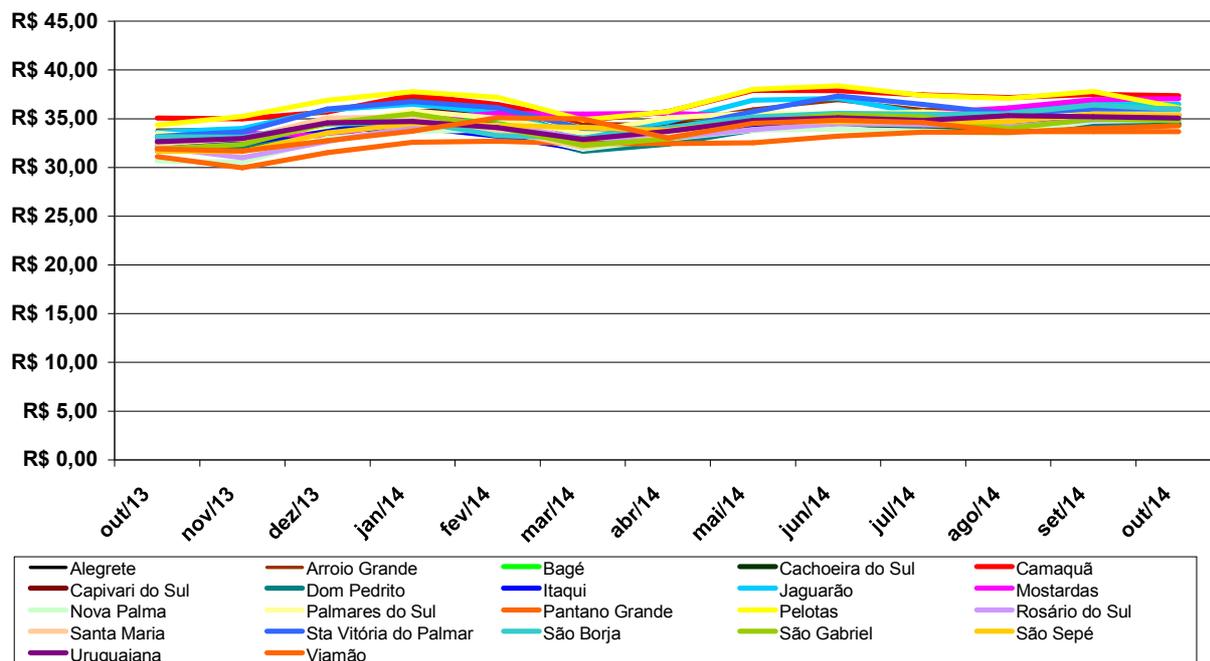
## 11. Anexos

Gráfico 42 – Preço de algodão em pluma (15 Kg) – Mato Grosso e Bahia



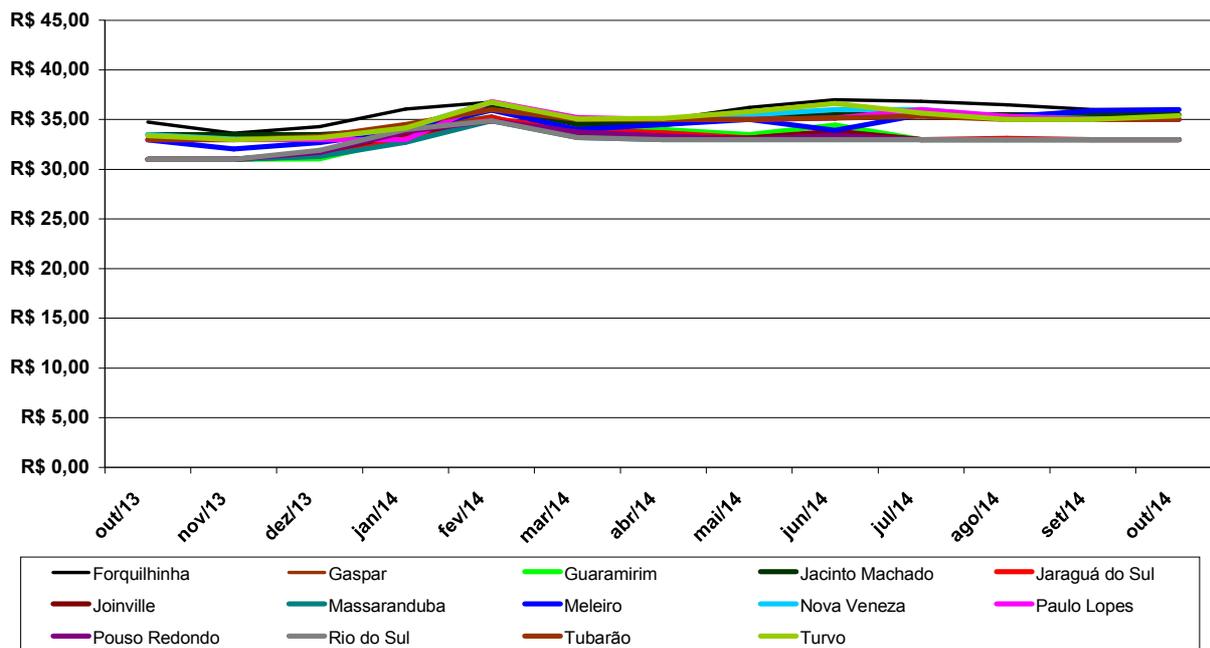
Fonte: Conab.

Gráfico 43 – Preço de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Rio Grande do Sul



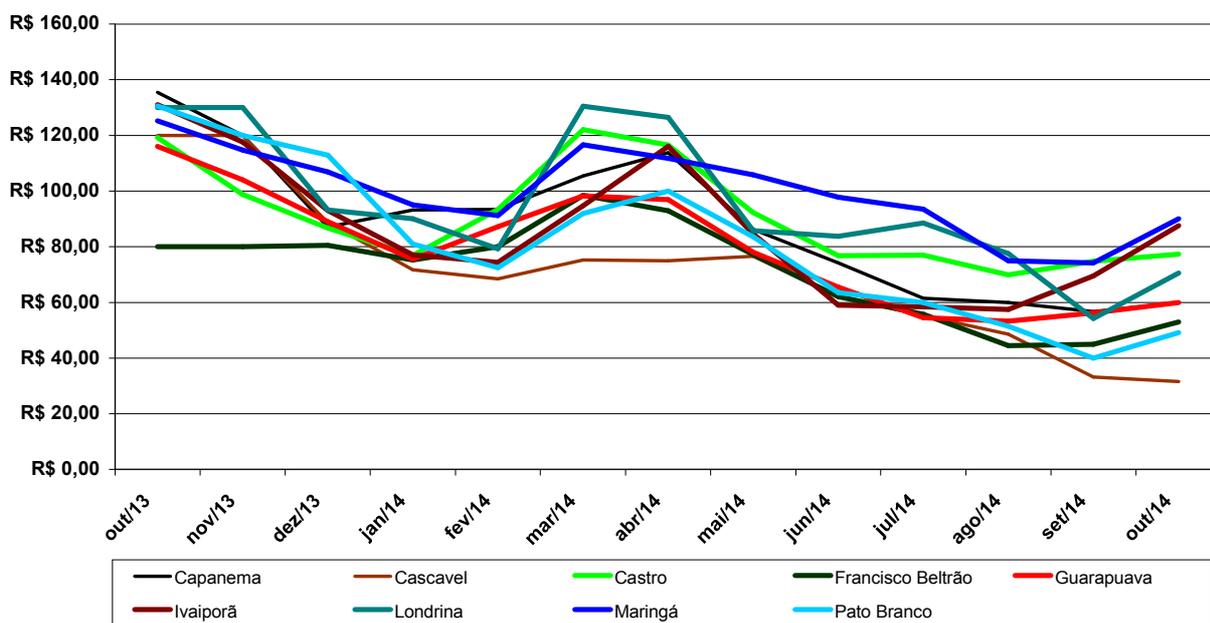
Fonte: Conab.

Gráfico 44 - Preço de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina



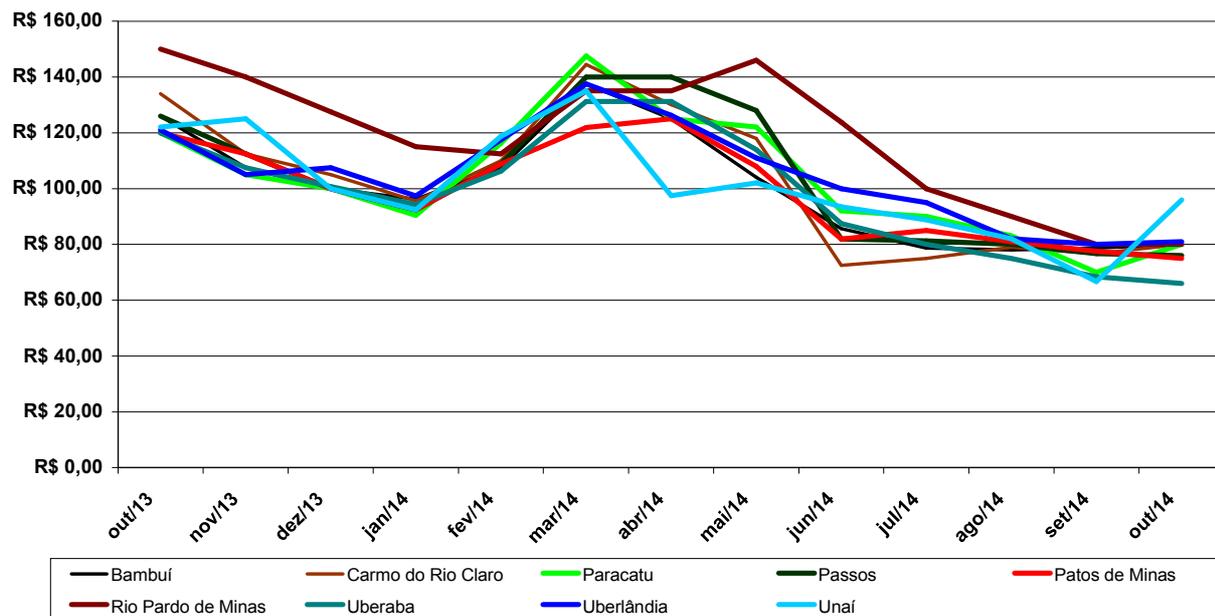
Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Preço de feijão cores (60 Kg) – Paraná



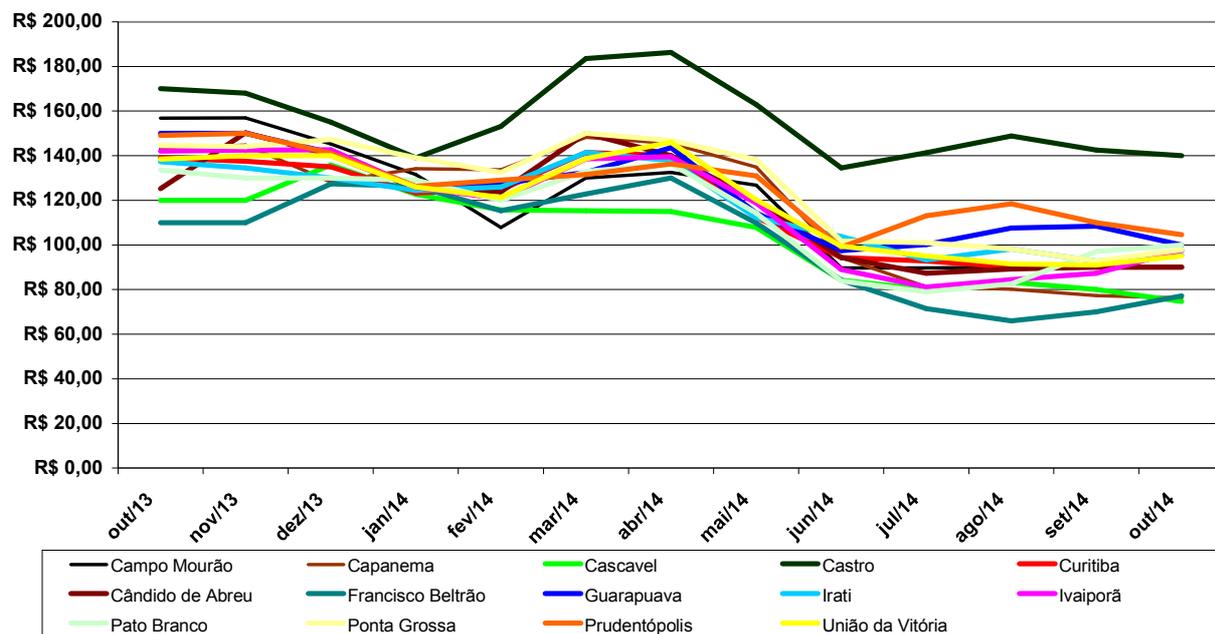
Fonte: Conab.

Gráfico 46 – Preço de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais



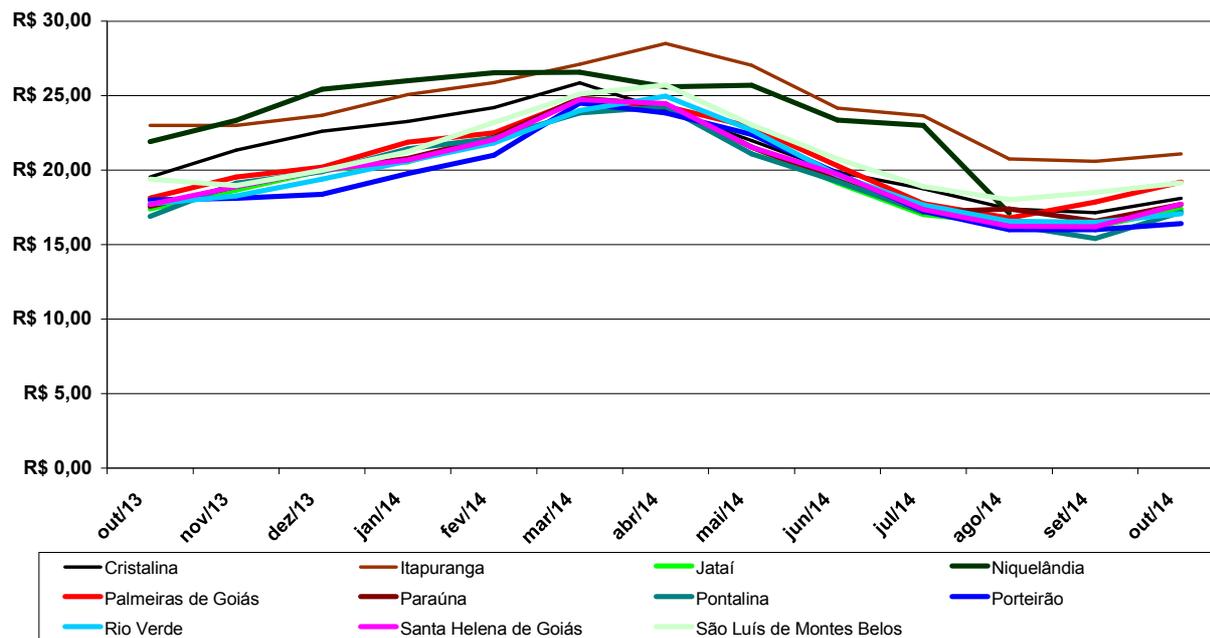
Fonte: Conab.

Gráfico 47 – Preço de feijão preto (60 Kg) – Paraná



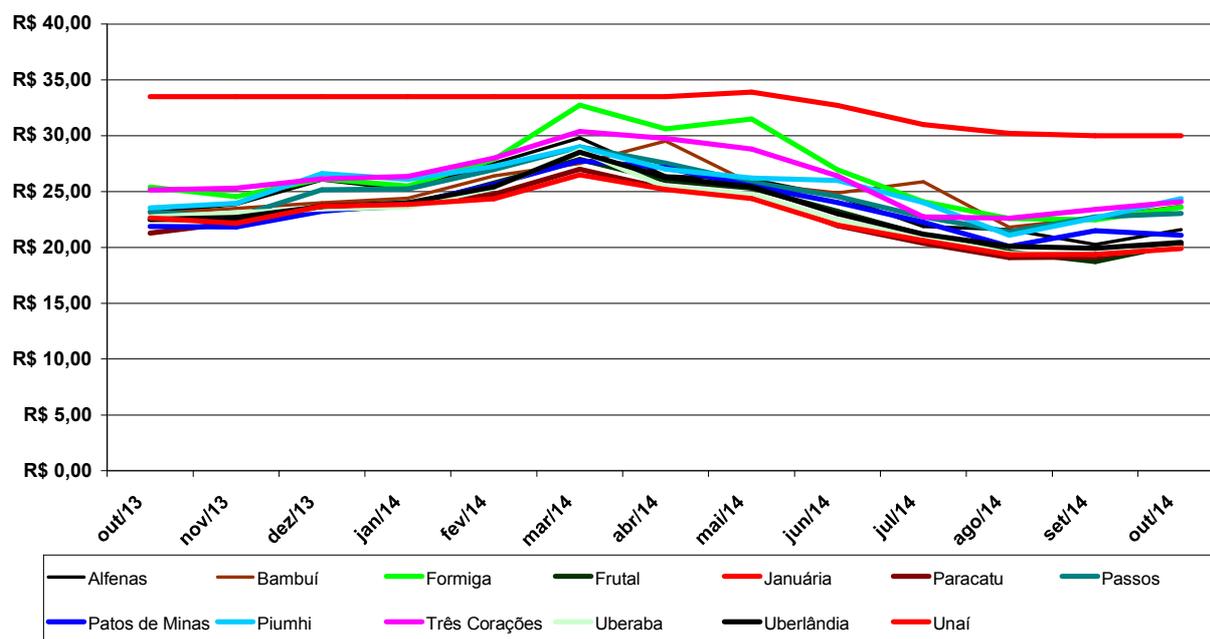
Fonte: Conab.

Gráfico 48 – Preço de milho (60 Kg) – Goiás



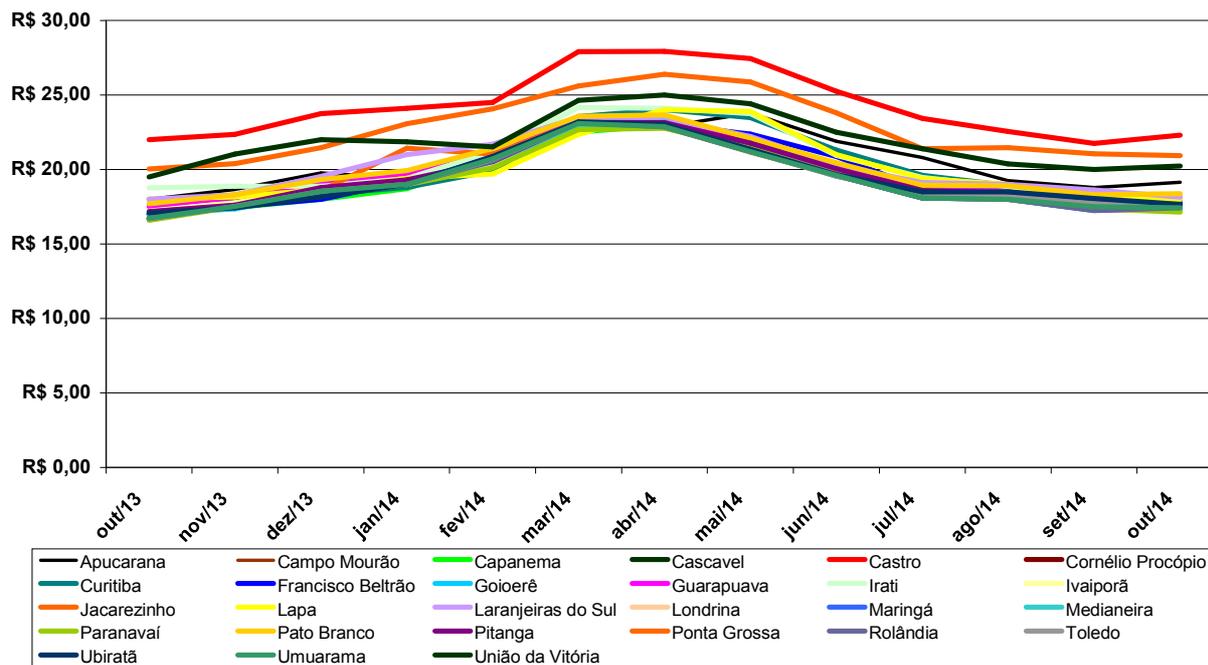
Fonte: Conab.

Gráfico 49 – Preço de milho (60 Kg) – Minas Gerais



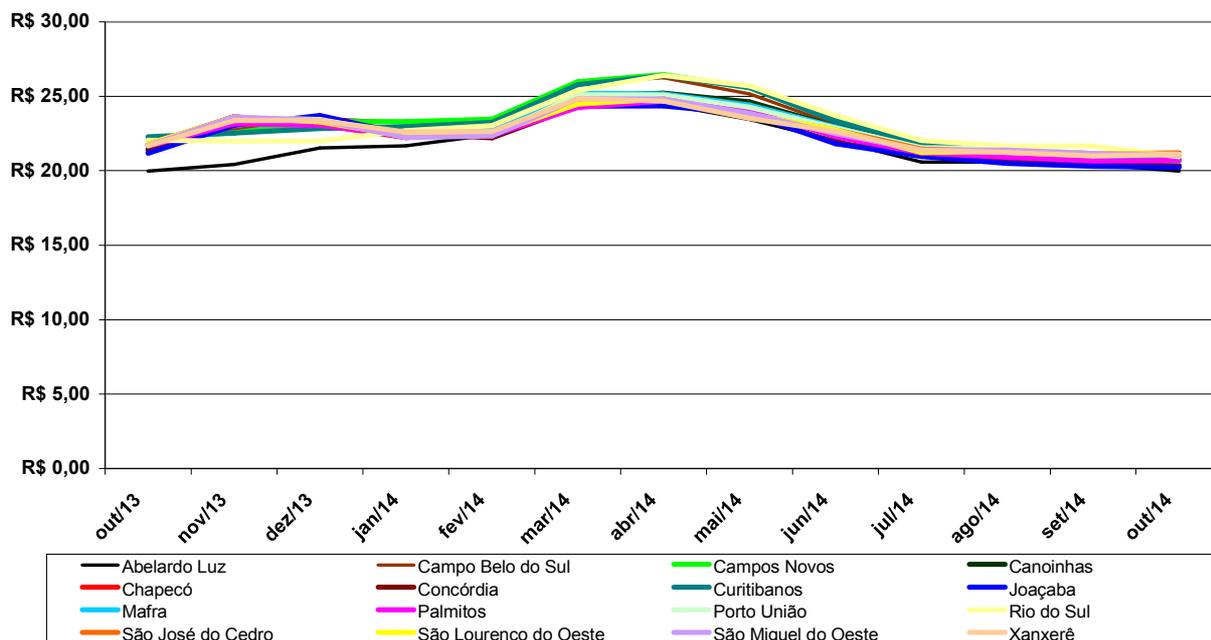
Fonte: Conab.

Gráfico 50 – Preço de milho (60 Kg) – Paraná



Fonte: Conab.

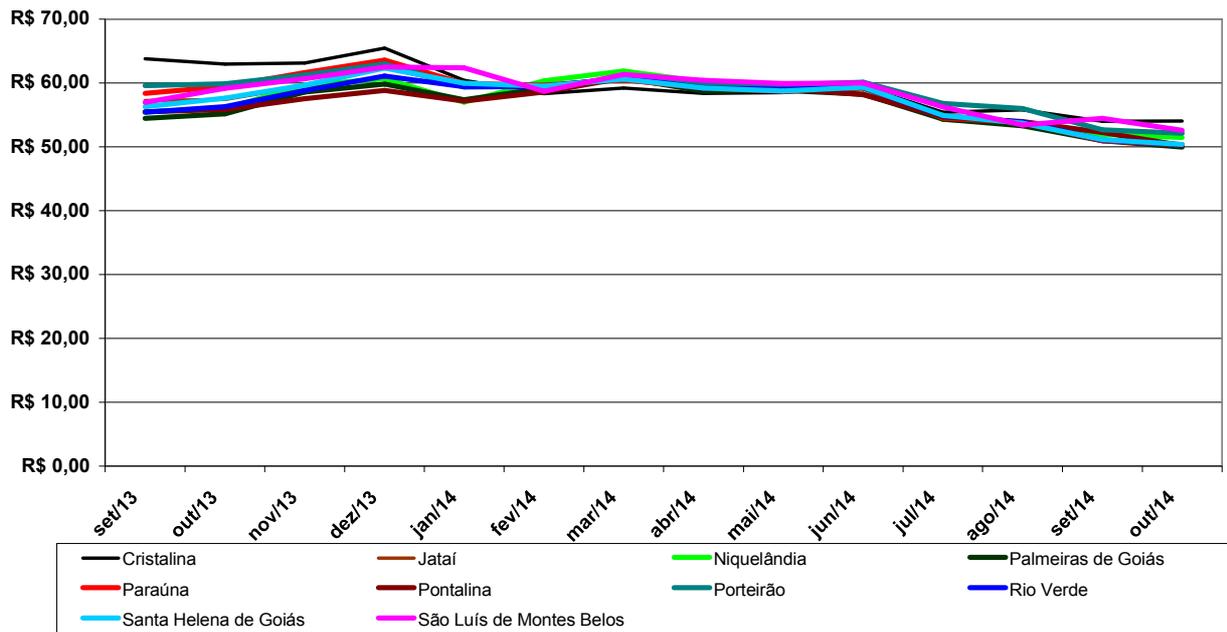
Gráfico 51 – Preço de milho (60 Kg) – Santa Catarina



Fonte: Conab.

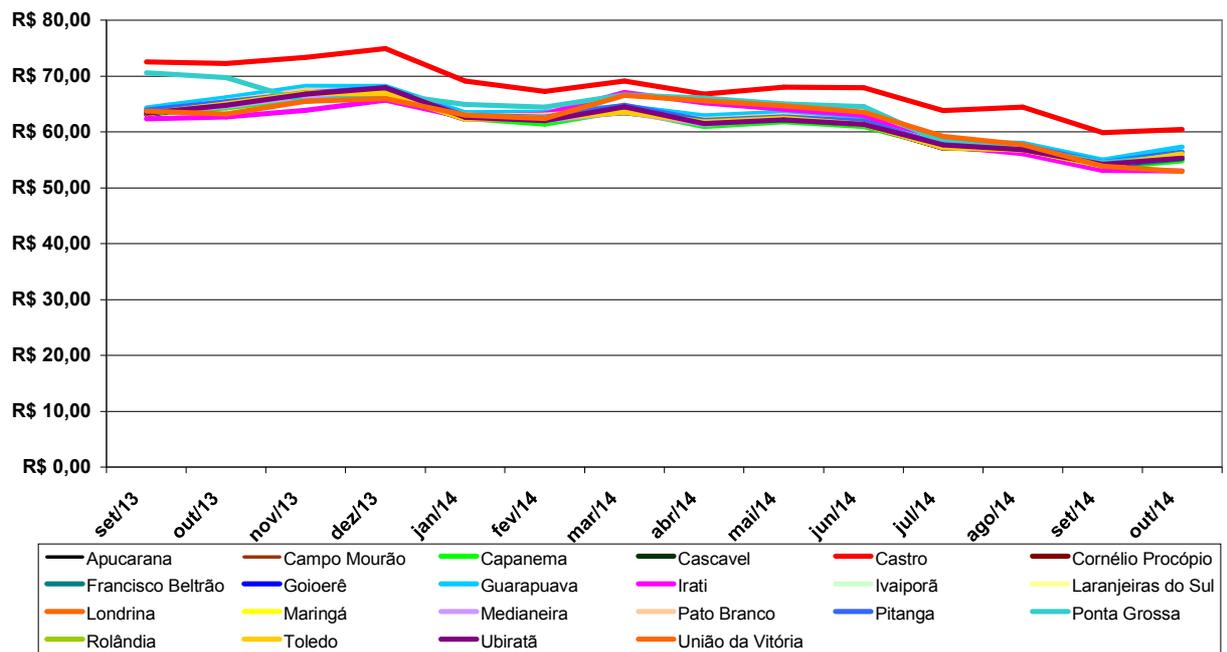


Gráfico 54 – Preço de soja (60 Kg) – Goiás



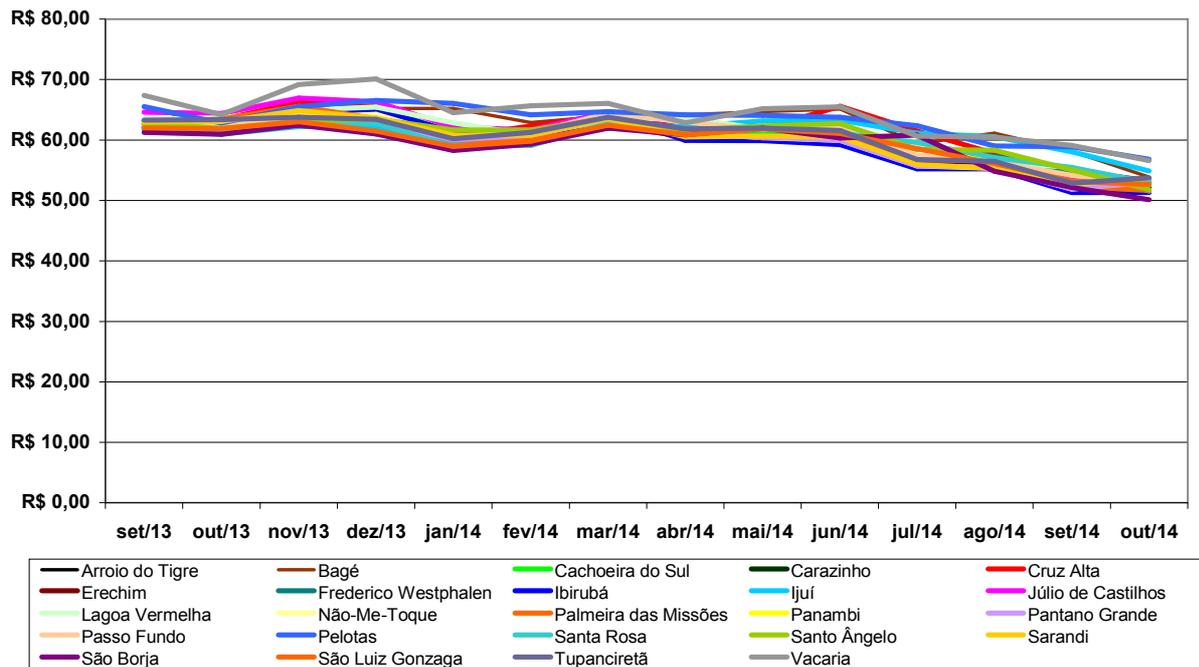
Fonte: Conab.

Gráfico 55 – Preço de soja (60 Kg) – Paraná



Fonte: Conab.

Gráfico 56 – Preço de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul



Fonte: Conab.

**SUREG AC**

Felomeno Gomes de Freitas  
Travessa do Icó, 180  
Estação Experimental  
69.901-180, Rio Branco (AC)  
Fone: (68) 3227-7959  
ac.sureg@conab.gov.br

**SUREG AL**

Elizeu José Rego  
Rua Senador Mendonça, 148  
Edifício Walmap, 8º e 9º andar  
57.020-030, Maceió (AL)  
Fone: (82) 3358-6145  
al.sureg@conab.gov.br

**SUREG AM**

Thomaz Antônio Periz da Silva  
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196  
Distrito Industrial  
69.075-830, Manaus (AM)  
Fone: (92) 3182-2404  
am.sureg@conab.gov.br

**SUREG AP**

Asdrúbal Silva de Oliveira  
Avenida Hamilton Silva, 1500  
Bairro Central  
68.900-068, Macapá (AP)  
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003  
ap.sureg@conab.gov.br

**SUREG BA/SE**

Rose Edna Mata Vianna Pondé  
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840  
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba  
41.821-900, Salvador (BA)  
Fone: (71) 3417-8630  
ba.sureg@conab.gov.br

**SUREG CE**

Francisco Agenor Pereira  
Rua Antônio Pompeu, 555  
Bairro José Bonifácio  
60.040-001, Fortaleza (CE)  
Fone: (85) 3252-1722  
ce.sureg@conab.gov.br

**SUREG DF**

Sebastião Pereira Gomes  
Setor Indústria e Abastecimento Sul  
Quadra 5  
71.200-000, Brasília (DF)  
Fone: (61) 3363-2502  
df.sureg@conab.gov.br

**SUREG ES**

Bricio Alves Santos Júnior  
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702  
Ed. Vitória Center, Centro  
29.010-904, Vitória (ES)  
Fone: (27) 3041-4005  
es.sureg@conab.gov.br

**SUREG GO**

Eurípedes Malaquias de Souza  
Avenida Meia Ponte, 2748  
Setor Santa Genoveva  
74.670-400, Goiânia (GO)  
Fone: (62) 3269-7400  
go.sureg@conab.gov.br

**SUREG MA**

Margareth de Cassia Oliveira Aquino  
Rua das Sabias, 4, Quadra 5  
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença  
65.071-750, São Luiz (MA)  
Fone: (98) 2109-1301  
ma.sureg@conab.gov.br

**SUREG MS**

Antônio Benedito Dota  
Avenida Mato Grosso, 1022  
Centro  
79.002-232, Campo Grande (MS)  
Fone: (67) 3383-4566  
ms.sureg@conab.gov.br

**SUREG MT**

Ovídio Costa Miranda  
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510  
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino  
78015-240, Cuiabá (MT)  
Fone: (65) 3616-3803  
mt.sureg@conab.gov.br

**SUREG MG**

Oswaldo Teixeira de Souza  
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756  
Bairro de Lourdes  
30.180-150, Belo Horizonte (MG)  
Fone: (31) 3290-2800  
mg.sureg@conab.gov.br

**SUREG PA**

Moacir da Cruz Rocha  
Rua Joaquim Nabuco, 23  
Bairro Nazaré  
66.055-300, Belém (PA)  
Fone: (91) 3224-2374  
pa.sureg@conab.gov.br

**SUREG PB**

Gustavo Guimarães Lima  
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n  
Bairro Cruz das Armas  
58.085-010, João Pessoa (PB)  
Fone: (83) 3242-5864  
pb.sureg@conab.gov.br

**SUREG PE**

Roberto Pereira Lins  
Estrada do Barbalho, 960  
Bairro Iputinga  
50.690-000, Recife (PE)  
Fone: (81) 3271-4291  
pe.sureg@conab.gov.br

**SUREG PI**

Manuel Araújo da Rocha  
Rua Honório de Paiva, 475  
Sul – Piçarra  
64.017-112, Teresina (PI)  
Fone: (86) 3194-5400  
pi.sureg@conab.gov.br

**SUREG PR**

Erlí de Pádua Ribeiro  
Rua Mauá, 1.116  
Bairro Alto da Glória  
80.030-200, Curitiba (PR)  
Fone: (41) 3313-3209  
pr.sureg@conab.gov.br

**SUREG RJ**

Luís Roberto Pires Domingues  
Rua da Alfândega, nº 91  
11º, 12º e 14º andares  
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)  
Fone: (21) 2509-7416  
rj.sureg@conab.gov.br

**SUREG RN**

Luís Domingues  
Avenida Jerônimo Câmara, 1814  
Bairro Lagoa Nova  
59.060-300, Natal (RN)  
Fone: (84) 4006-7619  
rn.sureg@conab.gov.br

**SUREG RO**

Everaldo da Silva Santos  
Avenida Farquar, 3305  
Bairro Pedrinhas  
78.904-660, Porto Velho (RO)  
Fone: (69) 3216-8420  
ro.sureg@conab.gov.br

**SUREG RR**

Zelia Olanda Mar  
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A  
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana  
69.309-690, Boa Vista (RR)  
Fone: (95) 3224-7599  
rr.sureg@conab.gov.br

**SUREG RS**

Glauto Lisboa Melo Junior  
Rua Quintino Bocaiuva, 57  
Bairro Floresta  
90.440-051, Porto Alegre (RS)  
Fone: (51) 3326-6400  
rs.sureg@conab.gov.br

**SUREG SC**

Sione Lauro de Souza  
Rua Francisco Pedro Machado, s/n  
Bairro Barreiros  
88.117-402, São José (SC)  
Fone: (48) 3381-7270  
sc.sureg@conab.gov.br

**SUREG SP**

Alfredo Luiz Brienza Coli  
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,  
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista  
01.404-901, São Paulo (SP)  
Fone: (11) 3264-4800  
sp.sureg@conab.gov.br

**SUREG TO**

Vilmondes de Castro Macedo  
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado  
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul  
77.016-330, Palmas (TO)  
Fone: (63) 3218-7401  
to.sureg@conab.gov.br

**Distribuição:**

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)  
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)  
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)  
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF  
(61) 3312-6277/6264/2210/6230  
<http://www.conab.gov.br> / [geasa@conab.gov.br](mailto:geasa@conab.gov.br)



Ministério da  
Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento

